Nossia Voʁĉo

Nuestra Voz

אונדזער שטימע

우리 목소리

Proliferações 1022 Nossa Voz

“As medidas de quarentena evidenciaram a centralidade dos motoboys na logística urbana – foi, afinal, a mobilização permanente desse exército motorizado que produziu parte das condições necessárias para o home office dos trabalhadores mais qualificados.”

P. 09

“De alguma forma você recebeu minha mensagem. Uma conversa em meio à febre, estranha, como essa que estamos tendo agora, entre eus, sonhos, silêncios, desertos e confusões, enquanto atravessamos o tempo, nascemos e morremos nesse vale de lava.”

P. 14

“Vivemos um pouco presas ao paradoxo de não querer mudar, de proteger o presente e aquilo que temos, mas, ao mesmo tempo, saber que dentro de nós tudo está se movendo – que as bactérias das nossas tripas estão nos devorando um pouco a cada dia, e que temos de alimentá-las senão vão nos devorar todinhas.”

P. 59

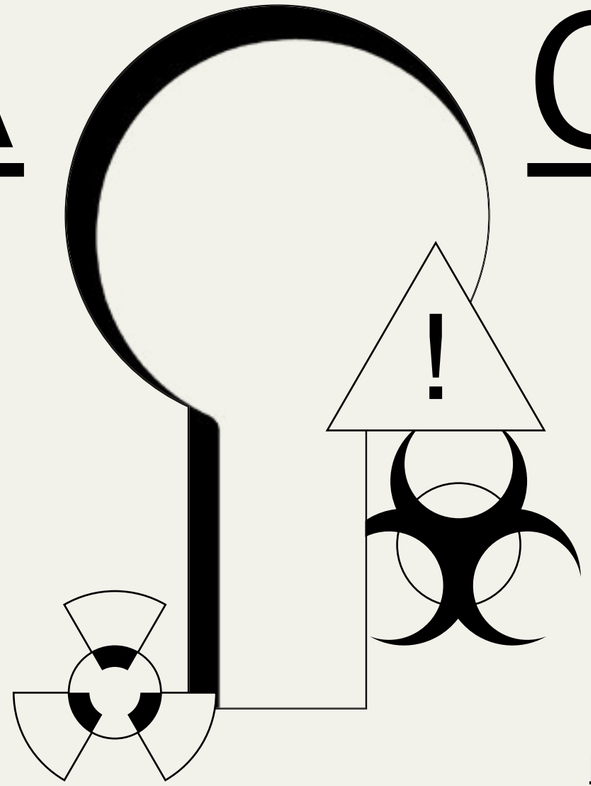
“O ídiche é uma língua tolerante. O princípio do ídiche é um princípio comunista: aquilo que é meu é meu, aquilo que é seu é meu também. De maneira que, no pior dos casos, se usa o inglês, polonês, russo. Tudo o que der na telha.”

P. 26

4	Lu Ain-Zaila	A caixa da senhora futurista
9	Amigos do Cachorro Louco	Entregadores em luta
13	Linga Acácio	Sonho febril
16	diversos autores	Ool Casa-escola
18	Silvana Bahia	Semáforo, geladeira, caneta-tinteiro [...]
22	Isaac Bashevis Singer, traduzido por Gustavo Emos	Por que escrevo em ídiche?
28	Ana Raylander Mártis dos Anjos	Sete e um palmos
33	Maíra Dietrich	Rekonζtrua Dosiero
38	Conversa com Jean Camoleze	Memória em movimentos
45	Fábio Zuker	Fazer-cinzas: combustão e tirania
51	Marcelo Rocha	O tempo é agora
53	Daniel Lie, Giuliana Furci, Brigitte Baptiste, Marilia Loureiro, Gabriel Massan et alii	Rotten TV
64	Geovanna Santana	Onde estão as crianças?
68	Breno Macedo, a partir de um relato de Marcos Macedo	De volta ao terraço: os Macedo e a Casa do Povo
72	Breno Macedo e Raphael Piva	*Palestra popolare*: amor ao boxe, ódio ao fascismo
74	NV	Editorial e ficha técnica

www.casadopovo.org.br
info@casadopovo.org.br
Rua Três Rios, 252
Bom Retiro, São Paulo
Ano LXXIV 2022 N. 1022

A CAIXA DA SENHORA FUTURISTA



por Lu Ain-Zaila
imagens por Laura Fraiz

Hoje faz um mês que a senhora partiu. Ela era diferente dos outros e de certa forma a temíamos por insistir que, na casa dela, eletrônicos dos novos tempos não entravam, algo que a minha geração achava mais assustador do que as conversas sobre fantasmas e aparições nas madrugadas da vila. E ainda por cima ela tinha aquela mania de enigma que nunca entendíamos, insistia em falar das testemunhas da história; logo, não a visitavam por acharem que estava louca, mas não era bem assim. Quando precisavam de algum alívio médico que o bem-estar do governo não tinha à disposição, a madrugada era a coberta perfeita de quem recorria àquela senhora para o alívio de suas dores visíveis ou não.

A maioria nunca acreditou, mas ela dizia ter sido enfermeira num tempo muito diferente do nosso e, verdade seja dita, ela era a mais lúcida de nós.

— Ah, menina, você de novo? Por que insiste se nunca entra?

— Mas desta vez quero entrar...

— Jura? Pois fique sabendo, menina, que nunca mais será como antes. Você.

— Eu sei, só não sei por que quero tanto saber.

Acertou em cheio a velhota naquela época, senhora de pele tão preta quanto a minha, olhos embaçados do tanto que viu do mundo, mas ainda assim insistentemente vibrantes e ainda por cima ela tinha aquela sobrancelha direita que subia uma colina que eu simplesmente não entendia como.

— Ei! Kinah? Você está me ouvindo? — perguntou o funcionário remoto da associação de moradores da vila pelo monitor da aranha-entregadora do bairro. Eu respondi que sim, mas para mim aquilo era simplesmente... nem sei dizer. Só sei que receber a caixa da senhora, suas coisas, destinada a mim após sua partida era algo que eu jamais seria capaz de imaginar. Mas lá estava ela, a caixa no lombo do bicho metálico, envolta num pano branco e bem enrolada.

A senhora se preparou para aquele momento, fez tudo para coincidir com o seu último dia, não deixando nada pendente, a não ser a minha curiosidade diante daquela caixa com cadeado que só eu saberia abrir,

dizia o bilhete, mas eu hesitei naquele mês inteiro abrir a caixa. Eu acordava, dava de cara com ela e ficava pensando se seria o dia ou não. E como eu disse, demorei até sentir que era a hora de encarar aquela mudança definitiva, pois eu tinha a certeza absoluta de que era isso o que tinha dentro da caixa, uma mudança sem volta, como no dia em que a conheci.

— Então é isso... chega de enrolação. Eu vou abrir essa caixa e descobrir o seu último enigma para mim, velhota. Aceito o seu desafio — pensei, antes de esboçar um sorriso meia-boca, pegar a caixa e abri-la.

Retirei o pano que a cobria e lá estava uma caixa toda trabalhada manualmente com recortes e pinturas. Eu nunca tinha visto nada parecido, era pessoal e dedicado a mim, muito diferente do padrão insosso das embalagens feias de tão luminosas ou refletoras. Só a caixa já era definitivamente um presente sem igual em lugar nenhum do mundo. Mas a senhora com certeza tinha algo maior em mente, e eu estava disposta a descobrir.

— Mas o que pode ser? —, me indaguei já descartando o óbvio, data de aniversário, número do casebre. Tinha que ser algo que só eu soubesse, retirado de meus encontros com ela. E eu estava disposta a me atrasar para o trabalho, valia a pena, pois eu tinha algo melhor para dar conta em mente.

— Esse cadeado é de seis números. Ela não deve ter dificultado esse... deve ser a data em que se tornou enfermeira —, testei e deu certo. A bendita caixa abriu e dentro dela havia um caderno de instruções sobre as plantas que cultivava no pé do morro, qual o propósito de cada uma. Também encontrei fotos antigas de uma mulher sorridente, a senhora, muito feliz sendo enfermeira. Fui passando o álbum uma a uma e percebi algo nas duas últimas, a feição daquela jovem tinha mudado, era séria, assim como seus colegas, todos de punho fechado e levantado, mas marcados com um “x”, exceto ela.

Na hora eu entendi o que significava, a senhora era a última viva daquele grupo, todos se foram há tanto tempo que era possível cogitar que só na memória dela viviam. E no verso de ambas as fotos li o primeiro nome de cada uma daquelas pessoas e fiquei imaginando o que significava. E um detalhe me chamou a atenção, atrás do grupo, ao fundo, vi pequenos e inúmeros reflexos vermelhos, arredondados, refletindo o brilho da luz que iluminou aquele último encontro. Não era possível saber onde foram tiradas, mas havia uma aura de bravura em cada um deles.

Então ouvi o segundo chamado, o bem-estar estava clamando pelos meus braços baratos que ainda não tinham partido para o trabalho e a cada dia aquilo me deixava mais angustiada, mas até esse sentimento ia esperar. Eu tinha algo melhor para fazer, entender o motivo daquela herança e busquei me apressar para descobrir qual era o item que ela queria que eu definitivamente achasse incomum, o enigma real, e descobri: uma chave. E a certeza só aumentou quando me dei conta do desenho, era o mesmo do uniforme dela e de seus colegas nas fotos antigas.

Pela terceira e última vez, a frase desgraçada vinda no vento avisava que era hora de voltar para a minha realidade de uma vez por todas ou seria melhor estar doente ou morta para assim não ser investigada e correr o risco de perder coisas ou acabar na mão dos Vigilantes para uma conversa, a primeira, amigável. Então me apressei para guardar a caixa e esconder a chave no assoalho falso no chão da cozinha.

Estava pronta para sair quando me veio um pensamento: aquela chave era nova e foi moldada nos fundos da casa da senhora, no chão azulado, embaixo da pia. Fui buscá-la. Mas por que me entregaria? Não entendi até ver o nome de um setor reciclável nela, que fica na área de ruínas das Cidades Esquecidas.

E subitamente uma vontade sincera de revirar escombros me apertou o coração, botei tudo no lugar e saí correndo,

a tempo de ver ladeira abaixo um êxodo vazio, indo preencher a cidade em que não morávamos com valores que não voltariam com a gente de jeito nenhum.

A viagem durava em torno de uma hora e vinte minutos, iam nos despejando por região e coletando os cidadãos. Os monitores de notícias entre um acontecimento e outro repetiam: “Confie em nós como sua fonte de informação oficial” e pela primeira vez decidi discordar daquela verdade com a qual essa sociedade cresceu e comecei a suspeitar da memória oficial que nos trouxe aos dias de hoje, pois as fotos da senhora me contavam outra história. Nela, as pessoas eram próximas, as vi em mesas conversando sem conferir em eletrônicos se o que diziam coincidia com as palavras do governo. Tudo era assim, qualquer discordância maior e você era convidado a esclarecer de onde tirava tal informação e sua vida poderia virar de cabeça para baixo, pois sempre tinha alguém disposto a sustentar a verdade do sistema sem se importar com a verdade das pessoas. E finalmente chegamos.

A revista foi como de costume, passei e fomos para os vagões que nos espalhavam pelos setores das antigas cidades. Meu setor estava a dois quilômetros do local da chave e só de pensar meu coração pulava de ansiedade. Eu queria correr para lá, mas precisava esperar ao menos pelo intervalo, pois pensar que tinha em minha bota um objeto que me daria acesso a algo que alguém viu, testemunhou, me fez ter coragem pela primeira vez de não me importar com as consequências sempre alardeadas pelo governo.

Acho que é por isso que a senhora não permitia eletrônicos em sua casa, porque quem entrasse nela experimentaria depender de si e se comunicar com outra pessoa, comparar fatos, indagar sobre o que não sabe, buscar por si mesma as respostas para as lacunas. E eu estava ali, agachada, separando materiais apenas com esse pensamento em mente.

O momento finalmente havia chegado, a hora do almoço era noticiada por um caminhão velho passando pelos grupos de coletores e distribuindo marmitas e um galão de água. Passei o marca-presença do meu pulso no relógio de ponto do caminhão e fui buscar um lugar para almoçar.

— Kinah, onde você vai almoçar? Fica por aqui mesmo...

— Nem pensar, pois o galão de água de ontem virou xixi aí mesmo, e não vou almoçar aí. Me deixa quieta, vou comer e dormir.

Assim, consegui a distância necessária para caminhar para fora do alcance dos olhos de qualquer um do grupo e por cautela esperei o caminhão sumir de vista para ter certeza de que ninguém veria para onde fui. E tendo confirmação de que estava só, suspirei como nunca antes na vida, a veia da minha testa saltava de curiosidade e tensão, mas não tinha tempo para isso.

Então me apressei a tomar o rumo daquela chave, daquela história ainda por contar da senhora, e me pus a andar com cuidado, mas também rápido. Fui pulando todos aqueles pedaços de tijolos cobertos de mato. E andei muito, por uma hora, fora da área de coletores, até chegar ao meu destino sem volta.

Sim, porque não tenho mais como retornar a tempo e fingir que nada aconteceu. Sempre foi uma via só de ida e lá estava eu, diante de um hospital, ou o que sobrou dele, a cratera era gigante e quase não tinha um primeiro andar, mas se tinha uma chave é porque ainda tinha algo lá a ser descoberto e ao chegar nos fundos do prédio vi o símbolo da chave num pedaço de parede no chão. Fui lá, empurrei, empurrei e então encontrei uma entrada, um portão de ferro que era possível deslizar, aquilo era algo novo, então...

Desci e fechei a entrada, mas em dois passos para dentro levei uma pancada na testa. Era um saco, abri e tinha uma lanterna novinha, peguei, segui pelo corredor cheio de coisas jogadas no chão, goteiras e ao iluminar as paredes percebi, não era um hospital e sim uma universidade, aprendi com a senhora.

Então segui pelo corredor que ainda existia e no final me deparei com uma escada, não parecia confiável, mas era o caminho e desci colada à parede uns quatro lances até chegar num outro corredor com escoras de metal. E de onde estava eu consegui ver que havia uma luz fraca na sala em frente, disse oi e na sequência ouvi a porta ranger, alguém veio abrir e para a minha surpresa era um robô de um metro, branco e de face-monitor arredondada com jeitinho infantil, sorrindo.

— Olá, senhorita, por favor se identifique através do objeto que a trouxe aqui.

Eu fiquei pasma e então revirei meus bolsos, puxei a chave e o robô a iluminou, leu e então esboçou um sorriso e disse: — Pessoal, a senhora doutora Zali conseguiu. A Kinah está aqui!

Nesse momento o robozinho fez sinal para eu segui-lo. Não pensei duas vezes, corri até a porta, abri e então vi inúmeros robôs como aquele e também pessoas trabalhando neles e em computadores que eu nunca tinha visto. O que me distraiu por um instante da alegria de todes que começaram a se apresentar e ver como um bom sinal a minha presença ali.

O grupo se apresentou e me explicou o que estavam fazendo: eles eram a segunda geração de resistentes ao governo que reescreveu a história do país sem pessoas, ou seja, todos conhecem um fato, mas não nomes dos que estiveram nele. Foi quando me apontaram uma foto grande, da senhora dra. Zali com seus colegas médicos, cientistas e educadores, nela todos sorriam porque mantiveram a esperança de acreditar que encontrariam pessoas, mesmo dentro do sistema com suas ameaças, dispostas a mudar. E eu era a última aposta da senhora.

Uma verdade sem testemunhas e sem relatos sempre deve ser considerada suspeita, essa frase estava escrita em todas as paredes, e aqueles robôs fariam parte de uma nova empreitada. O grupo conseguiu se infiltrar nas empresas escolhidas pelo governo para o controle da educação pública. Era fato que a educação nas periferias era diferente daquela dada nos centros, não pelo conteúdo, mas pela aplicabilidade e profundidade, e esses robôs tinham uma dupla função: interferir na lógica educacional dos alunos do último ano, anualmente enviados para competições educacionais nas quais sempre perdem, não só a autoestima, mas cargos, vagas de educação superior etc.

A ideia é infiltrá-los no próximo ano, na seleção prévia de estudantes para os Jogos Meritocráticos, camuflando no perfil um segundo perfil, de estudantes aptos a participar de uma revolução, aqueles já desconfiados do sistema. E fazendo isso, desejam criar um ambiente propício para uma outra função crucial, a infiltração e implosão do sistema que sustenta o governo autoritário.

Por isso estão todos ansiosos, faltam poucos meses para testar a dupla função dos robôs que vão permitir o hackeamento do sistema dos jogos, covarde e desigual. E enquanto os jogos acontecem, os robôs presentes no local com as equipes inserirão algo como bombas lógicas ao redor do sistema central que possui uma brecha, exposta no dia da vitória se conectando a todas as bases de dados, deixando o sistema de segurança e o banco histórico vulneráveis. A ideia é substituir e pulverizar milhões de zirobytes em dados e testemunhos de pessoas sobre a história e culturas do país, o golpe e tudo que o sistema autoritário acredita ter sido extinto, mas que foi salvo pelos pesquisadores nos primeiros robôs médicos da época, escondidos no subsolo da universidade antes do caos.

A jovem ouve tudo e logo percebe a importância do que estava sendo feito ali, quer ficar, porém não pode. A senhora queria vê-la em seu lugar, assumindo a casa, ponto de encontro de rebeldes, os tais fantasmas e visitantes vistos na madrugada da comunidade. A sua volta se dará pela enfermaria, um caminhão alimentício com um aliado a espera para devolvê-la ao seu dia de trabalho sem que ninguém note.

Kinah concorda em assumir o lugar da senhora e se despede de todos. E descobre que infelizmente não poderá voltar até o período dos jogos. Não é o que gostaria, mas está feliz.

Ao sair do prédio tem a sensação de que o pôr do sol está diferente, anunciando um novo dia no horizonte. De liberdade para saber de onde veio, quem efetivamente é e especular as possibilidades de futuro que imaginar e quiser. Esse dia chegaria para os outros algum dia, mas para Kinah já era uma realidade sem a menor chance de voltar a quem era antes da senhora que a ensinou sobre os seus, quem já estava aqui, quem veio, as alegrias, tristezas e, apesar de dias nada fáceis à frente, a agradecer nas palavras de todos os seus eus.

Mukuiu. Motumbá. Kolofé.

Responda se você sabe de onde é.... ■

Lu Ain-Zaila é pedagoga. Escritora afrofuturista das obras *Duologia Brasil 2408 - (In)Verdades e(R)Evolução* (2016-2017), *Sankofia* (2018), *Ìséguin* (2019) e contos. Também faz pesquisas relacionadas à educação e literatura, e, claro, aos conhecimentos que atravessam e desenham o Afrofuturismo.

Laura Fraiz (São Paulo, 1996) é uma artista multidisciplinar que trabalha principalmente com vídeo, performance, pintura, desenho e escrita. Partindo de sua perspectiva como mulher latino-americana, aprofunda os tensionamentos entre violência e desejo, ficção e realidade, controle e desobediência. Em 2018, foi uma das ganhadoras do Prêmio Transborda Brasília. Em 2021, expôs um trabalho inédito no Pivô Satélite, da Pivô Arte e Pesquisa, em São Paulo.

ENTREGADORES EM LUTA

Inventário de táticas sobre duas rodas

por Amigos do Cachorro Louco

O cenário de devastação agravado pela disseminação do coronavírus no país impulsionou, ao longo dos últimos dois anos, a intensa proliferação dos aplicativos e serviços de entrega. As medidas de quarentena evidenciaram a centralidade dos motoboys na logística urbana – foi, afinal, a mobilização permanente desse exército motorizado que produziu parte das condições necessárias para o home office dos trabalhadores mais qualificados. Contudo, o aumento da demanda por serviços de delivery não se traduziu em um aumento da remuneração, já que muita gente que perdeu o emprego durante a pandemia foi trabalhar nos aplicativos e, dessa forma, o número de entregadores na rua também cresceu.

Mais gente passou a fazer entregas, o custo de vida não parou de subir e os aplicativos continuam pagando taxas miseráveis. Nesse contexto, desde o início de 2020, protestos de entregadores eclodiram por todo o país. Em geral, as ações são organizadas por motoboys que trabalham na mesma região, através de grupos de WhatsApp essenciais para o cotidiano do trabalho, nos quais é comum compartilhar estratégias para maximizar os ganhos, avisar sobre uma blitz policial ou uma moto roubada, vender bags, capacetes e peças mecânicas, reclamar dos aplicativos ou mandar aquele “bom dia” pra geral. Muitas dessas redes se fazem e se desfazem com a mesma velocidade da circulação das motos em meio ao trânsito, e havia pouca ou nenhuma articulação entre essas mobilizações. Durante os primeiros meses daquele ano, numa tentativa de coordenar esforços e chamar mais atenção, começa a se espalhar a ideia de uma paralisação nacional. No dia 1º de julho de 2020, acontece o Breque dos Apps.

Desde então, os protestos se multiplicaram e os entregadores passaram a ocupar um lugar de destaque nos noticiários. Este levantamento de táticas, com base no que aprendemos acompanhando a mobilização dos motoboys e bikers em muitos cantos do país, pretende contribuir modestamente para registrar e articular tais enfrentamentos. Os exemplos vindos da linha de frente dos conflitos detonados por essa “nova forma de trabalhar”, que parece anunciar o futuro de diversos outros campos, mostram que, do lado de cá, também estamos sempre a inventar novas formas de lutar.

Breque

“Tá fechado! Ninguém trampa! Enquanto não melhorar nossa taxa de entrega, ninguém entra, ninguém sai, já era. Ninguém tira pedido hoje!”, anunciava um motoboy no dia 1° de julho de 2020, em frente ao bolsão de motos do Shopping Morumbi, na zona sul de São Paulo. Logo pela manhã, o áudio já circulava em grupos de entregadores no WhatsApp, ao lado de outras gravações em inúmeros pontos de bloqueio, marcando o início da primeira paralisação nacional da categoria.

Naquele dia, entregadores de todo o Brasil interromperam a saída de pedidos em shoppings, restaurantes e galpões logísticos, bloqueando a entrada dos estabelecimentos com **pirâmides de bags**, faixas e muita prosa com quem chegava para trabalhar. Para evitar prejuízos, restaurantes desligaram suas plataformas e, enquanto os estabelecimentos estavam “brecados”, os serviços de entrega por aplicativo ficaram indisponíveis aos clientes.

Desde então, a tática do **breque** vem sendo utilizada com frequência em protestos e paralisações por todo o país.

Pirâmide de bags

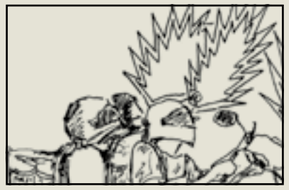
As bags coloridas com o logotipo das empresas de aplicativo são utilizadas no dia a dia de trabalho dos entregadores. Mas, durante a luta, podem assumir outra função. **Pirâmides de bags** foram erguidas diversas vezes em protestos, em alguns casos para bloquear a entrada de estabelecimentos ou a rua, e em outros como ato simbólico para divulgar a mobilização.

Motoata

Na tarde do dia 1° de julho de 2020, depois de **brecar** estabelecimentos em diversos pontos de São Paulo, os entregadores se juntaram na Avenida Paulista e a multidão motorizada se dirigiu até a Ponte Estaiada. Volumosas e barulhentas, as **motoatas** tomam conta de ruas e avenidas e ajudam a dar visibilidade às paralisações, chamando a atenção da mídia e da população. Os manifestantes andam em bonde, em velocidade reduzida, provocando engarrafamento por onde passam.

A **motoata** é uma tática que divide a opinião dos entregadores: uma parte aposta em sua visibilidade como uma arma decisiva na guerra contra os aplicativos que dependem da boa imagem, enquanto outros a consideram ineficiente por não interromper diretamente a saída de pedidos.

Enquanto isso, o poder público tenta reprimir a mobilização, aplicando multas que podem passar de cinco mil reais e retirando a licença para dirigir. Buscar formas coletivas de enfrentamento a essa repressão é um próximo passo.



Buzinaço

Em São José dos Campos, um grupo de motoboys se juntou para apoiar colegas que sofriam humilhações nos restaurantes onde trabalhavam. Quando um entregador relatava um abuso através do “Grupo de **buzinaço**” no WhatsApp, os demais se uniam para ir até a porta do estabelecimento fazer barulho e cobrar uma resposta. “Tinha um rapaz que trabalhava das seis da tarde à meia noite, que estava rodando doze quilômetros pra ganhar um real. Terminava a noite com 40, 50 reais. A gente foi lá naquela função de moto, buzinando, acelerando, e conversamos com o dono do estabelecimento, que pediu até desculpas pro motoboy”, contou um entregador mais tarde, durante a greve que **brecou** as entregas por aplicativo ao longo de seis dias na cidade.

Pedido fake

Quando os entregadores estão juntos brecando algum estabelecimento, é comum que se organizem para fazer **pedidos fakes**. O grevista entra no aplicativo como cliente e faz um pedido para ser entregue em um lugar distante e de difícil acesso. Sem encontrar cliente algum no local indicado, o fura-greve vai perder a viagem, o tempo e a gasolina que gastou até ali. Outra tática é colocar o endereço de um dos pontos de bloqueio, fazendo com que o fura-greve dê de cara com os manifestantes, que se recusam a receber a entrega. No final, o aplicativo sempre devolve o valor do pedido ao suposto cliente.

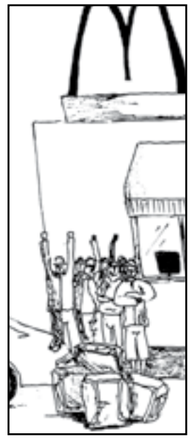
Quando **pedidos fakes** se espalham em uma greve, quem quer furar a paralisação pensa duas vezes antes de sair de casa para trabalhar. Esse truque começou a ser utilizado em breques no início de 2021 e logo se espalhou pelos grupos de WhatsApp dos entregadores, através de vídeos que ensinam passo a passo como fazê-lo. A estratégia é conflituosa, mas junto com o **breque** pode dar um gás a mais na luta. O risco é achar que os **pedidos fakes** possam, por si só, sustentar uma mobilização – mas somados aos piquetes, **motoatas** e outras formas de ação coletiva, potencializam a multiplicidade da luta sobre duas rodas.

Ronda

Era sábado, 11 de setembro de 2021, novo dia de paralisação nacional dos entregadores. No final da tarde, circulava em grupos de WhatsApp a notícia de que um comboio de motoboys acabara de passar em uma dark store da Rappi, espalhando cartazes e adesivos da paralisação, buzinando, “tirando de giro” e dando um apavoro em quem estava ali furando a greve. Espalhadas por regiões residenciais da cidade, essas lojas voltadas para a modalidade “Rappi Turbo” têm um estoque de produtos variados, prontos para serem coletados e entregues em até 10 minutos a partir do pedido no aplicativo.

A mesma cena se repetiria noite adentro em outras lojas da empresa e, em um curto período de tempo, vários estabelecimentos receberam uma visita desse “fantasma sobre duas rodas”, que ninguém conseguia identificar. Em **ronda,** o grupo aproveitava a velocidade e agilidade da moto para **brecar** vários lugares ao mesmo tempo.

Na mesma data, à noite, outra **ronda** de motos patrulhou a zona leste de São Paulo: com **buzinaços** em frente de cada uma das lojas fast-food da região, o gerente era forçado a desligar as plataformas de delivery. E enquanto saíam em direção ao próximo restaurante, os entregadores seguiam monitorando se as lojas continuavam indisponíveis no aplicativo; se alguma delas voltasse a abrir, o bonde todo retornava e redobrava o barulho.

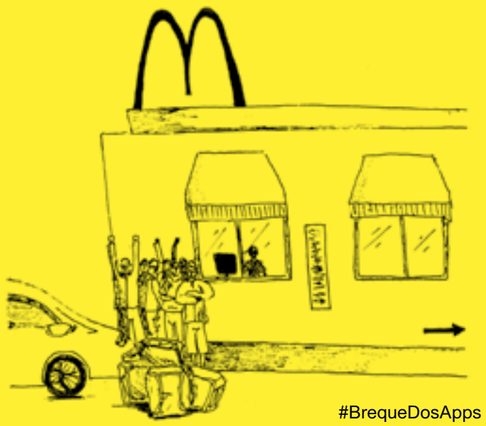


Breque no *drive-thru*

Para que a comida do cliente não esfrie, é comum que os restaurantes chamem o entregador bem antes de finalizar o preparo. Só que, ao chegar no estabelecimento, o entregador é obrigado a ficar esperando, sem receber um tostão do aplicativo pelo tempo em que permanece ali.

Em horários de pico, como sexta e sábado à noite, as redes de fast-food costumam priorizar os lanches do drive-thru em vez dos pedidos para entrega, e os entregadores chegam a ficar mais de meia hora esperando na frente do restaurante. Além de organizar **buzinaços**, não é raro que motoboys e bikers travem a entrada de carros no drive-thru de um McDonald’s ou Burger King para pressionar o restaurante a liberar os pedidos.■

Os Amigos do Cachorro Louco estão espalhados por aí, preocupados em apoiar, noticiar e refletir sobre os conflitos motorizados das metrópoles brasileiras.



SONHO FEBRIL

por Linga Acácio

Impossível, te pego em meus braços, desmaiado e com o corpo quente. Despertei quando senti em mim a reverberação da tua queda. Sinto tua pele, ajo como se soubesse o que fazer, uma calma estranha guia minha mão em tua testa, meço o grau do teu incêndio com meus nervos. Tanta raiva… um portal à tua frente. Molho tua boca, aos poucos abro teus lábios pregados de poeira. Trago água pois conheço a sede que amaldiçoa tua existência, desertificaram teus vales em meio à guerra. Em silêncio eu digo: estou aqui.

Sempre estive e disso você já sabe. Confie, beba água e não se arrependa. Logo a mornidão do mundo largará teu corpo. Com o ferro do sangue e o calor do pus forjaremos as ferramentas para tratar o sonho febril em que você está arremessado agora. Na febre não há descanso, há um trabalho a ser feito e é você quem tem que operá-lo. Livre-se: quando o mundo te atravessar deixe que algo se vá junto com ele. Serei tua guia enquanto hidrato teu corpo por dentro e alimento de vida tuas moléculas. Serei tua guia, enquanto hidrato teu corpo por dentro e alimento de vida tuas moléculas.

Filipe, você não está sozinho. Teus murmúrios ressoam no meu estômago uma sinfonia daquilo que não tem verbo. A quentura nos convida a aceitar nossa dor diante do mundo. Criar fluxo nessa concentração energética, refazer os laços e deixar algo pra trás. Fabularemos juntas as possibilidades de caminhar no deserto. Faremos desse mundo um lugar onde nossas feridas não serão maiores que nossos amores. Sim, é tudo sobre o amor e disso você já sabe. Tramaremos então um plano.

Proponho aqui elaborarmos essas dores com determinação, na criação de uma metodologia maleável, que traga em si uma qualidade do que é elástico e proporcione a nós uma vivência flexível e porosa, que seja possível operar contorções necessárias para gerar uma vivência mais adaptável. Viscosa. Cuidaremos com cúrcuma e alho de nossas infecções, trataremos aquilo que dói e não mais negaremos que nada machuca, nesse processo criaremos a várias mãos a possibilidade de que nossas feridas cicatrizem. Resistimos à brutalidade que forja esse território parasitado. A cada pulo você se distanciava para além do conforto, descansar nunca era uma possibilidade. Todo corpo como prova da dureza do mundo. Disso você já sabe: **JOGAR-SE NO ABISMO E TER A CERTEZA DO CHÃO**. Será? Em vez da certeza do chão, e se criarmos asas?

Daí, faremos ninhos no topo da montanha e nossos ovos serão de ouro. Com os olhos fechados vislumbraremos o abismo de cima. Com movimentos improváveis sondaremos a profundeza do precipício e voltaremos ao topo do espinhaço. Ficaremos assim, com o corpo em constante fluxo e esse mover não será somente sobre despencar, fracassar e dar de cara no chão. Hoje, começamos um novo ciclo.

Essa manifestação é um alerta, acorda e segue com o vento, já chega de ter medo de voar. Partilho acolhermos as terras, os rios e o estradiol que nos compõem. Arar o campo, recolher a água e plantar nossos fitoestrogênicos. De nosso terreiro colheremos peitos de linhaça como armadura contra qualquer mal ao coração, agarraremos bundas de gergelim e nosso cu será como o sol a iluminar nosso desejo por vida. Cabelos de amora negra, dentes de alho, fígado de pistache, cara de ameixa seca. Nossa vida será próspera e nossas dores poderão ser sentidas e trabalhadas. Como um músculo que se rompe ao ficar mais forte. Os machucados serão acalantados por finas águas frias. Nessa partilha acolheremos a nós mesmas e então poderemos movimentar a dor junto à vida. Abrir-se ao sentimento, aquilo que nos afeta no mundo.

“Livre-se: quando o mundo te atravessar deixe que algo se vá junto com ele. Serei tua guia enquanto hidrato teu corpo por dentro e alimento de vida tuas moléculas.”

“Nossa vida será próspera e nossas dores poderão ser sentidas e trabalhadas. Como um músculo que se rompe ao ficar mais forte.”

Essa palavra se faz enquanto testemunho de nosso encontro e desejo que você siga e que tua coragem seja do tamanho da própria vida.

Não tenha medo, Filipe. Volto ao elo e darei à luz a mim mesma. Rompo-me de ti. Sustento teu peso de forma provisória pois tuas pernas estão fracas demais, a parasitagem se apossou, sugou tua força e o medo te fez implodir. O corte precisa ser feito enquanto as palavras estão no ar. Amolo a faca e desejo que aprenda a diferença entre medo e cuidado antes que te arrebente de novo no chão da descrença. Esse medo acompanha teu deserto, destrói tua fé e te arremessa numa angústia profunda, distante da expansão que constitui teu destino. Se cuido de ti agora é porque desejo o amanhã. Desobedeço às leis e instauro entre nós uma constituição pelas nossas vidas. Partilho contigo a fé nas estrelas e nos miolos das maçãs. Banhada, me nutro e viajo no tempo, no fundo da caverna, à beira do inferno de nós mesmas, uma rosa banhada de sangue por toda a eternidade. Lembre que o amor, essa coisa que fere e rasga, também é feito ao acaso, do lixo e das sobras, do sossego e da fúria. Tomo nosso cordão na mão, seguro firme, sustente! Levanto a faca e, num só golpe, o corte garante o movimento, o fluir da seiva a regar esse manto que também é casa. Irei demorar a falar com você de novo, darei graças de trocar contigo mais adiante, ambas velhas e de cabelos brancos em mais uma volta a refazer as tramas.

No impossível da tua morte, eu acordei. Logo antes, eu estava a sonhar com nuvens em chamas e estátuas derretendo. Eu assistia a uma imensa parte da cidade queimar. Gritos, pessoas corriam desesperadas. Apesar do fogo, fazia frio. Em meio ao caos, você surge atordoado.

– ... – um engasgo, minhas palavras não saíram da boca.

De alguma forma você recebeu minha mensagem. Uma conversa em meio à febre, estranha, como essa que estamos tendo agora, entre eus, sonhos, silêncios, desertos e confusões, enquanto atravessamos o tempo, nascemos e morremos nesse vale de lava. “Permaneça!” ficou entalado na garganta. Você respondeu escrevendo e desenhando no chão formas, não sei bem se palavras, entre teus sinais percebi algo reconhecível, as mãos entrelaçadas formavam uma cuia e eu lia entre os vincos de teus dedos, “cuide”. O desafrouxar das margens levou tuas mãos a contornar uma linha circular, uma elipse frenética a desenhar um jato de sangue em forma de ovo no chão, “criança”. Um respiro ofegante e as movimentações tornam-se mais lentas espaçando pontos e linhas soltas entre os pés e os braços, um pequeno salto, “rio”. Uma grande explosão, erupções emergem por todas as partes.

O calor era insuportável, um vulcão se entranhou em nós.

Em meio a criaturas feitas de tentáculos, 200 toneladas de óleo a queimar, espalhadas na praia, quente. Explosões internas. Algo ameaça romper a fina camada, centímetro a centímetro rumo à liberdade, ao contato com o oxigênio. Que coceira! O sopro de um fantasma antigo. **A DESTRUIÇÃO COMEÇA ANTES DO FOGO**. O tempo é coisa viva. **MIRAGEM**. Fome-aniquilação-ressaca. Silêncio, ponto de vista sobre o que não existe. O que não deveria existir, existe, e se torna criação de sonho dentro de sonho. Atravessar o caminho do meio, das criaturas híbridas e dos corpos polimorfos. **NENHUM E TODOS**. Oceano breu. Os cacos arrastados pelo mar, restos de casas em que você nunca viveu mas sentia as paredes e os telhados desabarem sobre teu corpo. Segue o caminho das águas, elas te levarão de volta pra casa.

Você fechou os olhos. Seu corpo lentamente foi inclinando pra frente, estava prestes a desmaiar, corri em sua direção e pouco antes de te segurar eu acordo, contigo, em meio à poeira.

Agora é noite. Na escuridão foi quando pude me situar. 30º a norte da estrela Dica, 50º a leste do cinturão de Órion, 12º ao sul de Estela. E eu? Também estou a atravessar meus desertos, em outros planos simultâneos a esse em que estamos agora. Iremos pra casa, serão dias cruzando diversas dimensões.

Levantei uma morada para ter onde descansar o peito e lá você será bem-vindo. Foram tardes quentes com a terra em minhas mãos. Enquanto fazia os tijolos, eu pensava em tudo aquilo que antes era fim e agora é começo. Uma imensa água a desorganizar o mundo para logo organizarmos de novo. Tudo aquilo que antes era destroço se transformou em alicerce, eram nossos baldrames sendo feitos em minhas mãos, e das tantas que estavam comigo. Fizemos 2 mil tijolos ao longo de 3 meses...

A caminho do mar, teu corpo brotará entre as nascentes, haverá sol e lua para todes.

Com as mãos em tua testa sinto uma intensa atividade, teu caminho segue entre o sono e a vigília. Prepare-se, viva esse sonho e dele retorne, a gira cósmica irá te mostrar o caminho. Beba água, molhe a garganta e hidrate o delírio que é nascer.■

Com carinho,
Linga

“O calor era insuportável, um vulcão se entranhou entre nós.”

“De alguma forma você recebeu minha mensagem. Uma conversa em meio à febre, estranha, como essa que estamos tendo agora”

Linga Acácio é artista e curadora cearense. Pesquisa, escreve e produz conhecimentos que se contaminam entre a performance, interseccionalidade, desobediência anticolonial e virologia.

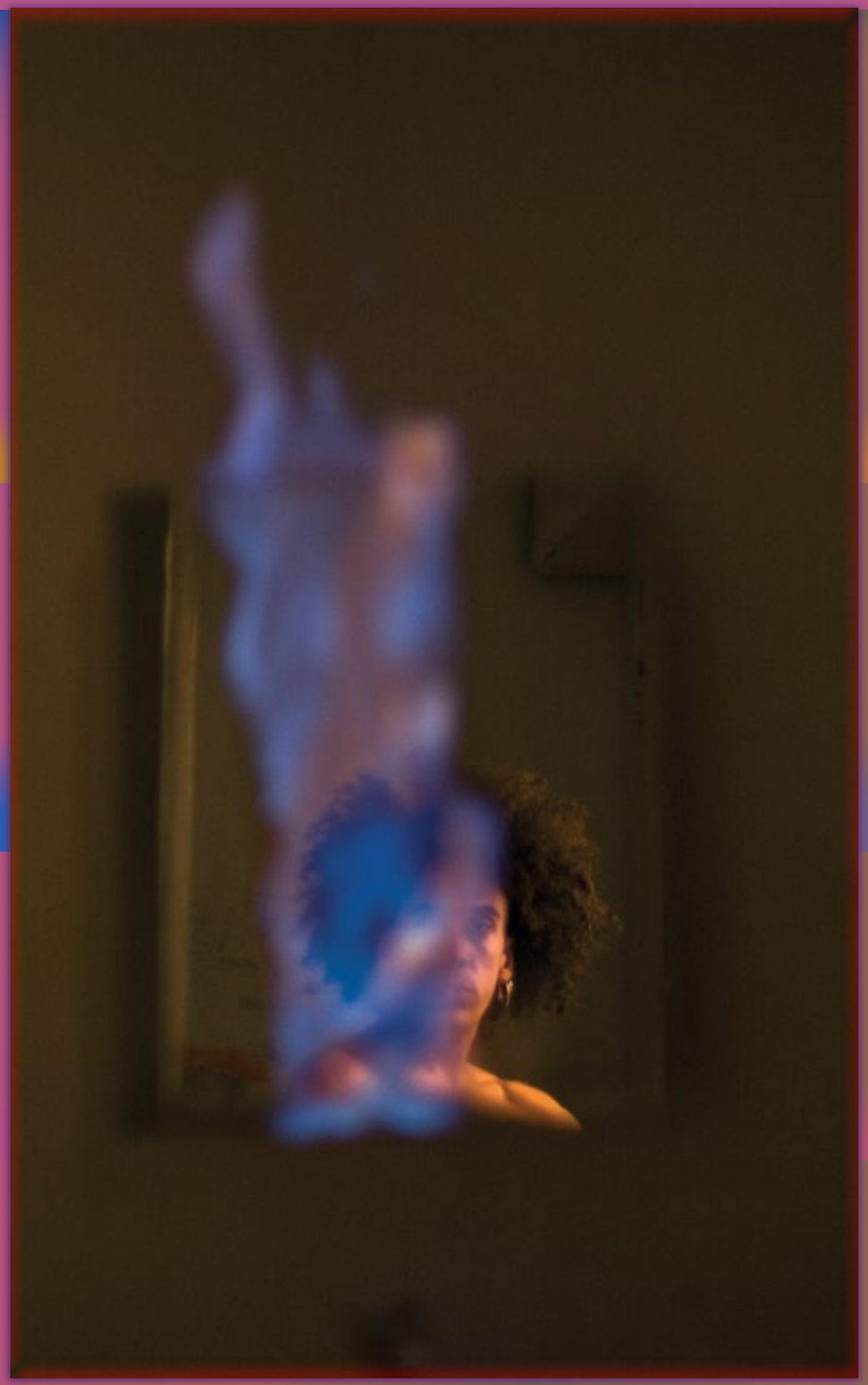
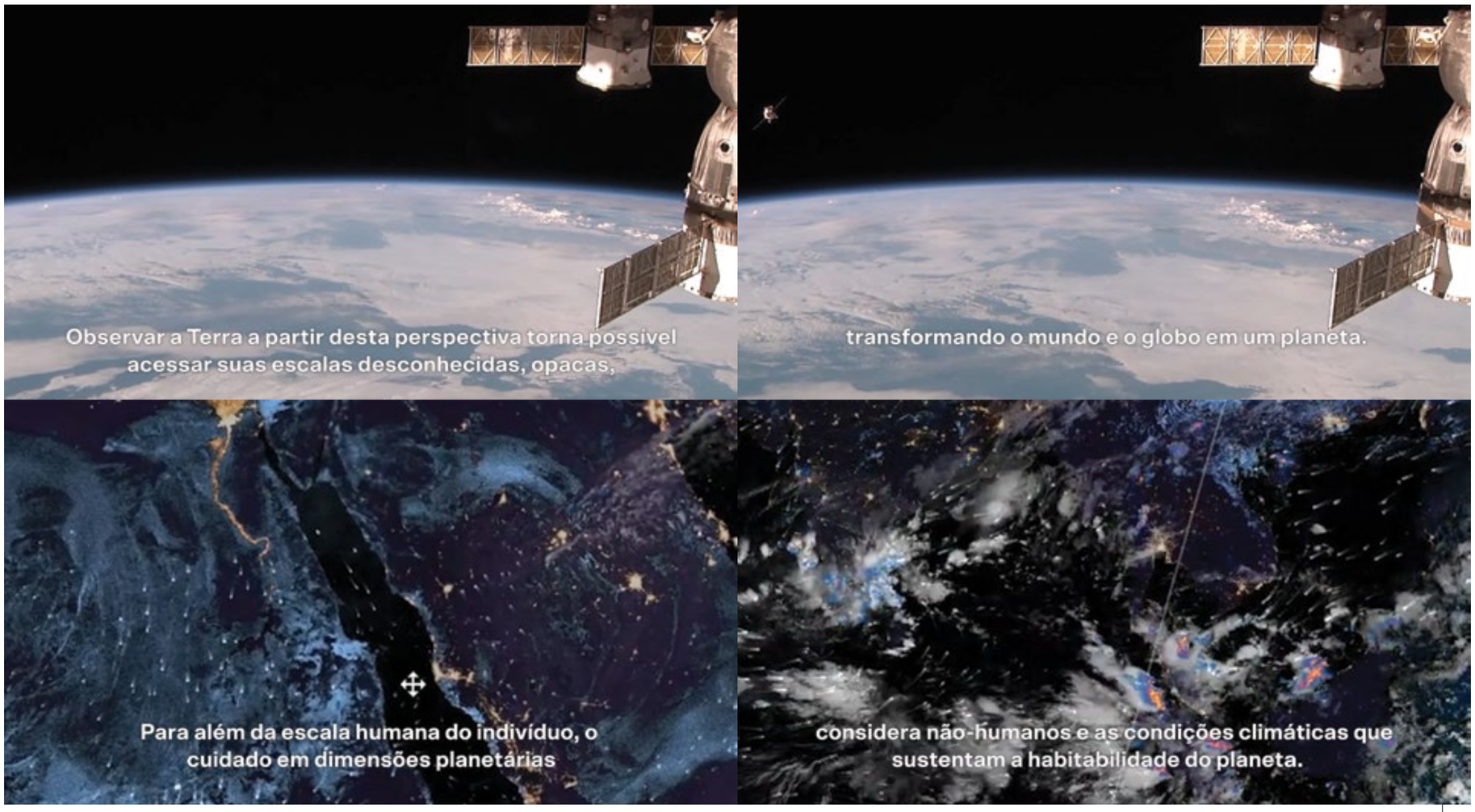


Foto: Linga Acácio. *Renascer* (2020)



Ool, primeira edição da CASA-ESCOLA, reuniu 20 participantes que foram divididos em dois grupos ao longo de 2021 e 2022. Com coordenação pedagógica de Luiza Crosman, contou com a tutoria de Alice Noujaim, Amara Moira e Guilherme Marcondes. Participantes do primeiro grupo se reuniram em três subgrupos – “Corpos e Textos”, “Arquivo e Escombros” e “Cenários e Diagramas”. Os dois últimos subrgupos realizaram os trabalhos aqui publicados.

OOL CASA-ESCOLA

Anomalia, 2022 (vídeo, 3’51’’)
Realização: Beatriz Ferreira e Sérgio Costa; Edição: Renata Sá; Composição sonora: Luisa Lemgrube. Aponte a câmera do seu celular para o código QR e assista ao video.
↱ bit.ly/anomalia-ool

Cenário e diagramas

Em um momento no qual distopias nos cercam e proliferam, exercitar a utopia é um desafio. O grupo de trabalho “Cenários e Diagramas” focou em imaginar e visualizar rotas de escape possíveis, sonhadoras, absurdas e utópicas da realidade atual de crise climática, econômica e sociopolítica. Cenários e diagramas não são prescrições. São múltiplas direções não excludentes. O exercício tem base no método de planejamento de cenários, uma atividade exercida por grupos de inteligência desde a Guerra Fria e atualmente pelos principais órgãos de legislação climática, como forma de traçar futuros dos mais prováveis até os mais absurdos e dessa forma ampliar o possível ao transformar a distância entre o futuro e o presente em histórias. **Luiza Crosman**

Grupo formado por Beatriz Ferreira e Sérgio Costa com tutoria de Luiza Crosman

Arquivos e escombros

1 2 3 4 5

Arquivar e apagar; lembrar e esquecer; salvar e destruir. No grupo de trabalho “Arquivos e Escombros”, da Ool CASA-ESCOLA, a evocação a estes pares sempre esteve presente nos debates. O que se escolhe rememorar e o que se escolhe pulverizar? A disputa pelo poder em suas mais distintas facetas se dá, em grande medida, em atos que constroem algo nos escombros do que se busca apagar. É nesse jogo entre mostrar e esconder que projetos societários são formulados. Quem é tomado como modelar usa de todo seu arsenal para desmembrar e fazer esquecer o que lhe precede. Mas isso não significa que os corpos rejeitados e seus projetos de vida se deixam esquecer ou deixam de sonhar com outras possibilidades de existência. Seja tratando de monumentos em ruína, novos projetos arquiteturais ou, ainda, corpos em combate por sua existência, a busca incessante parece ser por desmantelar o projeto de sociedade iniciado cinco séculos atrás visando outros projetos de memória, ação e existência coletiva.

Esse conjunto de provocações é como se fosse uma sala em que cada texto se oferece como uma fresta por uma porta entreaberta, por onde podemos vislumbrar diferentes memórias, arquivos, ruínas, tempos: um edifício de luxo abandonado em Fortaleza, paisagens sobrepostas de São Paulo, que acumulam camadas visíveis e invisíveis, um lote de cemitério em Curitiba que garante a preservação da memória de suas mortas, um museu comunitário que conserva a memória das remoções urbanas e se oferece como instrumento de resistência urbana. Dos escombros proliferam outros arquivos, histórias, memórias e lembranças, que convidam a reverberar outros projetos de vida. Conexão Rio de Janeiro × Fortaleza × São Paulo, 23 de dezembro de 2021. **Alice Noujaim e Guilherme Marcondes**

Grupo formado por Daniela avellar, Gleyce Kelly Heitor, Leonardo Araújo, Sérgio Costa, Vitória Garbada, com tutoria de Alice Noujaim e Guilherme Marcondes

17 1 **Daniela avellar**
27 2 **Leonardo Araújo**
31 3 **Vitória Garbada**
41 4 **Sérgio Costa**
43 5 **Greyce Kelly Heitor**

As intervenções dos participantes deste GT estão espalhadas pelas próximas páginas do jornal, **sempre com um número branco no fundo preto ao lado.**

1

Escrevo desde um Rio de Janeiro ensolarado e quente. Alta é também a temperatura da febre que anuncia a estranheza na recepção quando um vírus penetra o organismo. Ao mesmo tempo, a febre faz o corpo tremer de frio. Uma memória febril me reporta a outro ponto do sudeste. Há poucos dias passava um período em São Paulo. Mais especificamente, uma memória fraturada me faz voltar a um passeio feito pelo Bom Retiro. Assim, traçando um percurso imaginativo entre a zona sul carioca e o centro da capital paulistana, penso em dinâmicas virais como ferramentas para se pensar a criação de comunidades por via do contágio.

O espaço por onde caminhávamos é local de transculturação e mistura. Mas não se trata apenas de assimilar uma cultura na outra. Assim como, para além de um corpo infectando o outro, podemos pensar em um processo coletivo que se sobrepõe. Os aspectos concretos e simbólicos do bairro do Bom Retiro formam alguma hibridização, enquanto criam disjunções entre tempo e espaço. E nelas residem fronteiras onde culturas diferentes se tocam e ocupam o mesmo território. A fronteira e o arquivo estão sempre deslocando discursos em torno de ideias como essência e origem, fazendo a memória disseminar, como um existir no modo tradução contínua. Mas uma tradução febril, capaz de traduzir tremendo, tomando sobras, restos e pedaços de modo a traí-los, em um repetir na diferença, um perpétuo caminhar.

Minha memória em calafrios pressupõe seu arquivo como um paradoxo em movimento. Se seu conteúdo tradicionalmente conserva e congela o tempo, como pensar seus escombros também em deslocamento? Ao caminhar pelo Bom Retiro, nossos passos eram ora mais ritmados, ora mais diferenciados. O arquivo é algo que estamos, de algum modo, sempre repetindo. Tal como o vírus, a memória pode ser pensada a partir da disseminação, que no limite sempre arquiva algo novamente e nesse processo tem algo que difere ou descarrilha. Que causa a febre. Essa potência virótica não é só polissemia deliberada, mas indica uma dimensão de proliferação que suspende qualquer local ontologicamente fixo para seus conteúdos. Os dias em São Paulo me aparecem como imagens e sons latentes e virtuais, tremo e não acho memória ostensiva. Tento encontrar o um, a verdade, mas não acho. Só encontro, em febre, onde é possível recortar. O arquivo tomando forma como ficção espectral, como uma repetição fatal, mas um aberto vir a ser. **Daniela Avellar para Ool Casa-Escola**

por Silvana Bahia

SEMÁFORO, GELADEIRA, CANETA-TINTEIRO, PINO DE GOLFE, FILAMENTO DE CARBONO PARA LÂMPADAS ELÉTRICAS

O QUE TODOS ESSES OBJETOS TÊM EM COMUM?

Do começo: não seremos mais as primeiras

Meu nome é Silvana Bahia, ou Sil, eu sou carioca, filha e neta de empregadas domésticas. Também sou codiretora do Olabi — uma organização social focada em inovação, tecnologia e diversidade, que fica no Rio de Janeiro —, além de mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense (UFF). O debate sobre racismo sempre esteve presente na minha vida, mas se firmou e ganhou novos contornos por volta de 2011, quando comecei a trabalhar no Observatório de Favelas, uma organização social do Rio de Janeiro, na favela da Maré. Foi a primeira vez que entrei em um lugar onde todos os jornalistas eram negros. Depois disso, nunca mais deixei de ser ativista contra as desigualdades raciais no Brasil.

Em 2014, na mesma época em que fui uma das pessoas responsáveis pela comunicação do filme *Kbela*, realizado por Yasmin Thayná, participei de uma oficina, a Rodada Hacker, com metodologia pensada para ensinar mulheres a programar, e ali a semente da tecnologia foi plantada na minha vida. Passado mais um tempo, fui trabalhar no Olabi e, circulando por eventos de inovação e tecnologia, percebi que não havia mulheres, principalmente mulheres negras ou pessoas negras no geral, naqueles espaços. Daí comecei a pensar no que eu poderia fazer para trazer as mulheres que se parecem comigo para essas discussões.

A partir disso, surge a PretaLab, uma iniciativa do Olabi lançada em março de 2017 com foco em estimular a inclusão de meninas e mulheres negras e indígenas no universo das novas tecnologias. Como costumo dizer, um projeto-causa. O objetivo, quando o lançamos, era, por um lado, mostrar como a falta de representatividade é um problema urgente não só para o ecossistema de tecnologia e inovação, mas também para os direitos humanos e a liberdade de expressão. E, por outro, estimular referências positivas para que mais meninas e mulheres negras enxerguem as inovações, a tecnologia e as ciências como campos possíveis e interessantes de atuação.

A iniciativa surgiu como uma campanha na busca por mapear e entender quem são as meninas e mulheres negras e indígenas que trabalham nessas áreas. A partir de um formulário na internet, coletamos histórias, impressões e dados sobre esse público. Num segundo momento, como parte da campanha, vídeos foram gravados para dar visibilidade às histórias de protagonistas que exemplificam os desafios das brasileiras que já estão atuando como desenvolvedoras, empreendedoras, produtoras de conteúdo e ativistas do campo digital. Desde então, a PretaLab vem realizando várias ações, como a criação de uma plataforma que reúne perfis de mulheres negras tecnologistas — a Rede Pretalab, onde qualquer pessoa pode encontrar profissionais das mais diversas áreas para posições de trabalho, convites para falas públicas e participação em projetos — que já tem mais de 600 mulheres cadastradas. É uma forma de dizer ao mercado de trabalho que sim, mulheres negras na tecnologia existem e não é tão difícil encontrá-las. Fazemos pesquisa, curadoria e eventos, temos um podcast no qual entrevistamos as nossas referências e já realizamos quatro edições de ciclos formativos focados na qualificação de mulheres negras que atuam ou têm interesse em atuar na área. Com o passar dos anos, percebemos que só auxiliar as mulheres negras no ingresso às áreas de tecnologia não era o suficiente e que preparar empresas e organizações para receberem esse público era fundamental para diminuir o risco de as oportunidades tornarem-se ambientes de opressão. Por isso, desde 2018, também oferecemos consultoria de diversidade corporativa.

A PretaLab surgiu de um problema: as mulheres negras acumulam os piores indicadores sociais no Brasil. No trabalho, elas recebem os menores salários e têm os mais altos índices de desemprego. Em casa, são as que mais sofrem com a violência e as que têm maior responsabilidade no sustento familiar. Na saúde, são vítimas preferenciais da violência obstétrica, do descaso nos serviços públicos e da criminalização do aborto. Em 2020, segundo o Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), às mulheres negras foram impostos ganhos 48% menores e quase o dobro da taxa de desemprego na comparação com homens não negros. Mas as estatísticas para as quais eu fui predestinada como mulher negra (que preferiram, muitas vezes, trocar por “morena cor de jambo”) não se confirmaram, e eu quero trazer mais mulheres comigo.

Recentemente, concorri ao prêmio “Embaixador e Protagonista Brasil, País Digital” e fui a única mulher negra entre os dez candidatos. Não é raro que eu seja a única nos lugares, tampouco a primeira — fui a primeira das mulheres da minha família a concluir uma graduação. Olhando para trás, é disso que se trata o meu trabalho, hoje e daqui para a frente: resgatar a ancestralidade, que é fonte das minhas referências, para que menos mulheres negras sejam as primeiras ou as únicas. Somos muitas, não estamos sozinhas e precisamos de mais de nós. Muito mais.

Tec·no·lo·gi·a: substantivo feminino

A minha visão sobre o que é tecnologia vai muito além do que é digital; para mim também está no banho de ervas, em saber quais você pode misturar ou não. Pensar dessa forma nos aproxima desse universo porque a tecnologia fala sobre um conhecimento aplicado sobre determinada coisa, uma técnica. Existem muitas tecnologias ancestrais, que a gente pode até não chamar assim, mas que são pautadas pela nossa ancestralidade e aplicam conhecimentos. Nunca nos lembram que a mineração, por exemplo, é uma tecnologia, é uma forma de fazer criada pelos nossos ancestrais. Tecnologia vai muito além do software e do hardware; também é o bordado, é o crochê, é pensar nas pessoas como solucionadoras de problemas.

Esse conceito precisa acompanhar a noção de que a forma com que a gente usa e consome tecnologia não foi feita para questionarmos. Cada vez mais presentes em nossas vidas, as tecnologias acabam por se naturalizar, causando a impressão de que são neutras, enquanto os que possuem esse domínio ditam seu uso, isto é, computadores, equipamentos e algoritmos trazem os vieses, as visões de mundo, as limitações e os repertórios de quem os produz. As tecnologias estão carregadas com as visões políticas, econômicas e culturais de quem as cria — e esse poder hoje está centrado nas mãos de homens, brancos, heterossexuais, classe média/ricos do hemisfério norte. Isso já potencializa uma grande desigualdade em um mundo cada vez mais digital.

A Jurema Werneck, ativista feminista, médica, comunicóloga e autora, no artigo “Algumas considerações sobre racismo, sexismo e tecno-eugenia”, diz que “[...] qualquer neutralidade é impossível frente a uma constatação básica: a ciência é produto humano. Como, então, esperar, deste ser que somos, a neutralidade? Assim, também é possível afirmar que a ciência está submetida a fatores ideológicos, econômicos, sociais, ambientais, políticos e tecnológicos. Não flutua no vácuo. Vive das relações — entre pessoas (e é importante reiterar que cientistas são pessoas), grupos, povos, nações. É dependente financeiramente de governos ou grandes corporações. É seduzida pela cultura midiática. É demasiadamente humana”.

A gente tem uma visão ingênua de que a tecnologia melhora as nossas vidas, e isso pode ser verdade, mas também é verdade que a internet não é um ambiente democrático e nós precisamos olhar para os estereótipos que a inteligência artificial — o uso de dados, por exemplo — carrega. Eu sempre me pergunto: como nós criamos uma linguagem para que as pessoas participem disso? A professora Safiya Noble, que é uma grande referência para mim, durante o festival do Centro Cultural Oi Futuro em 2020 — do qual fui curadora e apresentadora —, disse que a gente tem usado muito a inteligência artificial para projetar futuros, mas com dados de um passado que é racista, homofóbico, transfóbico, misógino e machista. Então, como vamos dar conta de criar um futuro menos excludente com esses mesmos dados?

Um exemplo clássico das limitações impostas pela pouca diversidade por trás das tecnologias é o das primeiras versões de filmes fotográficos, que simplesmente não tinham contraste suficiente para captar rostos negros. A falta de cientistas e técnicos com essa cor de pele por trás dessa tecnologia ajuda a explicar a falha. Um exemplo histórico que viralizou dez anos atrás, em pleno 2009, foi o caso de um computador da HP com a função de rastreamento facial dos usuários em sua webcam, em que alguns usuários negros não eram “vistos” pela funcionalidade do dispositivo. O racismo algorítmico, conceito amplamente discutido pelo Tarcízio Silva — pesquisador e especialista em monitoramento de mídias sociais e métodos de pesquisa digitais —, aborda esses efeitos da ausência de pessoas negras nos processos de produção, desenvolvimento e testes.

Mark Zuckerberg, Mike Krieger, Reed Hastings, Travis Kalanick, Garrett Camp, Ben Silbermann, Jack Dorsey, Biz Stone, Noah Glass, Evan Williams. Esses são os nomes dos criadores e fundadores de alguns dos aplicativos mais conhecidos no mundo — a grande maioria, senão todos, brancos, heterossexuais e do hemisfério norte. Nos algoritmos que utilizamos todos os dias — em aplicativos de streaming, localização, mensagens ou fotos — existem vieses estruturais e sistêmicos. Não é só matemática. Porque quem pensa a tecnologia, quem está nas posições de poder, quem cria e desenvolve os aplicativos mais famosos no mundo ainda é, majoritariamente, o mesmo perfil de pessoas. O mundo está evoluindo tecnicamente. A possibilidade de pessoas negras construírem tecnologias já é algo inovador. Quando essas pessoas protagonizam a criação de soluções, em geral resolvem problemas que, de fato, precisam ser resolvidos, com a possibilidade de desenvolverem uma tecnologia mais democrática e acessível, abrindo caminhos e plantando sementes para a justiça social. Eu parto do princípio de que a inovação não acontece se não houver uma pluralidade de olhares. Parece uma coisa óbvia, mas o óbvio precisa ser dito nos tempos de hoje. Quando nós temos um time muito parecido, é difícil perceber alguns problemas e falhas que um produto ou serviço pode apresentar.

Quando vamos mais a fundo, e pensamos na ausência de mulheres negras no campo da tecnologia e inovação, o obstáculo é duplo: as

questões de gênero e raça se sobrepõem. Ainda que existam incentivos para a presença de mulheres nesses espaços, a grande maioria é ocupada por mulheres brancas. Quando a pauta é racial, as mulheres negras ainda estão “no limbo”. Ou seja, mesmo em países em que o acesso das mulheres negras ao ensino superior é significativamente melhor do que no Brasil, o racismo e o machismo seguem impedindo sua chegada ao mercado de trabalho. Eu vejo essa ausência ligada diretamente a dois fatores: acesso e falta de referência. Quase tudo relacionado a esse campo é caro, em inglês, e são raras as políticas (públicas ou privadas) destinadas ao nosso ingresso e permanência nesses espaços. A falta de referência é outro fator determinante: se ser uma mulher nas tecnologias já é um desafio, imagine para nós, negras. A ausência de referências positivas sobre mulheres negras e indígenas é uma questão social que perpassa não apenas o mundo das tecnologias, mas os mais variados campos profissionais e de poder.

Somado a isso, a falta de dados. Quantas mulheres negras se formaram nos campos de ciência e tecnologia nos últimos anos? Eu não sei, porque esse dado não existe. E quando não há dados sendo produzidos, é como se o problema não existisse, mesmo estando ali. Daí a importância da pesquisa e do debate sobre mulheres negras em tecnologia. É preciso uma construção coletiva, que passa por uma articulação da sociedade civil e de governos em diversas frentes, incluindo cursos, estágios, programas de inclusão para mulheres negras em empresas, além de políticas públicas para assegurar mais vagas em universidades e em cargos eletivos. Os veículos de comunicação e de mídia também podem contribuir, dando espaço a referências que estimulem mais meninas e mulheres negras a olharem para as inovações, a tecnologia e as ciências como campos possíveis e interessantes de atuação. Com esforços somados e liderados por nós, mulheres negras, será possível formatar uma nova realidade não só melhor para o ecossistema de tecnologia e inovação, mas para toda a sociedade, beneficiada por um contexto de avanços em direitos humanos e em liberdade de expressão.

Se o mundo é cada vez mais digital, se esses saberes são cada vez mais importantes, se o digital é cada vez mais linguagem, e se a gente está fora disso, a gente perde muito poder de intervenção no mundo. Estabelecer uma representação de gênero e raça no setor de tecnologia é urgente, e a falta de equidade é um problema. Uma sociedade brasileira verdadeiramente democrática e justa só é possível com a presença das mulheres negras em todos os setores. Coletivamente podemos mudar essa realidade. E, apesar de tecnologia ser um substantivo feminino, muitas mulheres ainda não se veem nessa palavra, nesse campo.

O depois da contratação

Até então nós vimos muito poucas organizações trazerem o debate interseccional de raça e gênero. As empresas hoje têm essa preocupação, mas ainda é muito superficial, da porta para dentro. Quando nós contratamos e não criamos um ambiente para lidar com a diversidade, a inclusão não é legítima. Hoje, na PretaLab, a gente está tentando construir esse olhar da porta para dentro. Em 2019, em um esforço para tentar suprir a lacuna de dados, em parceria com a consultoria de software ThoughtWorks, organizamos a pesquisa Quem Coda o Brasil. Ouvimos 693 profissionais de tecnologia no Brasil, e as respostas dão um panorama da falta de representatividade do setor: a maior parte dos respondentes (65%) disse trabalhar em equipes em que as mulheres eram 20% ou menos dos membros. Além disso, 1 em cada 3 participantes disse não ter nenhuma pessoa negra na equipe.

Com a pesquisa, arriscamos a formulação de uma hipótese-convite para as mulheres negras em busca de oportunidade no país e para as instituições de tecnologia carentes de mão de obra para alcançar seus objetivos de negócio: a aproximação entre esses mundos pode impulsionar o setor de tecnologia no Brasil. Se, por um lado, as mulheres negras ocupam as posições mais precárias do mercado de trabalho no país e lutam por oportunidades em que possam contribuir para seu desenvolvimento e para a evolução da sociedade, por outro lado, os profissionais do ramo de tecnologia — majoritariamente homens, brancos e jovens — não conseguem preencher todas as vagas de um setor que promete revolucionar a forma de trabalho do país nos próximos anos. A falta de representatividade dessas mulheres é um problema não só para os direitos humanos e a liberdade de expressão, mas também para o ecossistema de tecnologia e inovação. Aberta à formação autodidata e com necessidade de entender os desafios plurais de uma população tão diversa quanto a brasileira, a indústria da tecnologia pode alavancar negócios ao abrir seu mercado para as mulheres negras.

Uma fatia importante e aquecida do mercado projeta a falta de 24 mil profissionais por ano, segundo a própria Associação das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação e de Tecnologias Digitais (Brasscom). Enquanto isso, a pesquisa Diversity Wins, da McKinsey (2020), revela que empresas com pontuações mais altas no Índice de Saúde Organizacional têm 59% mais probabilidade de ter um desempenho financeiro superior ao da concorrência. A reflexão sobre esses dados nos leva a uma questão mais profunda, que é se, de fato, as empresas estão preparadas para lidar com a diversidade. Estamos focadas, na PretaLab, em ajudar as organizações a se entenderem como mais diversas e a terem boas práticas da porta para dentro, também. Isso vem do entendimento de que a diversidade não é um produto, não vem pronta, mas é construída a longo prazo. Diversidade não é algo paternalista; na verdade, gera lucro para as empresas, e é preciso que haja essa virada de *mindset*. As empresas precisam diminuir os muros para que as pessoas cheguem a esses espaços e que seja estimulada uma cultura de fato da pluralidade, da diversidade, entendendo como a organização pode colaborar para que cada pessoa possa ser plena em toda potência que ela é capaz. Normalmente, nós avaliamos os nossos colaboradores pelo nível de produtividade, mas não olhamos para as coisas que afetam essa produtividade.

Afinal, não se trata apenas de contratar, mas de ampliar os espaços para que outras pessoas, como as mulheres negras, criem também soluções para o presente e para o futuro, colaborativamente. Em 2021, lançamos o e-book *Experiências de diversidade e inclusão: Um ponto de partida para sua empresa ser mais plural*, com relatos e dados que demonstram como as ações e práticas de promoção da diversidade e da inclusão são urgentes, sobretudo no mundo corporativo. Ainda que seja possível notar uma boa vontade das empresas para endereçar o problema, os dados apresentados sobre o cenário de diversidade no mercado de trabalho são alarmantes. Há um longo caminho a ser percorrido, principalmente no que se refere à contratação, retenção e treinamento de pessoas negras. O compromisso com a diversidade gera comportamentos positivos na equipe, como mais colaboração, inovação e eficiência. Todos esses resultados estão diretamente relacionados a uma melhor performance de mercado.

A diversidade tem um impacto financeiro positivo nas empresas; a diversidade é uma mola propulsora para a inovação, para novas ações e para os novos problemas que estão surgindo. E isso não é de hoje. Comecei perguntando o que o semáforo, a geladeira, a caneta-tinteiro, o pino de golfe e o filamento de carbono para lâmpadas elétricas têm em comum. Esses são só alguns dos objetos inventados por pessoas negras. Tecnologias negras. Ou seja, é um quadro de injustiça social, mas não apenas: ao distanciar as mulheres negras do protagonismo na produção de inovação, o Brasil desperdiça oportunidades de avançar econômica e tecnologicamente. Com um ecossistema pouco diverso e representativo, o país se mantém refém de tecnologias enviesadas e de soluções menos criativas.

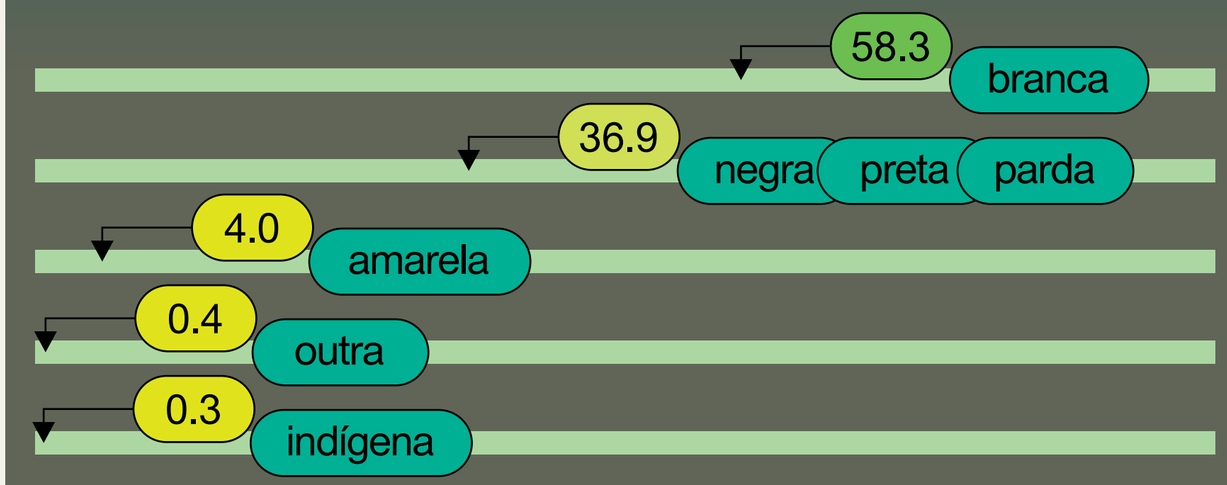
Nós estamos avançando, mas a passos muito lentos e ainda há muito o que avançar. Pelo bem da inovação, da justiça social e da sociedade como um todo, as mulheres negras podem e devem pautar o futuro da tecnologia no Brasil.■

Silvana Bahia é codiretora executiva do Olabi, coordenadora da PretaLab – iniciativa de estímulo às mulheres negras nas tecnologias e inovação. Mestre em cultura e territorialidades pela Universidade Federal Fluminense, pesquisadora associada do grupo de arte e Inteligência Artificial da Universidade de São Paulo e do grupo de pesquisa em Políticas e Economia da Informação e Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2021, recebeu o prêmio Protagonista Brasil, País Digital concedido pelo Movimento Brasil, País Digital.

Aponte a câmera do celular para o código QR e faça download do e-book *Experiências de diversidade e inclusão: Um ponto de partida para sua empresa ser mais plural*
↻ bit.ly/ebook-olabi

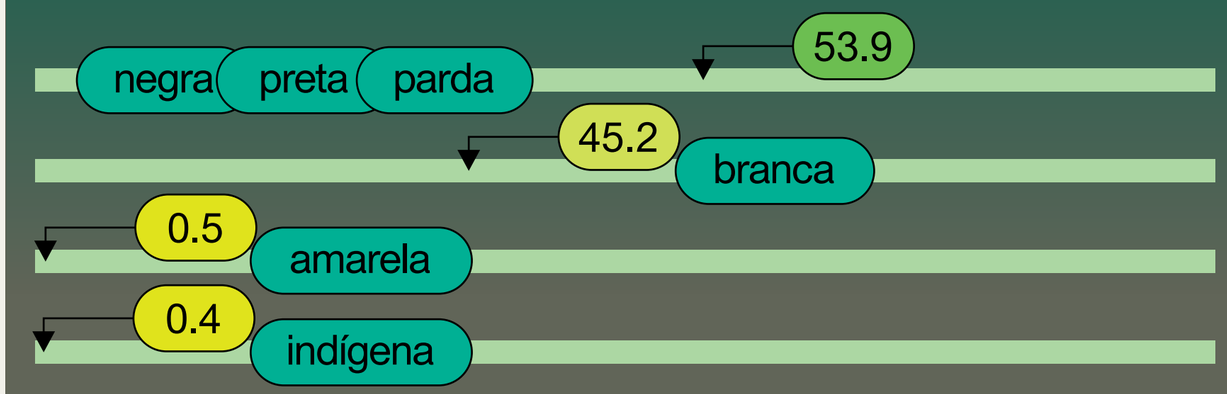
Enquanto 54% da população brasileira (IBGE 2015) está formada por pessoas negras/pretas e pardas, somente 36,9% dos respondentes deste estudo se declaram neste grupo.

% por cor, pessoas que trabalham com tecnologia



Fonte: Quem Coda BR

% por cor, população brasileira



Fonte: IBGE, 2015

POR QUE ESCREVO EM ÍDICHE?

por Isaac Bashevis Singer
Discurso introduzido, traduzido, interpretado e comentado por Gustavo Emos

No ano de 1978, Bashevis Singer foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. Segundo o próprio autor, o prêmio foi concedido em reconhecimento não somente às suas conquistas literárias, mas também à língua ídiche como um todo, a qual ele descreve como

> "uma língua em exílio, sem terra, sem fronteiras, que não é apoiada por nenhum governo; uma língua que quase não tem palavras para armas, munição, exercícios e prática militares; uma língua que foi desprezada, tanto pelos gentios quanto pela maior parte dos judeus emancipados".*

* Trecho do discurso oficial de Isaac Bashevis Singer proferido em 8 de dezembro de 1978, na entrega do Prêmio Nobel de Literatura.

** YIVO Institute for Jewish Research. *Basic Facts About Yiddish*, 2014. Disponível em <https://yivo.org/cimages/basic_facts_about_yiddish_2014.pdf?c=>.

A premiação de um escritor ídiche foi de especial relevância, tendo em vista o rápido declínio no número de falantes da língua a partir da Segunda Guerra Mundial. Antes dela, havia aproximadamente 11 milhões de falantes de ídiche em todo o mundo, mas com a destruição causada no Holocausto, a assimilação em países como EUA, Canadá, Argentina e Brasil, e a repressão da língua na União Soviética e em Israel, esse número caiu vertiginosamente. Hoje, o número de pessoas que usa a língua cotidianamente é estimado entre 500 mil e 1 milhão de pessoas.**

A entrega do Nobel para Bashevis Singer representou, portanto, uma mudança histórica de atitude em relação à língua. Ela, que foi por tanto tempo alvo de violentas perseguições, recebia então o maior grau de reconhecimento literário existente. Felizmente, o que se vê nas últimas décadas é um crescente interesse pela língua no meio acadêmico e entre o público em geral. Especialmente com a pandemia do novo coronavírus, houve um aumento dramático no número de cursos oferecidos ao redor do mundo.

Características da língua, que antes eram vistas como negativas, hoje são ressignificadas como fontes de valor. A ausência de um Estado nacional que tenha o ídiche como idioma oficial e a grande quantidade de línguas que contribuíram com a sua formação foram muito criticadas no passado. Muitos consideravam o ídiche um *dialeto* ou até mesmo um *jargão*, carente de uma gramática sólida ou vocabulário próprio. A língua, que para muitos era símbolo do sofrimento judaico no exílio, agora é valorizada como o epítome de resistência e poder de adaptação. Apesar de ter a sua morte anunciada diversas vezes, tanto pelos seus inimigos quanto por seus amantes, o ídiche continua a existir, florescer e a se reinventar.

Na entrega do prêmio Nobel, Isaac Bashevis Singer chegou a fazer dois discursos oficiais – um na entrega do prêmio, em inglês e ídiche, no dia 8 de dezembro (ver citação acima); e outro alguns dias depois, em 10 de dezembro, na abertura do banquete realizado em sua homenagem. Mas houve um terceiro discurso, informal e nada oficial, proferido no dia 7 de dezembro para um público judaico. Com o melhor de seu humor, o célebre autor responde à pergunta que tantas vezes lhe fizeram: por que você escreve em ídiche? Ao responder àqueles que acusam o ídiche de ter um vocabulário pobre, Bashevis demonstra a riqueza da língua, que até mesmo na pobreza é gigante…

Gustavo Emos

מען פֿרעגט מיך אָפֿט, פֿאַר וואָס
שרײַבסטו ײדיש? און איך וועל פּרוּוון
געבן אויף דער פֿראַגע אַן ענטפֿער. מײַן
ענטפֿער וועט זײַן אַ ײדישלעכע - דאָס
הייסט, איך וועל ענטפֿערן מיט אַ פֿראַגע
אויף אַ פֿראַגע. דער ענטפֿער איז: פֿאַר
וואָס זאָל איך נישט שרײַבן אויף ײדיש?!
וועל איך בעסער שרײַבן אויף כינעזיש,
אָדער אויף טערקיש? ווי זאָגט מען אויף
טערקיש, "האַק נישט קיין טשײניק?"
און ווי זאָגט מען דאָס אויף ענגליש? ווי
זאָגט מען אויף ענגליש, "דרייט נישט קיין
היטל," "פֿאָלג מיך אַ גאַנג," "אַ חכם פֿון
דער מה־נשתּנה," "אַ משה קאַפּויער," "אַ
חכם בלילה," "אַ יאָלד אין אַ קאַפּעליוש,"
"אַן איבערגעדרייט שלעסל," "אַ שוטה
בן פּיקהאָלץ," "אַ מויד מיט אַ כּתב," "אַ
ײדענע מיט אַן אויעררינגל?"
מיט אַ צײַט צוריק, איז געקומען צו מיר אַן
איבערזעצער, אין גאַנצן אַ צעטומלטער,
אין גאַנצן א פֿאַרשוויצטער. "וואָס איז
דער מער?" פֿרעג איך אים. זאָגט ער, "ווי
זעצט מען דאָס איבער, פֿון ײדיש אויף
ענגליש, 'אַ ווייכער מענטש, אַ דימענט?'
אין אַלע שפּראַכן, איז אַ דײַמאָנד - איז
אַ דימענט - האַרט, אָבער אין ײדיש
איז אַ דימענט ווייך. קאָן מען זאָגן אין
ענגליש, 'סאָפֿט לײַק אַ דײַמאָנד?' אָדער
זאָל איך שרײַבן, 'סאָפֿט לײַק אַ דזשוויש
דײַמאָנד?'"
יענע וואָס צײַלן ווערטער פֿאַרזיכערן
מיך אַז ענגליש איז די רײַכסטע שפּראַך
אין דער וועלט. דער נײַסטער וועבסטער
דיקשענערי - דער וועבסטער ווערטערבוך
- האָט שוין דרײַ פֿערטל מיליאָן
ווערטער. אָבער איך בין געבליבן בײַ דער
איבערצײַגונג אַז ײדיש איז די רײַכסטע
שפּראַך אין דער וועלט - נישט אין
טעכנאָלאָגיע, נאָר אין ווערטער וואָס גיבן
איבער כאַראַקטער און פֿערזענלעכקייט.
נעמט אַזאַ וואָרט ווי "אָרעמאַן." וואָס
קאָן מען זאָגן אויף ענגליש וועגן אַן
אָרעמאַן? מען קאָן זאָגן: "אַ פּור מאַן," "אַ
פּאָפּער," "אַ בעגער," "אַ פּענהענדלער,"
דערמיט, שעפּט מען אויס דאָס גאַנצע
ביסל אָרעמקייט אויף ענגליש. אָבער
אויף ײדיש, קאָן מען זאָגן: "אַן אָרעמאַן,"
"אַן אבֿיון," "אַ קבֿצן," "אַ דלפֿן," "אַ
בעטלער," "אַ שלעפּער," "אַ שנאָרער,"
"אַ קבצנזאָן," "אַ הונגערמאַן," "אַ
הײזער־גייער," "אַ מדינה־ײדן," "אַן אָרחי־
פּרחי," "אַ הקדש־ליגער," "אַ פּריץ מיט
אַ לאָך," ■

Discurso de Isaac Bashevis Singer ao receber o Prêmio Nobel de Literatura

Muitas vezes me perguntam, por que você escreve em ídiche? E eu tentarei dar uma resposta a essa pergunta. A minha resposta será uma tipicamente judaica – ou seja, eu responderei à pergunta com uma pergunta. A resposta é: Por que não deveria escrever em ídiche?! Eu deveria escrever em chinês ou em turco? Como se diz em turco "hak nisht keyn tshaynik"? [não enche o saco][1] e como se diz isso em inglês? Como se diz em inglês "dreyt nisht keyn hitl" [não force a barra],[2] "folg mikh a gang" [vai catar coquinhos],[3] "a khokhem fun der ma-nishtane" [um tolo],[4] "a Moyshe Kapoyer" [alguém que sempre é do contra],[5] "a khokhem balayle" [um ignorante],[6] "a yold in a kapelyush" [um estúpido],[7] "an ibergedreyt shlesl" [um desequilibrado],[8] "a shoyte ben pikholts" [um otário],[9] "a moyd mit a ksav" [uma mulher promíscua],[10] "a yidene mit an oyeringl" [uma mulher importante]?[11]

Há algum tempo, veio a mim um tradutor, completamente desorientado, todo suado. "Pois não?", perguntei a ele. Ele disse "como se traduz, do ídiche ao inglês, 'a veykher mentsh, a diment' [uma pessoa macia, um diamante]?". Em todas as línguas, um diamante – *a diment* – é duro, porém em ídiche um diamante é macio. Pode-se dizer, em inglês, "soft like a diamond?" [macio como um diamante?] ou eu poderia escrever "soft like a Jewish diamond" [macio como um diamante judaico]?

Aqueles que contam palavras me asseguram que o inglês é a língua mais rica do mundo. O mais novo *Webster Dictionary* – o dicionário Webster – já possui três quartos de milhão de palavras, mas eu ainda tenho a convicção de que o ídiche é a língua mais rica do mundo. Não em tecnologia, mas em palavras que transmitem caráter e personalidade.

A palavra "oreman"[12] por exemplo. O que se pode dizer a respeito de um *oreman* em inglês? Se diz: "a poor man" [um homem pobre], "a beggar" [um mendigo], "a panhandler" [um pedinte]. Com isso já se esgotou o pouco de pobreza que há em inglês. Já em ídiche, pode-se dizer: "*an oreman*", "*an evyen*" [um indigente], "*a kabtsn*" [um mendigo], "*a dalfn*" [um esmoleiro], "*a betler*" [um pedinte], "*a shleper*" [um vagabundo], "*a shnorer*" [um mendicante], "*a Kabtsnzon*" [um filho de mendigo, como se fosse um nome de família], "*a Hungerman*" [faminto],[13] também como se fosse um sobrenome, "*a hayzer-geyer*" [um mascate],[14] "*a medine-Yid*" [um lazarone],[15] "*an orkheporkhe*" [um andarilho],[16] "*a hegdesh-liger*" [um sem-teto],[17] *a* "*porets mit a lokh*" [um paupérrimo],[18] "*a balebos iber a heyptl kroyt*" [um miserável],[19] "*a nitsrekh*" [um necessitado], "*a baderfer*" [um carente], "*a torbenik*" [um despossuído],[20] "*on a hemd*" [um despojado],[21] "*a dales*" [um miserável],[22] "*a blutik oreman*" [um desvalido],[23] "*a kabtsn in zibn poles*" [um mendigo em trapos],[24] "*vekabtseynu yakhed*" [um carecido],[25] "*Oyf gebrente tsores*" [desgraçado],[26] "*oyf gehakte tsores*" [desafortunado],[27] "*yad tsore*" [desventurado].[28] Isso não é tudo, nem de longe. Se vocês querem dizer que alguém é "um segundo Rotschild", ou "um segundo Rockefeller", e vocês dão uma piscada de olho, já saberemos que ele não tem nem o que comer.

Vocês podem dizer ainda mais sobre um homem pobre: "ele é um *yoyred*" [um falido],[29] um "*gefalener*" [o mesmo porém com uma palavra germânica], um "*gebrokhener*" [um quebrado], um "*opgeforener*" [desgastado], "*er kayt di erd*" [ele mastiga a terra], "*er leygt di tseyn in baytl*" [ele põe seus dentes na carteira], "*er matert zikh mitn toyt*" [ele trabalha como escravo para a morte, ou seja, não tem trabalho], "*er pekhnet oyfn pisk*" [a sua boca se incha de fome], "*er hot fargesn dem tam fun a groshn*" [ele esqueceu o gosto de um tostão], "*er geyt arum mit an oysgeshtrekter tsung*" [ele anda por aí com a língua esticada para fora], "*er shlingt dos shpayekhts*" [ele engole a saliva], "*er khalesht far a bisn*" [ele desmaia por uma mordida] e os judeus saberão exatamente que ele não tem nenhum sustento. Se vocês querem ser totalmente claros, podem simplesmente dizer "*er peygert dray mol a tog far hunger*" [ele bate as botas três vezes por dia de fome], ou também "*er hot nisht keyn groshn bay der neshome*" [ele não tem nem um tostão na alma].

Em alguns vilarejos, quando se quer designar um pobre, se diz "pelado como um turco". Por que um turco é mais pelado que outros eu não sei, mas é a mesma coisa que dizer: "*es geyt im shlim-shlimazl*" [ele tem muita má sorte], "*mit der puter arop*" [ele está mal],[30] "*vi a roshe oyf yener velt*" [como um malvado no outro mundo], "*vi a tsadik oyf der velt*" [como um santo nesse mundo], "*es nogt im untern lefele*" [a sua barriga está roncando], "*er darf onkumen tsu kitsve*" [ele precisa de um auxílio emergencial], "*s'iz enkes mesaldeykho*" [é o fim da linha],[31] "*di neshome hengt im oyfn shpits noz*" [a alma dele está pendurada na ponta do nariz], "*er geyt oys vi a likht*" [ele está se apagando (morrendo) como uma vela]. No final das contas, ele recebe *água no mingau* [absolutamente nada][32] e Pessach para ele dura o ano inteiro: ele não tem nem uma migalha de pão.

Na tertúlia literária na *East Broadway*, perto do *Forverts*, havia um poeta. Quando ele queria dizer que um outro poeta era um pobretão, ele costumava dizer: "Se juntarmos nós dois, teremos o mesmo tanto que falta para ele chegar em cinco dólares".

Você tem que ser louco, penso eu, para trocar uma língua rica como o ídiche pelo inglês. E já que estamos falando sobre ser louco,

1 **não bata na chaleira**
2 **não gire o chapéu**
3 **me siga nas tarefas**
4 **um sábio da "ma nishtaná"** (ma nishtaná é o nome de uma das rezas mais conhecidas do sêder de Pessach, jantar que marca o início da festa de Pessach, a Páscoa judaica. O sêder é formado por uma série de rezas. Numa delas – a reza chamada "ma nishtaná" – a pessoa mais jovem canta quatro perguntas que são respondidas em coro pelos presentes).
5 **Moisés Ao Contrário**
6 **um sábio de noite**
7 **um tolo de chapéu**
8 **uma fechadura invertida / um zíper virado**
9 **um tolo filho de um pica-pau**
10 **uma mulher com atestado**
11 **uma judia com um brinco**
12 **homem pobre**
13 **homem da fome**, também como se fosse um sobrenome
14 **andador de casas**
15 **um judeu do país**
16 **a coletividade de andarilhos e mendigos**
17 **um deitador em albergue**
18 **o proprietário de um buraco**
19 **o dono de uma cabeça de repolho**
20 **quem só possui um saco**
21 **um sem camisa**
22 **a miséria em pessoa**
23 **um pobre sangrento**
24 **um mendigo vestindo sete bainhas**
25 **e juntos nos reúna**. Parte da bênção de kibuts galuyot (reunindo os exilados), décima bênção de Shmone Esre, também conhecida como Amidá, uma das orações centrais da liturgia judaica. O humor aqui consiste na proximidade entre reunir e mendigar, pela raiz hebraica "k-b-ts".
26 **com problemas queimados**
27 **com problemas picados**
28 **mão fechada** que em hebraico soa como **mão de problemas**. Note a semelhança entre "tsore", que significa originalmente "apertado", "aperto", que também significa "problema", como "aperto" em português.
29 **alguém que cai**
30 **com a manteiga de cabeça para baixo**
31 **enkes mesaldeykho** é uma das selihot (orações do perdão) que são ditas na reza de neilá no dia de Yom Kippur (festividade central do judaismo conhecida também pela sua tradução literal "Dia do Perdão").
32 **ter água para o mingau** quer dizer "ser miserável".

אין דער ליטעראַרישער קיבעצאַרניע אויף
איסט בראָדוויי, נעבן פֿאָרווערטס, איז
געווען אַ פּאָעט. ווען ער האָט געוואָלט
זאָגן וועגן אַן אַנדערן פּאָעט, אַז ער איז
אַן אָרעמאַן, פֿלעגט ער זאָגן, "פֿאַרמאָגן
זאָלן מיר עס ביידע, וויפֿל עס פֿעלט אים
צו פֿינעף דאָלאַר."
מע דאַרף זיין, זאָג איך, משוגע,
אויסצובייטן אַזאַ רייכע שפּראַך ווי ייִדיש
אויף ענגליש.
און אַז מע רעדט שוין וועגן משוגע,
לאָמיר טאַקע זען, ווער עס איז רייכער
אין משוגעת - ענגליש אָדער ייִדיש. אין
ענגליש, אַז מע וויל זאָגן אַז עמעצער
איז משוגע, זאָגט מען, "היז קרייזי" אָר
"אינסיין." אַחוץ דעם, זענען דאָ אַ גאַנצע
ריי טעכנישע ווערטער, ווי "פּאַראַנאָיִק,"
"סקיצאָפֿרעניק" - ווערטער וואָס האָבן
נישט קיין ייִדישן טעם. אויב מע וויל שוין
זאָגן אויף ענגליש אַ וואָרט וואָס האָט יאָ
אַ ייִדישן טעם, זאָגט מען, "היז משוגע."
איצט, לאָמיר זען - איצט, לאָמיר זען
- וואָס מע קאָן מיט אַ משוגענעם
אויף ייִדיש. א משוגענער אויף ייִדיש איז:
"משוגע," "מטורף," "חסר דעה," "עובֿר־
בטל," "צעדרייט," "צערודערט," "נישט
ביים זינען," "מבֿולבל," "פֿאַריקט,"
"צעמישט," "נישט ביים שׂכל," "נישט
ביי די קלאָרע געדאַנקען," "וואַנזיניק,"
"שוואַכזיניק," "אַ צעטומלטע בריאה,"
"אַ מענטש וואָס קריכט אויף די גלייכע
וועגט," "אַ פֿאַרשוין מיט אַ בזשיק אין
קאָפּ," "סיפֿעלט אים אַ קלעפּקע אין
מוח," "אַ ווילדע בריאה," "אָן אַ קאָפּ,"
"אַ צעדולטער," "אַ צעשרויפֿטער," "אַ
מבֿוהל," "אַ פֿאַרשוין וואָס בלאָנדזשעט
אַרום אויפֿן עולם־התּוהו," "אויפֿן עולם־
הדמיון,"
"אַ בעל־הבית איבער אַ הייפֿטל
קרויט," "אַ נצרך," "אַ באַדערפֿער," "אַ
טאָרבעניק," "אָן אַ העמד," "אַ דלות,"
"אַ בלוטיק אָרעמאַן," "אַ קבצן אין זיבן
פּאָלעס," "זוקבֿצנו יחד," "אויף געברענטע
צרות," "אויף געהאַקטע צרות," "יד
צרה," און נאָך און נאָך. דאָס איז ווייט
נישט אַלץ. אויב איר זאָגט פֿון איינעם,
"ער איז אַ צווייטער רויטשילד," אָדער "אַ
צווייטער ראָקפֿעלער," און איר טוט דערביי
אַ ווינק מיט אַן אויג, ווייסט מען אויך אַז
ער האָט נישט [וואָס] צו עסן.
איר קאָנט זאָגן וועגן אַן אָרעמאַן ווייטער:
"ער איז אַ יורד," "אַ געפֿאַלענער," "אַ
געבראָכענער," "אַן אפּגעפֿאָרענער,"
"ער קייט די ערד," "ער לייגט די ציין אין
בייטל," "ער מאַטערט זיך מיטן טויט,"
"ער פּעכנעט אויפֿן פּיסק," "ער האָט
פֿאַרגעסן דעם טעם פֿון אַ גראָשן," "ער
גייט אַרום מיט אַן אויסגעשטרעקטער
צונג," "ער שליגט דאָס שפּייעכץ," "ער
חלשט פֿאַר אַ ביסן" - און ייִדן וועלן וויסן
געגנוי, אַז ער האָט נישט קיין פּרנסה. אויב
איר ווילט זיין אין גאַנצן קלאָר, קאָנט איר
זאָגן איינפֿאַך, "ער פּגרט דרײַ מאָל אַ
טאָג פֿאַר הונגער," אָדער גאָר פּשוט, "ער
האָט נישט קיין גראָשן ביי דער נשמה."
אין אייניקע שטעטלעך, אַז מע וויל
באַצייכנען אַן אָרעמאַן, זאָגט מען,
"באַקעט ווי אַ טערק." פֿאַר וואָס אַ טערק
איז מער באַקעט פֿון אַנדערע, ווייס איך
נישט. אָבער עס איז דאָס זעלבע, ווי
איר זאָלט זאָגן: "עס גייט אים שלים־
שלימזל," "מיט דער פּוטער אַראָפּ,"
"ווי אַ רשע אויף יענער וועלט," "ווי אַ
צדיק אויף דער וועלט," "עס נאָגט אים
אונטערן לעפֿעלע," "ער דאַרף אָנקומען
צו קיצבֿה," "ס'איז אנקת מסלדיך," "די
נשמה הענגט אים אויפֿן שפּיץ נאָז," "ער
גייט אויס ווי אַ ליכט." דער סך־הכּל איז,
אַז ער פֿאַרדינט וואָסער אויף קאָשע, און
ס'איז ביי אים אַ גאַנץ יאָר פּסח: ער האָט
נישט קיין שטיקל ברויט.

Para aproveitar o melhor da tradução a seguir, sugerimos que a leia ouvindo o pronunciamento original na voz do próprio Singer. Aponte a câmera do seu celular para o código QR ao lado. Início em 00'38''.

bit.ly/isaac-bashevis-singer

33 **ele é louco**, o inglês tendo incorporado a palavra em ídiche.

״וואָס פֿעלט אים?״
״אָ, דער מאָטאָר הוסט אונטער, דער קילער שוויצט, דער אויסגלייכער איז קרום, איר לאָמפּן לײַכטן נישט, דאָס רעדל דרייט זיך נישט, דער קערעוועער קערעוועט נישט, דער צינדער צינדט זיך נישט אָן, דער האַנט־הייבער פֿאַרהאַקט זיך, דער פֿוס־הייבער ליגט אײַנגעלייגט, די לופֿט־רערן זענען פֿאַרשטאָפּט, דער טרעטער לאָזט אויף זיך נישט טרעטן, די שמיר־אינסטאַלאַציע שמירט נישט, און אַז מע שמירט נישט, פֿאָרט מען נישט. דער איל־פֿילטער רינט, דער גאַז־מעסטער איז צעחושט, דער גיך־מעסטער איז הינטערשטעליק, דער שויב־ווישער ווישט נישט, די גומעשיך זענען געלעכערט. איך וויל פֿאָרן קיין בויבעריק, פֿאָר איך אַוועק קיין יעהופּעץ.״
״חיים ברוך,״ ענטפֿערט דער מעכאַניק, ״וואָס טויג דיר אַזאַ שיבֿרי־כּלי? דאָס אַלץ צו פֿאַרריכטן וועט אײַך אָפּקאָסטן אַן אוצה, און דער אויטאָמאָביל וועט ווערט זיין אַ זעץ אין דר׳ערד.״
״וואָס איז דײַן עצה?״
״מײַן עצה איז, קויף דיר אַ נײַע קאַטערינקע, און ווער פּטור פֿון דער אַלטער מאַכערײַקע.״
אונדזער ייִדישיסט וואָלט שוין לאַנג געקויפֿט אַ נײַע קאַטערינקע, אָבער ער האָט מורא, אַז ער וועט פֿאַרגעסן זיין ייִדישיסטיש לשון.
יאָ, מיט טעכנישע ווערטער איז אַ ביסל שווערלעך אין ייִדיש - אָבער מע טוט זיך אַן עצה: טעכניק איז בכלל אַ גוייִש אינסטיטוציע. ייִדיש דאַרף האָבן טעכניק, ווי אַן אַלטער ייִד דאָס קדחת.

veremos então quem é mais rico em loucura – inglês ou ídiche. Em inglês, se você quer dizer que alguém é louco, se diz: “*He’s crazy*” [ele é louco] ou “*insane*” [insano]. Além disso, há toda uma série de palavras técnicas, como “paranoico”, “esquizofrênico” – são palavras que não têm nenhum sabor judaico. Se você quer dizer uma palavra em inglês que tem, sim, um sabor judaico, se diz: “He’s meshuge” [ele é mechuge].[33]

Agora, vamos ver o que dá para fazer com um louco em ídiche. Um louco em ídiche é: “*meshuge*” [louco], “*metoyref*” [pirado], “*khoser-deye*” [desajuizado], “*oyver-botl*” [senil], “*tsedreyt*” [desequilibrado], “*tserudert*” [transtornado], “*nisht baym zinen*” [não bate bem],[34] “*mevulbl*” [atarantado], “*farikt*” [doido], “*tsemisht*” [perturbado], “*nisht baym seykhl*” [biruta],[35] “*nisht bay di klore gedanken*” [ensandecido],[36] “*vanzinik*” [demente], “*shvakhzinik*” [idiota], “*a tsetumlte brie*” [imbecil],[37] “*a mentsh vos krikht oyf di glaykhe vent*” [zureta],[38] “*a parshoyn mit a bzhik in kop*” [uma pessoa com um desvario na cabeça], “*s’felt im a klepke in moyekh*” [ele está com um parafuso solt],[39] “*a vilde brie*” [uma criatura selvagem], “*on a kop*” [estúpido],[40] “*a tsedulter*” [um desatinado], “*a tseshroyfter*” [um desajustado], “*a mevuel*” [estouvado],[41] “*a parshoyn vos blondzhet arum oyfn oylem hatoye*” [maluco],[42] “*oyfn oylem hadimyen*” [mais pra lá do que pra cá],[43] “*in hinerplet*” [tresloucado],[44] “*gerirt oyfn kastn*” [ruim da cabeça],[45] “*gerirt oyfn oybershtibl*” [ruim da cachola],[46] “*nisht oyf der velt*” [aparvalhado][47], “*a banumener*” [sandeu],[48] “*a tsehotsketer*” [tolo],[49] “*a tsefloygener*” [um avoado], “*a farloyrener*” [um perdido], “*nisht baym reynem farshtand*” [um desarrazoado], “*a meshugener hunt*” [um pirado],[50] “*a tsetrogener malekh*” [um desvairado],[51] “*a fardreyter sheps*” [um amalucado],[52] “*eyner vos veyst nisht oyf voser velt er iz*” [um disparatado],[53] “*a mentsh vos veyst nisht az di mame hot im gehat*” [um palerma],[54] “*nisht keyn higer*” [atoleimado],[55] “*gaystik krank*” [doente mental], “*a barufener*” [um possuído].

Essas palavras todas são do ídiche polonês. Os judeus lituanos têm ainda uma porção de palavras inusitadas, como: “tsedrumshket” [consternado], “kapuzhet” [desnorteado], “skonfuzhet” [confundido], “tsedrinzhet” [atrapalhado],[56] “tseshtrudlt” [embaraçado],[57] “tsetraytlt” [distraído], “farkaloytset” [pateta],[58] “farkalotshet” [paspalho],[59] “farpulyet” [zonzo],[60] “farmarotshet” [embasbacado]. Só de ouvir essas palavras você pode perder a linha, ficar desorientado e se enrolar igual a um macarrão.

34 **não está com a razão**
35 **não está com o intelecto**
36 **não está com os pensamentos claros**
37 **uma criatura atordoada**
38 **uma pessoa que rasteja em paredes retas**
39 **está com uma ripa faltando na cabeça**
40 **sem-cabeça**
41 **um aterrorizado**
42 **uma pessoa que vaga no mundo do caos**
43 **no mundo da imaginação**
44 **em letargia**
45 **mexido na cabeça**
46 **mexido no sótão**
47 **não nesse mundo**
48 **possuído**
49 **um sacudido**
50 **um cachorro doido**
51 **um anjo distraído**
52 **uma ovelha desequilibrada**
53 **alguém que não sabe em que mundo está**
54 **alguém que não sabe que a mãe lhe deu à luz**
55 **um estrangeiro**
56 **zumbido**
57 **bagunçado como o interior de um strudel**
58 **misturado**
59 **sacudido**
60 **coberto de poeira**

O autor e os editores agradecem ao blog “Yiddish Word of the Week”, cuja transcrição em ídiche do discurso foi um apoio importante para a elaboração deste texto. Disponível em <https://yiddishwordoftheweek.tumblr.com/post/58702012433/isaac-bashevis-singers-nobel-prize-speeches-translated>.

פֿאַרוואָס שרײַבסטו ייִדיש?

״אין הינערפֿלעט,״ ״גערירט אויפֿן קאָסטן,״ ״גערירט אויפֿן אייבערשטיבל,״ ״נישט אויף דער וועלט,״ ״אַ באַגנומענער,״ ״אַ צעהאָצקעטער,״ ״אַ צעפֿלויגענער,״ ״אַ פֿאַרלוירענער,״ ״נישט ביים ריינעם פֿאַרשטאַנד,״ ״אַ משוגענער הונט,״ ״אַ צעטראָגענער מלאך,״ ״אַ פֿאַרדרייטער שעפּס,״ ״איינער וואָס ווייסט נישט אויף וואָסער וועלט ער איז,״ ״אַ מענטש וואָס ווייסט נישט אַד די מאַמע האָט אים געהאַט,״ ״נישט קיין היגער,״ ״גײַסטיק קראַנק,״ ״אַ באַרוטענער,״ דאָס זענען אַלץ ווערטער פֿון פּוילישן ייִדיש. די ליטוואַקעס האָבן נאָך אַזאַ צעטל אויסטערלישע ווערטער, ווי: ״צעדרומשקעט,״ ״קאַפּודזשעט,״ ״סקאָנפֿוזשעט,״ ״צעדרינדזשעט,״ ״צעשטרודלט,״ ״צעטרייטלט,״ ״פֿאַרקאַלויצעט,״ ״פֿאַרקאַלאָטשעט,״ ״פֿאַרפּולעט,״ ״פֿאַרמאַראָטשעט.״ פֿון די בלויזע ווערטער, קאָן מען אַראָפּ פֿון די רעלסן, פֿאַרלירן די געדאַנקען, און ווערן צעפֿלאָכטן ווי אַ לאָקש.
ס׳איז אמת אַד ייִדיש איז אַ ביסל אָרעם אין טעכנישע ווערטער. ווען עס קומט צו אויטאָמאָבילן, עראָפּלאַנען, מאַשינען פֿון אַלערליי סאָרטן, איז ייִדיש אויף צרות. אָבער ווו שטייט עס געשריבן אַז אַ ייִדישיסט דאַרף טרײַבן אַ קאָר? ווער לאָזט אים נישט פֿאָרן מיט דער סאָבוויי? ייִדיש איז אַ - איז אַ טאָלערענטע שפּראַך. דער פּרינציפּ אין ייִדיש איז אַ קאָמוניסטישער: דאָס וואָס איז מײַן, דאָס וואָס איז דײַן איז מײַן, דאָס וואָס איז דײַן איז אויך מײַן. אַזוי - אַזוי אַד אין ערגסטן פֿאַל באַנוצט מען זיך מיט ענגליש, מיט פּוילישן, מיט רוסישן - וואָס עס לאָזט זיך.
איך קאָן אַ פֿאַרברענטן ייִדישיסט וואָס האָט אַ קאַר, און יעדן מאָנטיק און דאָנערשטיק, ווערט די קאָר ביי אים צעבראָכן. ער האָט אַ גאַראַזש ווו עס אַרבעט אַ צווייטער ייִדישיסט, און ווען די קאָר ווערט צעבראָכן, שלעפּט ער זי אַוועק צום ייִדישיסטישן מעכאַניק, און זיי רעדן צווישן זיך טעכנישע ווערטער - נישט אויף ייִדיש, נאָר אויף ייִדישיסטיש. ער זאָגט דעם מעכאַניק, ״משה שמערל, דער אויטאָ - דער אויטאָמאָביל מײַנער איז - נישט פֿאַר דיר געדאַכט - נישט מיט אַלעמען.״

É verdade que o ídiche é um pouco pobre em termos técnicos. Quando se fala de automóveis, aviões, máquinas de todos os tipos, o ídiche passa por dificuldades. Mas onde está escrito que um idichista tem que dirigir um *car* [inglês: carro]? Por que não o deixam andar de *subway* [inglês: metrô]?

O ídiche é uma língua tolerante. O princípio do ídiche é um princípio comunista: aquilo que é meu é meu, aquilo que é seu é meu também. De maneira que, no pior dos casos, se usa o inglês, polonês, russo. Tudo o que der na telha.

Eu conheço um idichista fanático que tem um *car* [carro em inglês, usado de propósito no discurso em ídiche de Singer] e frequentemente o carro quebra. Ele tem uma garagem onde trabalha um segundo idichista e, quando o carro quebra, ele o leva para o mecânico idichista. E eles conversam entre si com palavras técnicas… Não em ídiche, e sim em *idichistês*.[61] Ele diz ao mecânico: “Moisés Chmerl, o carro… o meu carro… Deus que me livre… não está bem”.

“Qual o problema com ele?”

“Ai, o *motor* tosse, o sistema de arrefecimento está suando, o alinhador está torto, os faróis não brilham, a roda não roda, o volante não gira, a chave não dá a partida, a marcha trava, a embreagem está emperrada, o escapamento está entupido, no pedal não dá para pisar, os lubrificantes não estão lubrificando, e quando você não lubrifica, não dá pra dirigir. O óleo está escorrendo, o medidor de gás está desregulado e não mede, o velocímetro está lerdo, o limpador do para-brisas não limpa, os pneus[62] estão furados. Eu quero ir para Boyberik[63] e chego em Yehupets.[64]

“Chaim Borech”, responde o mecânico, “de que te serve uma sucata dessa? Consertar tudo isso val custar uma fortuna e o automóvel ainda não vai valer porcaria nenhuma.”

“O que você aconselha?”

“Meu conselho é: compre uma outra lata velha e se livre dessa joça.”

O nosso idichista já teria comprado uma nova lata velha há tempos, mas ele tem medo de que assim ele esquecerá seu *idichistês*.

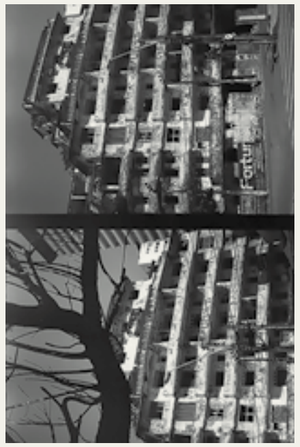
Sim, com palavras técnicas é um pouco difícil com o ídiche, mas dá-se um jeito: a tecnologia é, afinal de contas, uma instituição gentílica. O ídiche precisa da tecnologia, assim como um judeu velho, da malária.■

61 **mescla de ídiche com inglês**
62 Em inglês, a palavra é “tênis”, que Singer usa para ironizar a suposta falta de um termo adequado em ídiche.
63 **Forn keyn Boyberik** significa desviar, sair pela tangente; Boyberik é o vilarejo fictício onde se passa a história de *Tévye o leiteiro*, de Sholem Aleichem.
64 Uma cidade grande fictícia que também aparece nas obras de Sholem Aleichem, como no romance *Stempenyu*.

Isaac Bashevis Singer nasceu no seio de uma família hassídica em 1904, no vilarejo de Leoncin, próximo de Varsóvia, que à época era parte do Império Russo e hoje pertence à Polônia. Seu pai era rabino e a sua mãe, além de filha do rabino de Bilgorai, era uma devota estudiosa da literatura *Mussar* [nome dado a um tipo de literatura que consistia em instruções concretas e práticas sobre como viver eticamente (nela são discutidos os vícios e as virtudes do homem, com o objetivo de cultivar as virtudes do leitor e melhorar seu caráter)]. Bashevis teve dois irmãos, Israel e Moisés, e uma irmã, Ester. Com exceção de Moisés, que se manteve um judeu ortodoxo, os outros abandonaram a vida tradicional religiosa e se dedicaram à escrita, tornando-se grandes escritores ídiche. Bashevis estreou na literatura em 1925 e, até sua morte em 1991, publicou um número impressionante de romances, contos, livros infantis e ensaios. Sua obra foi traduzida para várias línguas, entre elas, o português.

Gustavo Emos é aluno de Letras na USP e um entusiasta do aprendizado de idiomas. É professor de ídiche no Workers Circle, em Nova Iorque, no Instituto de Investigación Judía (IWO), em Buenos Aires, e na PUC-Rio, no projeto “Viver com Yiddish”.

Foto Marilia Oliveira



AFETUOSAMENTE CRUEL

O tempo morde. Quando se começa a lembrar?

Um carro amarelo saindo pelos portões da casa à noite. Minhas mãos agarradas aos bancos dianteiros onde repousam o corpo matemático de meu pai e a carne amorosa de minha mãe. Uma benção com galho de aruda, meu ser sustentado de cabeça para baixo pela força da curandeira que diziam minha avó. O abebé prateado de Iemanjá encontra a espada de Ogum tatuada no peito. Cheiro de sapoti sangrando docemente no chão, cravejado de dentadas de morcego. Pés de manga, seriguela e caju, onde inventava modos de entrelaçar-me à arborescência frutífera. Tentativas de fixar um corpo no mundo.

Dizem que o tempo vive a girar, repetindo-se como um velho sem memória. Que, dobrando-se sobre si mesmo, costura séries infinitas, instaura na ordem dos acontecimentos maneiras de dizer “eu sou”. Ave com a cabeça voltada para o próprio rabo, fazendo do passado a tinta com a qual se escreve o presente de um futuro imaginado.

Escavação. Magma ruína. Esquecimento. Exercício de aquecer os sentidos. Abundância. Falta. Proliferação. Malemolência. Ferida. Tudo é tempo. Silêncio que divide e a polifonia de um sábado ensolarado. Suor escorrendo pelo braço, fluidificando o sangue viscoso.

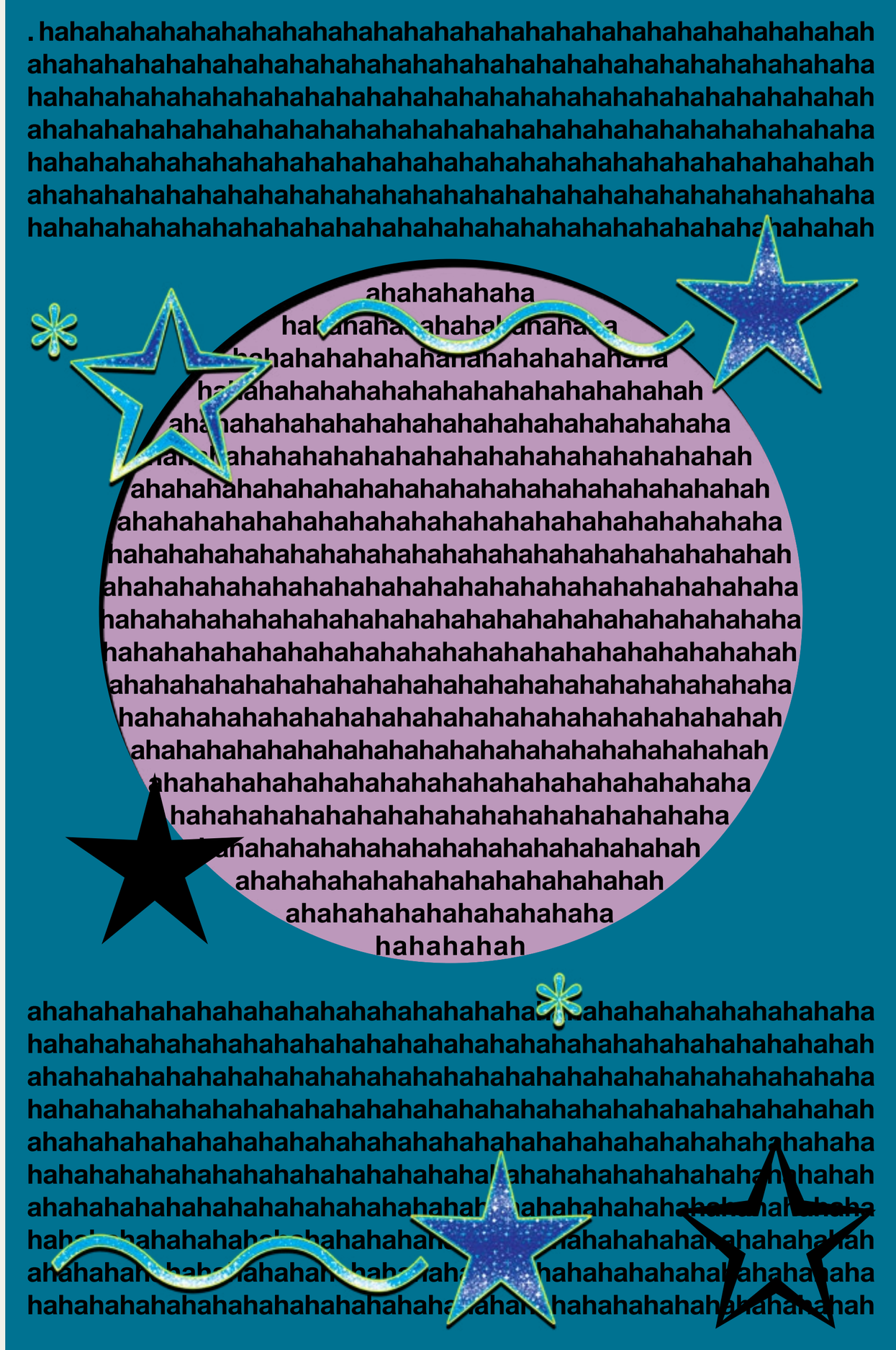
Agora que você não está mais aqui, as palavras trocadas por e-mail lembram o prédio-navio abandonado. Fora de lugar, a cumeeira poeirenta não protege mais. Chuva vento maresia espectros entram sem convite ou cerimônia. As paredes mapeiam caminhos fúngicos, pequenos círculos que se multiplicam segundo uma inteligência inacessível. Via láctea microscópica tingida de preto. Desassossego da vida que não cabe.

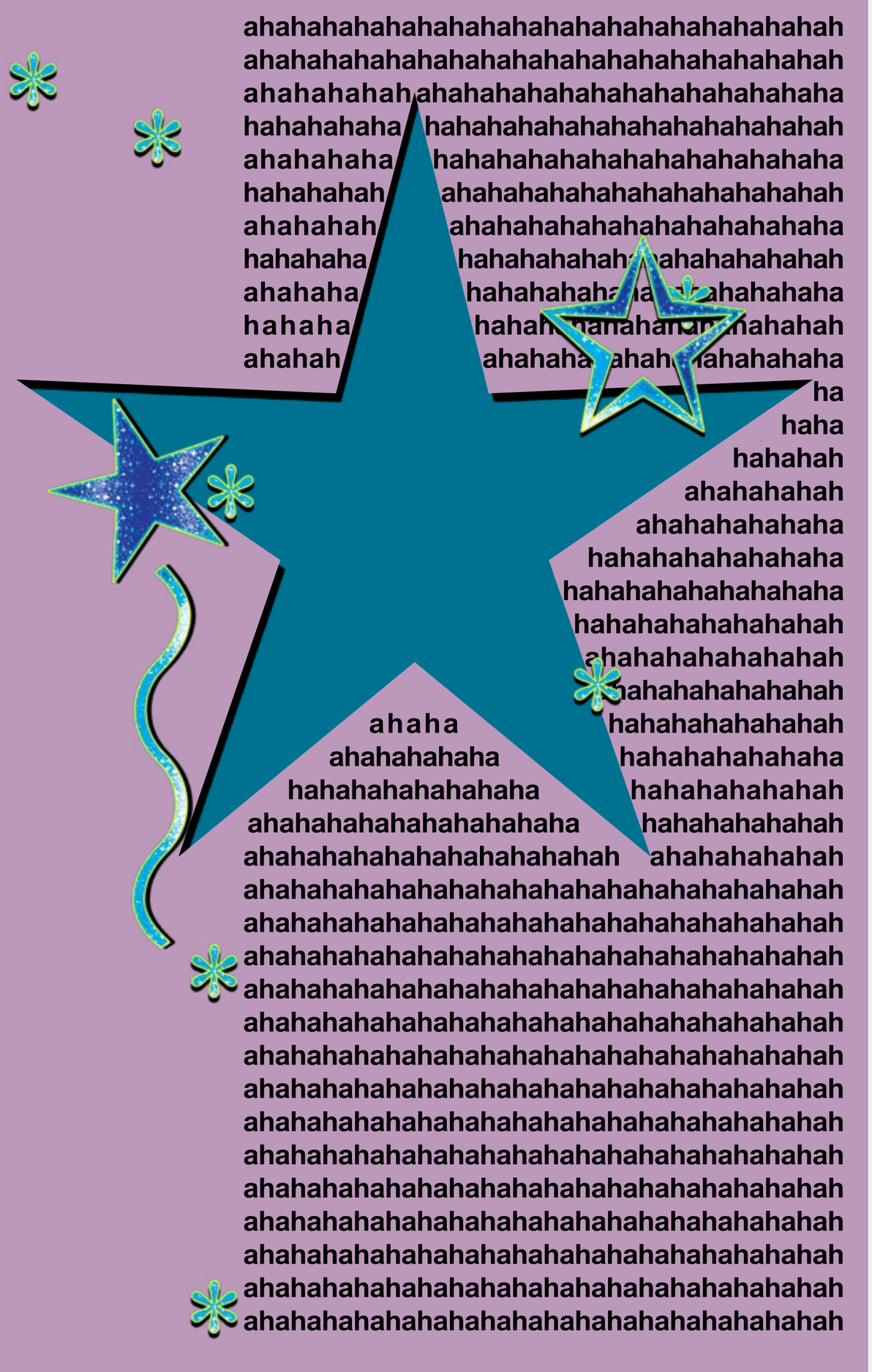
O São Pedro no conta que é preciso confiar no dizer das coisas. Na memória dos objetos. Na diabrura das plantas que, do pavimento mais alto, encontram uma forma de buscar a água arredia.

“Tudo é ruína, baby”, ouço-te num arrepio. Depressa te amo e às vezes lento. Roubo palavras para te ver sorrir. Escrevo para guardar. Um jeito de fazer dos escombros um começo, fragor de terra movente debaixo dos pés. **Leonardo Araújo para Ool Casa-Escola**

SETE E UM PALMOS

por Ana Raylander Mártis dos Anjos





ahahah

parecia perder a noite e o dia. Mas quem era Matheus, o homem mais bonito? Por que a terra se doía tanto com a sua partida? Por que o mar se estremeceu ao saber dos sete palmos de terra que o cobriam? Para explicar esses e outros fenômenos ocorridos entre a pré-vida e a vida, seria preciso, para todas aqueles que gozaram de uma única chance de estar no mundo, entender o efeito do último *habub*, que dividiu esses dois tempos.

O último *habub* – a nuvem de poeira que dividiu a pré-vida da vida – cobriu toda a cidade do Rio de Janeiro com um grande marrom opaco. Tudo leva a crer que a areia de toda a orla carioca se levantou em uníssono, cobrindo o punhado central da capital. Daqui de onde eu escrevo este relato, na esquina da Joaquim Palhares com João Paulo I, nem mesmo o morro do Corcovado, onde no ano seguinte seria iniciada a construção do Cristo Redentor, pôde ser visto. Não que antes do último *habub* pudéssemos ver o Corcovado ou o Cristo Redentor dessa esquina. Ele não abriria os seus braços na gripe de 1918, no carnaval de 1919, nem mesmo cem anos depois, quando a esquina Joaquim Palhares com João Paulo I tornar-se-ia a cena de um crime político.

Quando da sua partida, uma passarada passou a lamentar todas as noites. Até o seu retorno, no carnaval do ano seguinte, choros de animais voadores preenchiam o vazio deixado na cidade com a sua repentina despedida. Dizem que no ponto mais alto de Santa Tereza um bando de urutaus reunia-se com o nascer da lua para chorar. Um foi, foi, foi… podia ser ouvido ao longe, desde a ponta da colina até o Aqueduto do Carioca. Muito se falou em trocar o nome do bairro de Santa Tereza por Bairro do Chora Chora, mas logo depois, com a folia, esse rumor se dispersou.

Sete noites após a sua partida, os pássaros-fantasmas que se reuniam no alto de Santa Tereza renunciaram a ponta do morro para, em revoada, seguir num rasante rumo ao mar. De longe, via-se o bando de urutaus despedindo-se da cidade. De pescoços apontados para o outro lado do oceano, eles aceleravam. Mulheres negras, de coques que sufocavam os seus crespos e de saias amplas bordadas com contas trazidas pelo mar, faziam círculos de oração na tentativa de quebrar o mau agouro daqueles tempos. Línguas estranhas podiam ser ouvidas aos gritos nos casebres pouco iluminados da cidade. Influenciadas pela experiência pentecostal da Irmã Selina de Albuquerque, as mulheres de coque sufocantes debatiam-se umas contra as outras até manchas roxas e avermelhadas tingirem os seus braços e troncos. Esse foi o cortejo fúnebre dos pássaros do sétimo dia, que ficou mais conhecido como a primeira palavra do Espírito Santo a incendiar todo o Rio de Janeiro.

Ninguém pensou que os urutaus voltariam uma vez mais para o morro, mas foi o que aconteceu no dia seguinte ao cortejo fúnebre dos pássaros, desaparecidos no mar. De lá, do ponto mais alto de Santa Tereza, só sairiam quando finalmente os 15 mil, incluindo Matheus, renascessem. Os pássaros, de alguma forma, sabiam que os mortos voltariam para comemorar o carnaval de 1919. Tem morador que diz que os urutaus eram mais que mensageiros dos mortos. Eram, na verdade, as próprias almas encarnadas daqueles que foram ceifados pela grande gripe, aguardando impacientemente pelo renascimento.

Talvez, se a grande gripe não tivesse afetado a retina de todos aqueles que se mantinham ainda de pé, seria possível averiguar a presença do líder dos pássaros, o maior urutau de toda a passarinhada. Esse foi o único urutau que permaneceu imóvel, sem se alimentar e nem beber água desde a morte de Matheus até a chegada do carnaval de 1919. Entre tantos urutaus que ali lamentavam, ele era o único a olhar fixamente para o cocuruto do lado sudoeste do Livramento. O mais belo urutau de todos permanecia ereto e elegante, de olhos cerrados, mirando a única lamparina acesa no Morro da Providência.

Como se a distância entre o urutau e o Morro da Providência fosse a distância de um carnaval pro outro, ele esperava pacientemente. Sua serenidade era tal qual a das varandas da Rio Branco, à espera dos locatários dispostos a ver de cima o passar dos blocos carnavalescos. Desde a sua varanda particular, um tronco de árvore que ajudava no seu disfarce, o maior urutau de todos pôde entrar em um transe profundo. Sua concentração era tamanha que nem mesmo ele sabia diferenciar o que era pássaro e o que era tronco.

Do pedaço de história que não foi apagada, sabemos que era no alto do Morro da Providência que Matheus, o homem mais bonito, tinha morada. Ali, na Pequena África, quando o jovem passava, era comum famílias inteiras ajoelharem-se em sinal de respeito. O curvamento que as crianças e os adultos costumavam fazer para Matheus não era compreendido por nenhum dos portugueses que cruzavam o território negro e indígena. O homem mais bonito, batizado com nome de origem hebraica, era na verdade descendente direto de uma das mais importantes lideranças africanas, trazida para o Rio de Janeiro no século XVIII, cujo nome o tempo fez esquecer. Dizem que o rapaz tinha também um avô indígena, que havia sido trazido do interior do estado para a Pequena África no ano de 1810, e que ali se instalou, criando então uma comunidade.

A história incompleta sobre os ancestrais de Matheus é a lacuna faltante para o entendimento sobre a real importância do rapaz e o seu retorno. Uma mulher de pele afeijoada que se escorava em uma das primeiras janelas da Ladeira do Livramento disse na ocasião que a esposa, agora viúva de Matheus, junto de seus dois filhos, mudara-se da Providência para o que ficaria conhecido no final do século como o Complexo da Maré. Foi com a morte de Matheus que a primeira mãe se instalaria na Maré. Os Silvas, cujo papel na comunidade sempre tivera destaque, elegeriam no século seguinte a primeira vereadora da família.

Enquanto a folia carnavalesca tomava conta do centro da cidade, Matheus, diferentemente dos outros renascidos que chacoalhavam na folia, subiu num andamento lento o Morro da Providência. Com passos de despedida, o jovem ia deixando fragmentos de sua musculatura nas ladeiras e escadarias. Gotas, não de sangue, mas de um líquido escuro feito melaço, iam pingando e desenhando um mapa no chão. Olhando para as casas e as favelas que brotavam entre um punhado e outro de terra, ele se deixava ser cada vez mais pertencente ao morro, aderindo-se ao calçamento de pés de moleque que vinham desde o Cais do Valongo.

Quando chegou no Oratório do Morro da Providência, Matheus, o homem mais bonito, já estava com o corpo do avesso. Aos poucos foi se desfazendo. O que restava de si mesmo foi se transformando em grossos grãos de areia. Um milhão desses grãos, ainda assim incontáveis, empilharam-se na palma da mão do Providência. Os olhos de Matheus, os únicos órgãos que a podridão da cidade não havia conseguido devorar, transformaram-se em dois búzios negros. As formigas, que faziam o seu trabalho carregando porções folhosas de favelas, passaram a marchar em direção ao Cais do Valongo, carregando os búzios negros viajantes e 1 milhão de grãos de areia.■

Ana Raylander Mártis dos Anjos (1995), nascida no cafundó do mundo. Em sua prática procura estabelecer um diálogo entre a história coletiva e a sua própria história. Entende sua atuação como um fazer interdisciplinar. Vem recorrendo com frequência aos saberes da educação, escrita, performance e brincadeira em projetos de longa duração.

REKONζTRUA DOSIERO

por Maíra Dietrich

ARQUIVO DE TRAJETÓRIAS E TRANSIÇÕES

Fundado em 2032, o Rekonζtrua Dosiero é um arquivo responsável por abrigar as memórias, testemunhos e objetos do período da Reconciliação (2031-2038). Neste depoimento transcrito e traduzido pela primeira vez do XSperantIU, a pesquisadora e coordenadora do arquivo, Maíra Dietrich, conta sobre a fundação do projeto, sua metodologia e desafios para o futuro.

Sim, vamos lá! Acho que seria bom começar do começo, né? O Dosiero, o coração do Dosiero, começou quando eu conheci o Wille, Willemino Kunf, que era um professor aposentado de história que morava em Caxias do Sul. E eu conheci ele quando estava passando um semestre lá estudando a etimologia do Sagu, era parte de uma pesquisa mais complexa que tinha começado no 2019, o orçamento foi diminuindo e no 2020 sobramos, só eu e o Sagu em Caxias. Enfim, eu morava num prédio feio e sempre cruzava com o Wille e a Sandy, seu esposa, nas escadas. Um dia eles tinham que viajar e Sandy me pediu pra regar as plantas. Quando entrei no apartamento fiquei chocada, descobri que elas eram acumuladores, tinha muito papel pela casa toda. Uma mistura de notícias de internet impressas e arquivos organizados por nomes de pessoas, das quais eu reconhecia nomes famosos, mas também de pessoas anônimas do bairro. Foi bizarro e intrigante, porque era uma bagunça, mas era muito sensível. Não era um arquivo duro, sabe? Não forçava categorias em fatos e informações, coletava meio que a vida das pessoas nas coisas significantes e nas aparentemente não significantes. Virei uma noite lá lendo o que podia e quando elas voltaram eu perguntei. Elas ficaram reticentes, achando que eu tinha sido meio enxerida, mas viram que eu estava gamada no material e me trouxeram pra dentro. A Sandy tava mais aberto, o Wille desconfiadão me olhando atrás daquelas lentes de fundo de garrafa. Passei mais 4 meses em Caxias

Jes, ni iru! Mi pensas, ke estus bone komenci de la komenco, ĉu ne? Dosiero, la ŝirdis-Eté de Dosiero, komenciĝis kiam mi renkontis Wille, Willemino Kunf, kiu estis emerita instruisto de историја kiu vivis en ಸ್ಥCaxias do Sulಸ್ಥ. Kaj mi renkontis lin kiam mi pasigis semestron tie studante la etimologion de Sagu, ĝi estis parto de pli kompleksa esplorado, kiu komenciĝis en 2019, la buĝeto malpliiĝis kaj en 2020 estis nur mi kaj Sagu en ಸ್ಥCaxiasಸ್ಥ. Ĉiuokaze, mi loĝis en malbela konstruaĵo kaj mi ĉiam preterpasis Wille kaj Sandy, lia edzino-ohana, sur la ŝtuparo. Iun tagon Ili devis vojaĝi kaj Sandy petis min akvumi la plantojn. Kiam mi eniris la apartamenton mi estis ŝokita, mi eksciis, ke ili estas akumuliloj, estis multe da papero tra la tuta domo. Miksaĵo de presitaj interretaj novaĵoj kaj arkivoj organizitaj laŭ nomoj de homoj, el kiuj mi rekonis famajn nomojn kiel, sed ankaŭ anonimulojn. Ĝi estis bizara kaj intriga ĉar ĝi estis malordo sed ĝi estis tre sentema. Ĝi ne Ж‌kstis malfacila dosiero, ĉu vi sؾcias? Ĝi ne devigis kategoriojn al faktoj kaj informoj, ĝi kvazaŭ kolektis elu de homoj sur la Signifaj kaj ŝajne nesignifaj aferoj. Mi turnis min unu usik্ tie legante kion mi povis kaj kiam ili revenis mi demandis. Ili estis

1 Novonome da cidade de São Paulo.
2 As capitais estavam sob controle e fiscalização do Ministério do Brasil, e os assentamentos e terras demarcadas eram pontos de insurgência do Comando Unificado do Xingu.
3 Doença contagiosa criada acidentalmente pelo Ministério do Brasil, ao misturar um derivado do Napalm com resíduos de agrotóxicos, num tanque de avião pulverizador. O conteúdo foi usado em um ataque a Chiapú-Xingu no 2026 que resultou em muitas mortes imediatas pelo contato do químico com a pele, e indiretas, pois a mistura se tornou contagiosa. A insuficiência de estímulos neurocapacitores, IENC, mais conhecida como *baba*, se espalhou e eliminou 25% da população humana planetária. Para mais informações acesse os diários de Jucí, no código QR 2.
4 Nome que se dá ao período de reencontro dos grupos separados pela guerra e pela devastação da baba, aproximadamente do 2031 ao 2038.
5 No ano de 2028, o servidor MounterTop, que hospedava os dados de 9 conglomerados midiáticos e estatais, sofreu danos irreversíveis por conta da umidade e falta de manutenção decorrentes dos anos da guerra. Naquele momento, 70% dos sites acessados no Brasil ficaram fora do ar por 22 dias e os dados armazenados foram perdidos, incluindo sites de notícias como *G1*, *Folha de S. Paulo*, *Estadão*, *Jornal O Globo*, *Jornal O Dia*, *SPC*, *Diário Oficial*, entre outros, todos perderam suas bases de dados digitais.
6 Para saber mais consulte: *XSperantIU, história e gramática aplicada, edição comemorativa de lançamento*, Junta Editorial trans-parto-pátrica, 2036.

com elas, quase todas as noites ficava lá tomando um chimarrão e vendo as pastas. Era um colecionismo de gente, incrível mas sem mira. Ficamos bem próximas. Sandy me contou que estava fazendo um tratamento de sangue e que as coisas não iam tão bem, ela era dez anos mais velha que o Wille. Sandy faleceu seis meses depois que eu voltei pra Santasã.[1] Eu liguei algumas vezes e fui pra Caxias visitar o Wille, isso tudo no 2022, 23. Ele tava bem sozinho e perdido lá. Convenci ele a vir passar um tempo comigo. Começamos a fazer um arquivo temporário lá em casa, de brincadeira, fizemos uma pasta pra ele, que bizarramente não tinha, e outra pra mim. Ele ainda tava muito triste mas a coisa toda distraía ela, era tipo um tio, morar com um tio. Daí ele voltou pra Caxias e veio a guerra. A gente tentava se falar, tanto ela quanto eu tínhamos opiniões e posicionamentos, mas não tínhamos estômago pra guerra. São bonitas as cartas, estão guardadas na linha dele. A gente ensaiou algumas vezes de ir pro assentamento[2], mas acabamos ficando na cidade e fazendo uma revolta acomodada, *na pesquisa* ele dizia, *olho na pesquisa* tentando acalmar a angústia e a vergonha que sentíamos de não ter ido. Não sei até que ponto foi a coisa certa a se fazer, eu era muito novo também, foi o que tinha. A gente sobreviveu, passou a guerra e a baba,[3] aqueles anos horríveis. Foi bem importante processar tudo aquilo com ele, a gente tava sempre se falando, trocando áudios e debatendo as transformações no pós-baba. Quase que sem a gente perceber, o arquivo foi se tornando sobre a Reconciliação,[4] até que um dia batemos o martelo, e num telefonema entusiasmado ele fez um discurso e falou pela primeira vez do “nosso” arquivo, eu derreti. Depois que as coisas acalmaram, no 2032, chamei ela pra morar comigo definitivamente. Falei que a gente podia aplicar pra uns fundos pra ter um espaço só pro arquivo aqui em Santasã. Falei isso também porque em 2028 teve o apagão do servidor[5] e muita gente começou a assediar ele pra comprar o arquivo impresso de notícias da internet que a Sandy guardava, que, enfim, meio que virou uma preciosidade. Fizemos um quarto pro Dosiero lá em casa, tinha plaquinha na porta e tudo! Foi um período muito bom, a Reconciliação era meio luto, mas tinha muito otimismo no ar. O Wille adorava acompanhar meu trabalho na Junta do XSperantIU, ele era o maior entusiasta, ele tinha um quê de utopia, daquelas que curtia uma boininha [risada]. Decidimos que o arquivo usaria o XSperantIU, e que assim que a convenção firmasse a gramática a gente ia aprender e traduzir tudo. Pra explicar um pouco como começou isso, porque pouca gente sabe da história desde o começo, o XSperantIU é uma língua escrita que foi elaborada por um comitê de mais ou menos 950 pessoas, entre 4 ou 5 representando cada parto-país. Esse grupo se reuniu e trocou durante os 5 primeiros anos da Reconciliação, com o objetivo de criar uma língua escrita trans-parto-pátrica, que partia do Esperanto como base, mas que, ao invés de ser neutra, era uma língua feita de homenagens às línguas vivas no momento da criação. Cada comitê tinha um processo de decisão e vinha pra Junta com a sua homenagem decidida. Essa homenagem podia ser um termo, forma, função, um caractere, usos, símbolos, acréscimos, enfim, qualquer coisa que esse comitê acreditasse que representava sua língua ou seu lugar, de forma que não tem como aprender XSperantIU sem aprender pelo menos uma coisa sobre cada língua e cultura. A nossa escolha foram os quatro P O R Q U Ê S, a Alemagna escolheu o maiúsculo no Substantivos, o Guarani trouxe o *-Été* e por aí vai. A partir dessas escolhas o time de linguistas foi criando a gramática e aqui estamos.[6] Eu particularmente não gosto de como o nome soa, mas votei nele por homenagear o Esperanto e embutir no nome desenhos de letras que simbolizava muito. Então no nome *XSperantIU*, o *X* faz o encontro de duas linhas, o *S* é o movimento oscilatório, de dança, o *I* é a linha decidida que vai e o *U* faz a convicção do regresso. E como é língua escrita a gente acaba abreviando XSIU, então tudo bem [risada]. Nossa, foi uma festa muito foda a inauguração do XSpertantIU, foi no 2036 [pausa]. Então, a primeira coisa que eu e Wille traduzimos foi o nome do nosso arquivo, ficamos na dúvida entre *Repaciĝo Dosiero*, que vem de Reconciliação ou *Rekonζtrua*, e o *Rekonζtrua* pegou mais. Hoje fica estranho porque “Reconstrução” caiu em desuso, se fala mais na “Reconciliação”, mas a gente sempre pirava

malkonfememaj, opiniante, ke mi estis iom nazama, sed ili vidis, ke mi estas hokita je la materialo kaj Enkondukis min. Sandy estis pli malferma, Wille suspekteme rigardis min de malantaŭ tiuj botelfundaj lensoj. Mi pasigis ankoraŭ 4 monatojn en ಸ್ಥCaxiasಸ್ಥ kun ili, preskaŭ ĉiun usiku Mi estis tie trinkante chimarrão kaj vidante la dosierujojn. Estis kolekto de homoj, nekredeblaj sed sen celo. Ni sufiĉe ےلگ. Sandy diris al mi, ke ŝi ricevis Sangotraktadon kaj ke aferoj ne tiel bonॖe iras, ŝi estis 10 jarojn pli aĝa ol Wille. Sandy forpasis ses monatojn post kiam mi revenis al ಸ್ಥSantasãಸ್ಥ. Mi telefonis kelkajn fojojn kaj iris al ಸ್ಥCaxiasಸ್ಥ por viziti Wille, ĉio ĉi en 2022, 23. Li estis bone sola kaj perdis tie. Mi konvinkis lin veni pasigi tempon kun mi. Ni komencis fari provizoran dosieron hejme, kiel ŝerco, ni faris dosierujon por ĝi, kiu bizare ne havis, kaj alian por mi. Li Ж‌stis ankoraŭ tre malĝoja sed la tuta afero distris ŝin, estis kiel onklo-ohana, loĝanta kun onklo-ohana. Poste li revenis al ಸ್ಥ-Caxiasಸ್ಥ kaj venis la milito. Ni provis interparoli, kaj ŝi kaj mi havis opiniojn kaj poziciojn, sed ni ne havis тулалдахыг хүсэхгүй байна. La kartoj estas belaj, ili estas tenitaj en lia γραμμή. Ni ekzercis iri al la setlejo Kelkajn fojojn sed ni finis resti en la urbo kaj fari komfortan ribelon, *en la enketo* li diris: *Mi rigardas la enkЖ‌kton* provante trankviligi la angoron kaj honton, kiun ni sentis pro ne foriri. Mi ne scias, ĝis kie estॖis la ĝusta afero, ankaŭ mi estis tre juna, tion mi havis. Ni pluvivis, pasigis la militon kaj la baba tiujn terurajn jarojn. Estis tre grave prilaںbori ĉion tion kun li, ni ĉiam parolis, interŝanĝis aŭdaĵojn kaj diskutis la transformojn en la post-baba. Preskaŭ sen ke ni rimarkis, la dosiero fariĝis pri Repaciĝo, ĝis iun tagon ni trafis la martelon, kaj en entuziasma telefonvoko li faris paroladon kaj parolis unuafojЖ pri „우리의“ dosiero, mi fandis. Post kiam aferoj Trankviliĝis, en 2032, mi vokis ŝin por vivi ကျွန်တော်နဲ့ c ့အတူ . Mi diris, ke ni povus peti kelkajn monrimedojn por havi spacon nur por la dosiero ĉi tie en ಸ್ಥSantasãಸ್ಥ. Mi diris tion ankaŭ, ĉar en 2028 okazis sॖervila senkurentiĝo kaj multaj homoj komencis ĉikani lin por havi la presitan arkivon de interretaj novaĵoj, kiujn Sandy konservis, kiu, finfine, kvazaŭ fariĝis trezoro. Ni faris ĉambron por Dosiero hejme, estis ŝildo sur la pordo kaj ĉio! Estis tre bona periodo, la Repaciĝo estis speco de funebro sed ankaŭ estis Multe da optimismo en la aero. Wille amis sekvi mian laboron en la Estraro de XSperantIU, li estis la plej entuziasma, li havis iom da utopio, unu el tiuj, kiॖuj ŝatis bereton /*ridado*/. Ni decidis, ke la dosiero estos en XSperantIU, kaj ke tuj kiam la kongreso subskribos la gramatikon ni lernos kaj fetolela ĉion. Por klarigi iom kiel ĝi Komenciĝis, ĉar malmultaj homoj konas la historion dekomence, XSperantIU estas skriba lingvo, kiu estis kreita de komitato de ĉirkaŭ 950 personoj, inter 4 aŭ 5 repr Ж‌zentante ĉiun нация. Tiu ĉi grupo kunvenis kaj ŝanĝiĝis dum la unuaj 5 jaroj de la Repaciĝo, kun la celo krei trans-нация, kiu ekiris de ESPERANTO kiel bazo, sed kiu, anstataŭ esti neŭtrala, estis lingvo omaĝata al ĉiuj lingvoj ekzistantaj en la tempo de la kreado. Ĉiu komitato havis decidprocezon kaj venis al la Estraro kun sia Honoro decidita. Nia elekto estis la kvar *P O R Q U Ê S*, ಸ್ಥAlemagnaಸ್ಥ нация elektis la ĉefurbon en Substantivoj, Gvarania alportis *-Été* kaj tiel plu. Surbaze de tiuj elektoj, la teamo de lingvistoj kreis la gramatikon kaj jen ni estas. Mi ne aparte ŝatas la manieron kiel la nomo sonas, sed mi voĉdonis por ĉi tiu ĉar ĝi omaĝas Esperanton kaj ĉar ĝi enigas literojn en la nomo kiu simbolis multe. Do en la nomo *XSperantIU*, la *X* faras la

7 Órgão responsável pela distribuição de bens do parto-país.
8 Novonome da Casa do Povo.
9 Evento de agosto do 2030, quando, depois de uma chuva que durou 213 dias ininterruptos, o solo da região metropolitana de Santasã/São Paulo cedeu. A queda foi prevista por uma equipe de geógrafos e engenheiras e a cidade foi evacuada dois meses antes. As únicas áreas cujo solo não cedeu, paradoxalmente, eram as áreas de solo úmido da cidade, ou seja, os brejos e bordas de rios, aterrados ou não, que sabiam como lidar com a umidade em excesso. Na região metropolitana, permaneceram em pé o Vale do Anhangabaú, uma parte do antigo bairro do Bom Retiro onde três rios uma vez se encontravam, algumas áreas no Taboão da Serra e as proximidades da linha do trem do pico do Jaraguá. Para mais informações: *Queda do Chão, crise climática e perjúrio social* de Marcelino Pibixí, Junta Editorial, 2032.

nesse *K*zão no meio do nome. Lembro dele gesticulando, *Konζtrua, forte*! Ficava muito vermelho quando bebia [risada]. Falar dela dá saudades, Wille morreu logo depois que finalizamos a gramática, foi bem triste mas ele já tava bem velha, começando a ficar gagazinho. Ele tinha me colocado no testamento, a casa em Caxias voltou pro Fundão[7] e o Dosiero ficou pra mim. O Dosiero naquela época era as notícias que a Sandy imprimia em papel A4, as gravações de áudio em fita, DV, e MP3, o Visor de Linhas que tínhamos programado e o nosso receptor sonoro, que tava velhinho, mas funcionava. A partir dessa oficialização que o Wille fez, o Dosiero ficou sob minha custódia, e hoje somos uma hidrassociação de 10 pessoas: Melina, Parunka, Vixinia, Dox, Paula Treze, Bebião, Byeboy, Marianaki, você [risada] e eu. Em termos arquivologistas demorou um pouco pra gente entender não só a estrutura e os assuntos, mas a forma do Dosiero, por mais que eu, o Wille e a Sandy tivéssemos uma caminhada na História e na Biblioteconomia, era muito difícil visualizar o que estávamos fazendo, e era um exercício constante também de não projetar o Dosiero como algo mais simples ou apelativo do que era, pra chamar um público geral ou até pra captação de recursos. Segurar na mão a complexidade e deixar ela ser complexidade é mais difícil que parece [risada] e acaba sendo sempre sobre entender a estrutura da memória. O Dosiero trabalha com o desenho das linhas que as trajetórias e vidas das pessoas fazem quando encontram, movem, torcem, vivem a Reconciliação. Bizarro porque a história é feita de protagonismo mas de insignificância também, das nossas vidas e das nossas mãos, no Dosiero, na História... Enfim, nesse processo de estruturação dos primeiros anos, uma coisa que ajudava a gente era olhar pros exemplos das instituições-irmãs-mais-velhas, tipo a Edziĝinta משטנעש,[8] que além de tudo que é hoje, sempre teve arquivo e biblioteca, e olhar pra ela ajudava a entender o que a gente queria, as semelhanças e as diferenças. Por exemplo, elas tinham uma história muito forte com a construção física do espaço e do bairro, né? A gente é mais solta na fisicalidade, então invertemos um pouco os lemas, tipo, pra elas a casa era um *Monumento Vivo*, e pra gente nosso arquivo tratava a *Vida como Monumento* no sentido do testemunho, a história das pessoas como indícios da história coletiva. O nosso *Gedenk* era Trajektorií (Trajetória), nosso *Farain* era Dezдjno (Desenho, linhas) e nosso *Tsukunft* era Fiںdo kaj Marŝo (Fé e Marcha). Eu ainda não acredito que a Edziĝinta משטנעש ficou quando teve a queda do chão,[9] foi uma das poucas coisas que não caiu, por mais que eu racionalize ainda acho meio milagre [risada]. Voltando pra coisa da arquivologia... peraí… vou precisar atender essa chamada [levanta e sai] [volta]. Onde que eu tava? Ah tá, sobre a coisa da metodologia, eu e o Wille tínhamos feito um curso on-line de Teoria das Linhas no 2023 e a gente intuía que o desenho tinha a ver com o Dosiero, fomos lapidando essa coisa da linha e chegamos nessa forma de ler e de buscar no Dosiero: cada pessoa fazia uma linha, os eventos eram pontos e os lugares faziam o plano. A partir disso vieram as dobras de linha, as pontilhações, tracejos, loopes, “o tremer a mão”, staccatizar… Enfim, a gente pode entrar nisso uma outra hora, até pra eu mostrar como funciona a busca e o registro no Visor, mas, no fundo, a imagem da linha e do desenho ajudou muito a gente a dar forma, porque por mais que a gente fala de linha, não é uma linha nem do tempo, nem reta, nem esquadralizável, nem uma linha de palavras ou de números, é uma linha de força, gesto e serendipidade. O Wille falava um negócio que nunca esqueço, que o problema da História é que as pessoas se agarravam nos antes e depoises, como se tivesse uma normalidade, daí um evento que quebra e daí uma outra normalidade, e o Wille dizia *a gente tem que focar nas transições porque é só isso que tem*! Muito profe de história, né? Parecia que ele nunca saía da sala de aula [risada]. Ou seja, não tem antes-depois-antes-depois-antes-depois porque é tudo mudança-mudança-mudança-mudança-mudança. Então essa coisa do desenho faz muito sentido com a própria Reconciliação, como a moldabilidade das trajetórias. Enfim, isso tudo, esse entendimento da história das transformações, junto com a Teoria das Linhas e junto com o Records Continuum ajudaram a gente a lapidar as linhas, e o Dosiero como organizador do desenho das transições. E não sei se ficou claro, mas não é desenho como representação da

kunsidon de du linioj, la *S* estas la oscila, dancmovado, la *I* estas la decidita linio kiu iras kaj la *U* faras la konvinkon de la reveno. Kaj ĉar ĝi estas skriba lingvo, ni finas mallongigi *XSIU*, do tio estas en ordo /*ridado*/. Ve, estis tre bela festo por la MalfЖ‌rmo de XSpertantIU, estis en 2036, la unua kion mi kaj Wille tradukis estis la ingoa el nia arkivo, ni dubis inter *Repaciĝo Dosiero*, kiu venas de Repaciĝo aŭ *Rekonζtrua*, kaj *Rekonζtrua* prenis pli. Hodiaŭ estas strange ĉar “Rekonstruo” neuziĝis, oni pli paroںlas pri “Repaciĝo”, sed ni ĉiam timigis pri ĉi tiu Kzão meze de la nomo. Mi memoras, ke li gestis, *Konζtrua, aquenda*! Mi ege ruĝiĝis kiam mi trinkis [ridado]. Paroli pri ŝi ŝin sopiris al mi, Wille mortis tuj post Kiam ni finis la grammatica, estis tre malĝoje sed li jam estis sufiĉe maljuna, ekspiregante. Li metis min en sian testamenton, la domo en ಸ್ಥCaxiasಸ್ಥ revenis al Fundão kaj Dosiero restis ĉe mi. La Dosiero tiutempe estis la novaĵo, ke Sandy presis sur A4-papero, la sonregistraĵojn sur bendo, DV kaj MP3, la Line Visor kiun ni programis kaj nia sonricevilo, kiu estis malnova sed funkciis. De ĉi tiu oficialigo, kiun Wille faris, Dosiero estis en mia gardado, kaj hodiaŭ ni estas hidro-asocio de dit משטנעש respondecaj: Melina, Parunka, Vixinia, Dox, Paula Treze, Bebião, Byeboy, Marianaki, vi [ridado] kaj mi. En arkivaj terminoj, ni bezonis iom da tempo por kompreni ne nur la strukturon kaj temojn, sed la formon de Dosiero, kvankam Wille, Sandy kaj mi promenis en Historio kaj Bibliotekscienco, estis tre malfacile bildigi, kio ni estis. farante, farante, kaj ankaŭ estis konstanta ekzercado de ne tervezés la Dosiero kiel io pli simpla aŭ alloga ol ĝi estis, por allogi ĝeneralan publikon aŭ eĉ por kolekti monrimedojn. Teni komplЖ‌kksecon en via mano kaj lasi ĝin esti komplekseco estas pli Malfacila ol freagracht [ridado] kaj ĉiam temas pri kompreni la strukturon de memoro. Dosiero laboras desegnante la liniojn kiujn la trajektorioj kaj Elu faras kiam ili rॖenkontas, moviĝas, tordas, vivas Repaciĝon. Bizara ĉar приказна estas farita el protagonismo sed ankaŭ sensignifeco, el niaj Elu kaj niaj Eller , en Dosiero, en приказна... Ĉiuokaze, mi mi jam vojaĝas. Revenante, en ĉi tiu procezo de strukturado de la unuaj jaroj, unu afero kiu helpis nin estis rigardi la ekzemplojn de instituciоj-师姐, kiel Edziĝinta משטנעש, kiu en Aldone al ĉio, kio ĝi estas hodiaŭ, ĉiam havis arkivon kaj bibliotekon, kaj rigardi ĝin helpis nin KomprЖ‌ni kion ni volis, la similecojn kaj diferencojn. Ekzemple, ili havis tre fortan приказна rakonton kun la fizika konstruado de spaco kaj ಸ್ಥnajbarecoಸ್ಥ, ĉu ne? Ni estas pli lozaj en fizikeco, do ni iomete inversigis la motojn, kiel, por ili la domo estis *Elu Monumento*, kaj por ni nia arkivo traktis *Elu kiel Monumenton*, en la senco de yon temwayaj, la historio de homoj kiel evidenteco de kolektiva historio. %=Nia *Gedenk* estis Trajektorií, %=nia *Farain* estis Dezдjno /*Desegnaĵo, γραμμή*/ %=kaj nia *Tsukunft* estis Fiںdo kaj Marŝo. Mi ankoraŭ ne povas kredi, ke Edziĝinta משטנעש estis kiam ĝi defalis de la tero, ĝi estis unu el la malmultaj aferoj, kiuj ne, kiom ajn mi raciigas ĝin, mi ankoraŭ pensas, ke ĝi estas ia miraklo /*ridado*/. Reen al la arkivologio-приказна atendu momenton... Mi devos preni ĉi tiun vokon /*ekstariĝas kaj foriras*/ /*reen*/. Kie mi estis? Ho jes, pri la metodika afero, Wille kaj mi estis preninta retan kurson pri γραμμή en 2023 kaj ni sentis, ke desegnaĵo rilatas al Dosiero, ni poluris ĉi tiun aferon per la γραμμή kaj ni alvenis al ĉi tiu maniero legi kaj serĉi en Dosiero: ĉiu Persono faris γραμμή, la eventoj estis κουκκίδα kaj la lokoj faris la επίπεδο. El tio venis la ραμμή liniofaldoj, la punktoj, streketoj, bukloj, „la

10 Para ouvir a leitura dos diários de Jucí acesse o código QR 2.
11 Para ver a entrevista com Jucí acesse o código QR 3.

história, do passado ou do futuro, é como ação permanente. Desenho como ação formal perante o passado e o presente, tipo, não só registrar o passado como um desenho, mas agir no presente consciente do desenho que se faz e gera. Ou seja, desenhar! [risada] Dá pra entender? É engraçado narrar aqui, tudo parece tão lógico e encadeado, mas foi uma sucessão de tentativas, agora que tem vocês na equipe é melhor ainda pra ir dando essas formas, mas no começo que era só nós duas a gente queimava a mufa mesmo em cada coisinha, socorro… E enfim, teve um salto também na nossa trajetória, a gente estava aqui brincando de casinha com o material que tínhamos até que chegaram os diários de Jucí,[10] que foi o maior presente e desafio que esse arquivo poderia ter. Foi onde testamos nosso sistema, até porque querendo ou não a linha da Jucí syncava várias linhas e planos que ficaram sumidos do 2022 ao 2030, foi uma força-tarefa do caralho, decupar todo o material e syncar. A gente queria ter feito mais entrevistas com ela, pra perguntar mais coisas, mas enfim, aquela já foi boa.[11] Mas só pra explicar em termos de desenho, a linha da Jucí conecta a fundação da CUX, a cura da baba feita em Chiapú-Xingu, e ainda as Juntas com as Mejicas. É meio absurdo o poder conectivo que o testemunho dela tem. Enfim, fora a bruxona que ele é, né?… Mestra do escudo sonoro, três peles, com aqueles cachorros sempre atrás dela, figura imensa! Falando nisso, tu conseguiu falar com ela? Não, né? Tá sumida. [pausa] Então a identidade do Dosiero foi se fazendo aos poucos, e acho que essa era uma das preocupações que a gente tinha também, que o Dosiero tivesse uma identidade, o arquivo em si, que não fosse só a coleta e organização. Já sei, Mily, tu quer perguntar *mas qual tu acha que é a relevância disso no presente pras pessoas? Elas sabem do Dosiero, usam, vêm aqui?* [risos]. O que vocês jovens estão sempre me perguntando com esses olhinhos *tá, tá, legal, mas quais os desafios do Dosiero daqui pra frente?* E sim, é verdade, o público não nos usa tanto quanto a gente queria, né? Pensando em

1 Nova nomo por la urbo nomita *ಸ್ಥSão Pauloಸ್ಥ.
2 La grandurboj estis sub la kontrolo kaj inspektado de la Ministerio de Brazilo, kaj la kompromisoj kaj limigitaj teroj estis punktoj de ribelo de la Comando Unificado do Xingu /*Unuigita Komando de Xingu*/.
3 Infekta malsano kreita hazarde de la Ministerio de Brazilo, dum miksado de Napalm-derivaĵo kun pesticidaj restaĵoj en tanko sur ŝprucaviadilo. La enhavo estis uzita en atako kontraŭ ಸ್ಥChiapú-Xinguಸ್ಥ en 2026 kiu rezultigis multajn tujajn mortojn pro haŭtkontakto kun la kemiaĵo, kaj nerektaj kiam la miksaĵo iĝis kontaĝa. La nesufiĉo de neŭrokondensatoraj stimuloj, IENC, pli konata kiel baba, disvastiĝis tra la planedo kaj forigis 25% de la planeda menneske populacio. Por pliaj informoj, aliru la taglibrojn de Jucí: https://soundcloud.com/mairadietrich/rekonstrua-dosiero-procezo-33b7-juci
4 Repaciĝo estas la nomo donita al la periodo de reunuiĝo inter grupoj apartigitaj de milito, post la ruiniĝo de milito kaj bavo. Tio estas, la periodo proksimume de 2031 ĝis 2038.
5 En la jaro 2028, la servilo MounterTop, kiu gastigis datumojn de 9 amaskomunikiloj kaj ŝtataj konglomeratoj, suferis neinversigeblan damaĝon pro humido kaj manko de bontenado de la militaj jaroj. En tiu tempo, 70% de retejoj aliritaj en Brazilo estis eksterrete dum 22 tagoj kaj la konservitaj datumoj estis perditaj, inkluzive de novaĵejoj kiel ekzemple *G1*, *Folha de São Paulo*, *Estadão*, *Jornal O Globo*, *Jornal O Dia*, *Diário Oficial*, *SPC*, inter aliaj, ĉiuj perdis siajn ciferecajn datumbazojn.
6 Por lerni pli vidu: *XSperantIU, Historio kaj Aplikata Gramatiko, Memoriga Eldono*, Redakcio Transpartum-Patric, 2036.
7 Agentejo respondeca por la distribuado de varoj el la parto-нация.
8 Novonome dic ಸ್ಥCasa do Povoಸ್ಥ.
9 La falo de la tero estis evento okazinta en aŭgusto 2030, kiam post pluvo, kiu daŭris 213 seninterrompajn tagojn, la grundo en la metropola regiono ಸ್ಥSão Pauloಸ್ಥ cedis. La kraŝo estis antaŭdirita de teamo de geografiistoj kaj inĝenieroj kaj la grandurbo estis evakuita du monatojn antaŭ la kraŝo. La solaj areoj, kies grundo ne cedis, paradokse, estis la malsekaj grundoj de la urbo, tio estas la marĉoj kaj riverbordoj, plenigitaj aŭ ne, kiuj sciis trakti troan humidecon. En la metropolitena regiono, la ಸ್ಥAnhangabaú Valleyಸ್ಥ restis staranta, parto de la malnova ಸ್ಥBom Retiro bairro-najbareco kie tri riveroj siatempe renkontiĝis, kelkaj areoj en la ಸ್ಥTaboão da Serraಸ್ಥ Taboão da Serraಸ್ಥ kaj la linio do Jarako kaj la linio do Jaragu. Por pliaj informoj, aliru: *Queda do Chão, klimata krizo kaj socia falsĵuro* de Marcelino Pibixí, Redakcio, 2032.
10 Por aŭskulti la taglibrojn de Jucí legu: https://soundcloud.com/mairadietrich/rekonstrua-dosiero-procezo-33b7-juci
11 Por vidi la intervjuon kun Jucí iru al: https://vimeo.com/554697565

man-skuado“, stakatigado... Ĉiuokaze, ni povas eniri tion alian fojon, eĉ por ke mi montru al vi kiel funkcias la serĉo kaj rekordo. sur la Celilo, sƜd en la fono, la bildo de la γραμμή kaj la desegnaĵo multe helpis nin por doni formon, ĉar kiom ajn oni parolas pri γραμμή, ĝi ne estas γραμμή nek a dumi, nek rekta nek kvadrata, nek γραμμή de verba aŭ de nombroj, ĝi estas γραμμή de forto, gesto kaj serendipo. Wille parolis ion, kion mi neniam forgesas, ke la problemo pri приказна estas, ke homoj alkroĉiĝis antaŭ kaj poste, kvazaŭ estus normaleco, tiam evento rompiĝas kaj poste alia normaleco, kaj Wille diris, ke ni devas *koncentri sin. transiroj ĉar tiꝯo estas ĉio*! Multe da historio-Instruisto, ĉu ne? Li neniam ŝajnis forlasi la klasĉambron [ridado]. Tio estas, ne ekzistas antaŭ-post-antaŭ-post-poste ĉar ĉio estas ŝanĝo-ŝanĝo-ŝanĝo-ŝanĝo-ŝanĝo. Do ĉi tiu afero pri desegnado havas multan sencon kun Repaciĝo mem, kiel la muldebleco de trajektorioj. Ĉiuokaze, ĉio ĉi, ĉi tiu kompreno de la historio de transformoj, kune kun la Teorio de γραμμή kaj kune kun la Rekords Kontinuumo helpis nin poluri la γραμμή, kaj Dosiero kiel la organizanto de la dezajno de la transiroj. Kaj mi ne scias ĉu ĝi estis klara sed ĝi ne estas desegnaĵo kiel reprezento de приказна, la pasinteco aŭ la kahareup, ĝi estas kiel konstanta ago. Desegnado kiel formala ago antaŭ la pasinteco kaj la nuntempo, kiel, ne nur registri la pasintecon kiel desegnaĵon, sed agante en la nuna konscio pri la desegnaĵo kiu estas farita kaj generita. Alivorte, desegnu! /*Ridado*/ Ĉu vi povas kompreni? Estas amuze rakonti ĉi tie, ĉio ŝajnas tiel logika kaj ligita, sed ĝi estis sinsekvo de provoj, nun kiam vi estas en la teamo, estas eĉ pli bone doni ĉi tiujn formojn, sed komence estis nur ni du, ni bruligis la mufa eĉ en ĉiu etaĵo, helpu… Kaj fine, ankaŭ estis salto en nia trajektorio, ni estis ĉi tie ludante dome kun la materialo, kiꝯun ni havis, ĝis alvenis la taglibroj de Jucí, kio estis la plej granda donaco kaj defio, kiun tiu ĉi dosiero povis havi. Tie ni À nian sistemon, ĉar ĉu aŭ nƜ la linio de Jucí povis sinkavigi plurajn liniojn kaj planojn, kiuj mankis de 2022 ĝis 2030, ĝi estis fika specialtrupo, por malkunligi ĉiujn materialo kaj sinkronigi. Ni-A dezirus, ke mi faris pli da intervjuoj kun ŝi, por demandi al ŝi pliajn demandojn, sed ĉiuokaze, tio estis bona. Sed nur por klarigi ĝin laŭ γραμμή, tiu de Jucí ligas la fundamenton de CUX, la kuracon kontraŭ baba farita en ಸ್ಥChiapú-Xinguಸ್ಥ, kaj eĉ kune kun la Mejikoj. La kunliga potenco kiun ŝia atesto havas estas iom absurda. Ĉiuokaze, krom la sorĉistino, kiu li estas, ĉu ne?... mastro de la sonŝildo, tri haŭtoj, kun tiuj hundoj ĉiam malantaŭ ŝi, grandega figuro! Ni-À provis paroli kun ŝi denove sed ni ne povis aliri, ŝi foriris. /*paŭzo*/ Do, la ainihi de Dosiero estis farita iom post iom, kaj mi pensas, ke tio estis unu el la zorgoj ankaŭ kiujn ni havis, ke Dosiero havis ainihi, la dosieron mem, ke ĝi ne estis. ne nur la kolekto kaj organizo. Mi scias, Mily, vi volas demandi *sed kio laŭ vi estas la graveco de ĉi tio por homoj en la nuntempo?* Ĉu ili scias pri Dosiero, uzu ĝin, venu ĉi tien? /*ridado*/. Kion vi gejunuloj ĉiam demandas al mi per tiuj provokaj okuloj *bone, sed kiaj estas la defioj de Dosiero antaŭen?*. Kaj jƜs, estas vere, la publiko ne uzas nin tiom, kiom ni volis, ĉu ne? Pensante pri

tempo histórico, o Dosiero é um filhote, é como se agora estivéssemos começando a nos dar conta da nossa própria existência, do nosso corpo, do peso de ficar em pé. E é claro que eu queria que chovesse gente, interesse e investimento aqui, mas temos a estrutura que conseguimos ter, é meio foda de segurar esse estado vivo e disforme, vazadão, e no fim das contas, somos mais uma linha. E não tenho dúvidas de que nosso material informa, altera e molda a caminhada, e de que vai continuar fazendo isso pra quem vier, até porque temos muita gente nova entrando aqui, né? Daqui uns anos vão ouvir essa conversa aqui e você é que vai ter que segurar essa bucha! [risos] Eu e o Wille começamos uma coisa que, por mínima que seja no sentido de importância global, faz a gente dormir tranquila porque sabemos que as trajetórias estão sendo observadas e registradas. Fazemos nossa parte pra que essa riqueza histórica de disponibilidade e encontro que é a Reconciliação não seja perdida. E a gente torce pra que não ter que reconciliar outra vez, mas caso aconteça, tá aqui nossa receita pro futuro. [gravação interrompida].■

historia tempo, Dosiero estas hundido-ohana, kvazaŭ ni nun ekkomprenus nian propran ekziston, nian korpon, la pezon de stari. Kaj kompreneble mi volis, ke pꝯluvu menneske, intereson kaj investon ĉi tie, sed ni havas la strukturon, kiun ni povas manipuli, estas ia fike teni ĉi tiun staton Elu kaj misformita, lika, kaj finfine, ni estas unu plia γραμμή. Kaj mi ne dubas, ke nia materialo informas, ŝanĝas kaj formas la kuierjen, kaj ke ĝi daŭre faros tion por tiuj, kiuj venas, eĉ ĉar ni havas multajn novajn homojn envenantajn ĉi tien, ĉu ne? Post kelkaj jaroj vi aŭdos ĉi tiun konversacion ĉi tie kaj vi devos freagracht! [Ridas] Wille kaj mi komencis ion kio, kiel minimuma kiel ĝi estas en la senco de tutmonda graveco, igas nin dormi trankvile ĉar ni scias ke trajektorioj estas megfigyelni /*rigardu*/ kaj registritaj. Kaj ke ĉi tiu historia riĉeco de havebleco kaj renkontꝯ tiu Repaciĝo ne estas perdita. À esperas, ke mi ne devos repaciĝi denove, sed se tio okazos, jen nia recepto por kahareup [registrado ĉesis].■

Rekonζtrua Dosiero é uma série de ficção especulativa escrita e concebida por Maíra Dietrich. Partes desta narrativa em construção estão distribuídas por capítulos disponíveis para acesso nos códigos QR. Agradeço a Jean Camoleze pela generosidade com que me recebeu no arquivo da Casa do Povo e pela conversa que produziu muitos *insights* para este texto.

O fato que deu origem à narrativa de *Rekonζtrua Dosiero*
↱ bit.ly/rekonstrua-dosiero-1

Petu lê excertos dos diários de sua mãe Jucí de 2011 a 2031
↱ bit.ly/rekonstrua-dosiero-2

Entrevista com Jucí, realizada por Maíra Dietrich em 2045, na sede do *Rekonζtrua Dosiero* ↱ bit.ly/rekonstrua-dosiero-3

Depoimento dado em novembro de 2048, transcrito por Mily Shu

Catalogação e localização de linhas

- Linea 23y’1/Maíra Dietrich
- Linea 99t’22.2/ Rekonζtrua Dosiero Locus Dosiero’s Coro
- Ricevita la Qua-Avri-Carranca-Uit

Maíra Dietrich (Florianópolis, 1988). Bacharel em Artes Plásticas pelo CEART-UDESC e mestre em Fine Arts pelo KASK School of Arts. Trabalha a linguagem como um fenômeno corporal autorreflexivo, através de vídeo, instalação, performance e ficção. Coordena a editora *A Missão,* focada em textos de artista, e integra a Galeria de Artistas GDA.

conversa com Jean Camoleze

MEMÓRIA EM MOVIMENTOS

Benjamin Seroussi

BS Lembro a primeira conversa que tivemos contigo, Marilia Loureiro, então curadora da Casa do Povo, e eu, logo quando você iniciou o seu trabalho na Casa do Povo para cuidar dos acervos. Você diz que podemos olhar para acervos de forma distintas, dependendo se são de instituições ou movimentos sociais. Ficamos instigados com isso, porque de repente nossa instituição – e sua memória – podia estar em movimento. Queria que você comentasse sobre as consequências teóricas e práticas – de metodologia, organização e apresentação – dessa mudança de olhar para este objeto chamado acervo.

JC Acho que a minha trajetória mostra como eu cheguei a essa ideia. Comecei a trabalhar em um museu institucional – o Museu Histórico e Cultural de Jundiaí – e havia uma massa acumulada de documentos antigos sem tratamento. Resolvemos então higienizar e criar um centro de memória institucional. Existe uma metodologia para isso no Brasil, e meu mestrado tratava justamente de memória institucional. Mas, com o passar dos anos, eu fui ampliando meus olhares. Comecei a atuar no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Eles também tinham um acervo que precisava ser tratado. Foi quando eu percebi que as técnicas que utilizávamos em acervos empresariais ou estatais não contemplavam os saberes populares dos movimentos sociais e, ao mesmo tempo, que os movimentos sociais carregavam consigo um conhecimento de produção documental que a academia não tinha. Eu juntei essas duas ideias.

Tem um saber popular muito forte dentro dos movimentos sociais que é, de produzir documentos que falem com a população sobre temas de enorme relevância para a vida em sociedade, temas que são também debatidos na universidade. Por um outro lado, a universidade está empenhada em organizar os acervos, mas sem olhar esses documentos à margem do sistema burocrático.

Jean Camoleze

JC Então unir esses dois seria uma maneira de criar novos métodos de trabalho, ou seja, pensar arranjos, formas de colocar os documentos em ordem, melhorar a recuperação da informação, sem estar preso a um sistema fechado, de uma empresa ou do Estado. Unir essas duas frentes foi uma das coisas mais felizes que aconteceu comigo. Qual é a ideia de unir os dois? É a de produzir um novo conhecimento, produzir um conhecimento dos arquivos que venham desse saber popular, que fala mais com a população em si, e ao mesmo tempo um saber acadêmico, que saiba como recuperar essas informações da melhor forma possível.

A universidade estuda os movimentos sociais. Você vai ter teses, dissertações, TCCs sobre o MST, sobre o Movimento Passe Livre, sobre o Movimento Negro Unificado, mas esses estudos muitas vezes olham de cima pra baixo, olham nesses arquivos apenas como algo a ser explorado, um corpo estranho. Quando eu vim pra Casa do Povo trabalhar, uma das coisas que muito me agradou é que não haveria esse olhar de cima pra baixo, mas sim um olhar amplo no horizonte. Eu poderia ver o acervo como uma produção de conhecimento técnico e popular, de sabedoria popular, no mesmo espaço, sem diferenciação entre todos os acervos que aqui convivem, sem dar mais importância a um que a outro. Esses documentos produzidos por movimentos sociais ou instituições de resistência como a Casa do Povo não são apenas um objeto de pesquisa, são também uma ferramenta de luta, uma ferramenta de identidade social, que traz reflexões sobre o presente. Eu ainda busco meios de fazer isso na Casa do Povo, mas já iniciamos um diálogo com outras instituições, com outros movimentos que estão querendo também pensar dessa maneira. Recebemos a cada um deles para dizer que não estamos à mercê de um Estado que muitas vezes vai beneficiar determinado grupo da sociedade para cuidar dos nossos documentos, procurar novas memórias etc.; nós mesmos podemos organizar isso e ter essa ferramenta de produção de conhecimento.

BS Quando você fala de um sistema fechado, no caso dos acervos da prefeitura, por exemplo, é algo um pouco abstrato pra mim. Para entender o que é um sistema aberto, eu queria entender melhor o que é um sistema fechado. Entendo agora que o que você está trazendo talvez seja menos relacionado a como a gente olha pra tal e tal objeto, e mais ao que é que tal objeto tem a dizer. Mas, pra mim, não fica tão claro o que é esse sistema fechado do qual você se desloca?

JC Quando você pega um arquivo de uma prefeitura, você pensa assim: a primeira etapa é a produção do documento. Então eles produzem o documento em si e é usado no cotidiano. Depois esse documento passa por uma segunda etapa, em que ele fica disponível um tempo para, se caso precisar, alguém ir lá e buscar; e uma terceira etapa, quando esse documento é eliminado ou guardado com um valor histórico. Isso é muito claro dentro de uma instituição pública ou de uma empresa. Mas isso não serve pro movimento social. Por quê? Porque o movimento social é dinâmico. Imagine que esse processo leva em torno de trinta a setenta anos, mas a gente não sabe qual vai ser a dinâmica de um movimento social daqui a um ano.

Outra coisa é a forma de organizar. As prefeituras e as empresas têm organogramas claros. Vou dar o exemplo de uma prefeitura. Tem o prefeito, as secretarias, as diretorias e as ações. Então você sabe onde cada documento é produzido. O movimento social, ele é uma variável orgânica muito grande. Ele tem uma frente de ação, uma ocupação, um ato de rua. Como eu penso isso se eu não tenho esse organograma tão claro? Faz pouco tempo, eu dei uma aula sobre arquivos de movimentos sociais na Universidade Nacional de Brasília. Lá é o centro administrativo do país, então onde eles aplicam a arquivologia? No Ministério da Justiça, nos Ministérios do Executivo, nos órgãos públicos. Para eles, torna-se mais difícil pensar num arquivo de movimento social, porque não segue a lógica dessa organização já estatizada; e a organização estatizada tem um tratamento que não muda. É mais fácil. Agora, como você aplica isso para o movimento social? Não pode pegar essa teoria e aplicá-la.

Além disso, não é a primazia dos movimentos sociais pensar "ah, eu tenho que guardar minha memória". A primazia do Movimento Passe Livre é a mobilidade urbana. Mas, então, como eu faço essa discussão com eles, sobre a importância também dessa organização documental?

Tem mais um ponto, que é chamado de recuperação da informação. Recuperar a informação é conseguir pegar o documento no contexto dele e, através dele, entender uma lógica – como foi produzido, como foi usado e, no final, como acabou sendo recolhido. Como eu faço isso dentro de um movimento social? Como eu penso isso? Como eu converso com os movimentos sociais para eles pensarem isso? É algo que vem da academia e a gente esbarra na aplicabilidade.

Na academia, você tem uma estrutura pronta que sempre está sendo revisada, construindo novos conhecimentos, novas formas de fazer, levando em conta o aumento rápido da produção da informação nas últimas décadas e séculos. Dos anos cinquenta até os dias atuais, a gente duplicou o nosso processo de informação. De forma mais radical, uma pessoa recebe hoje, em quatro dias, mais informação do que uma pessoa do século XIII recebia na vida inteira. Só que também não posso pensar na informação como um fator isolado da sociedade. Vejo a academia, na ciência da informação, olhando só por essa organização, e as ciências humanas pesquisando os movimentos como um corpo fora de si, mas eu deixo o mais importante de tudo isso escapar, que é esse conhecimento e essa luta do cotidiano, das experiências dos movimentos sociais.

BS Olhando contigo a partir da maneira como os movimentos sociais questionam as formas de organizar a memória, eu consigo ouvir duas coisas. A primeira é que parece que nos acervos institucionais tais como você os descreve – de uma Prefeitura –, o tempo é quase linear, mas que, num movimento social, não, porque o passado remoto pode virar presente urgente. Então a gente constantemente tem que poder acessar essas camadas. É um desafio, portanto, guardar e acessar esses dados. A segunda coisa é que entendo que as estruturas dos movimentos sociais são muito mais flexíveis, maleáveis (um conselho, um projeto, uma manifestação) e não tem um organograma para pendurar e engavetar os documentos.

Isso dito, eu queria então entender quais respostas você tem proposto tanto para garantir essa acessibilidade da memória num tempo não linear, quanto para organizar os documentos sem que seja a partir de um organograma, mas a partir de outras questões transversais. Como você resolve essas questões?

JC Pra começar, eu acho que a ideia do tempo linear não é real. Mesmo numa instituição pública fazendo de conta que ele é. Mas nos movimentos sociais, existem desafios que não existem em órgãos mais institucionalizados. São oportunidades para produzir novos conhecimentos. Por exemplo, num órgão institucional você tem uma separação entre arquivo, museu e biblioteca. Num movimento social ou numa instituição como a Casa do Povo, você não consegue isso por questões financeiras e estruturais. Eu tenho que começar pensando diferente. Isso corrige uma falha, inclusive. Boa parte da ciência da informação vai discordar em separar as coisas como se fossem caixinhas separadas. Então é preciso integrar tudo isso baseado na funcionalidade e na atividade. Essa é a essência pra mim: entender como organizar o arquivo da Casa do Povo parte do princípio que eu entendo como a Casa do Povo foi erguida, como a Casa do Povo foi fundada, como a Casa do Povo foi pensada lá em 1945, antes mesmo de ela ter seu estatuto, e como ela é pensada hoje. É um trabalho longo, mas é o trabalho de que mais gosto, porque tenho que percorrer tudo: tenho que ler o primeiro estatuto, a primeira resolução, a primeira ata, as atas do conselho que são produzidas agora, e entre esses dois pontos não tenho uma linha de separação, uma cronologia ou um tempo linear, mas tenho funções que atravessam o tempo e o espaço.

No MST, estudei todas as normas e regras do movimento. São nove. A cada congresso sai uma nova norma e novas regras do MST. Fui vendo o que ia surgindo e sumindo – e o sumiço não é algo negativo. Por exemplo, sumiu “gênero” e entrou “mulheres e LGBTQIA+”. A análise dessas nove normas me deu o panorama inteiro da instituição e a partir daí as dinâmicas do movimento. Surgiam funções que eu conseguia corresponder aos documentos. Na Casa do Povo tem um pouco disso. A gente está aqui fazendo ações no tempo atual, só que esse tempo atual se relaciona com uma função que vem lá de 1945. Num órgão público, posso usar funções também, mas é mais claro separar, por exemplo, em secretarias. Trata-se menos de uma mudança de pensar e mais de uma mudança analítica relacionada à maneira como os próprios movimentos sociais acabam pensando sobre eles mesmos. É isso que nos guia. Muitas produções feitas na academia sobre os movimentos sociais são feitas a partir do pensamento da academia e não do movimento, ou, como diria o Criolo em uma de suas músicas “Cientista social, Casas Bahia e tragédia / Gosta de favelado mais que Nutella”.

BS Me dá um exemplo de uma função da Casa do Povo.

JC Eu posso dar várias funções. Um exemplo é a “articulação comunitária”. Eu acho que essa função é a mais interessante que a gente tem. Por quê? A articulação comunitária surge na Casa do Povo – ela ressurge, vamos dizer – a partir do ano pandêmico de 2020. Quando a Casa do Povo toma uma atitude de não fechar suas portas mesmo sendo um centro cultural, denominado assim formalmente. Ela abre suas portas ainda mais. Começa uma ação de articulação comunitária no território. Só que desde 1945, a Casa teve essa preocupação. Ela tinha um diálogo com a Fundação Miss Churchill e as crianças órfãs da Guerra. Então lá já está acontecendo uma articulação dentro da comunidade para criar essa proteção para um determinado grupo social que está em vulnerabilidade no momento. Essa função continua e se estabelece. Acho que esse é um dos mais belos exemplos de função. Quando Mayara Vivian, responsável pela articulação comunitária, produz um documento sobre a roda de mulheres existente na Casa do Povo em 2021 e esse documento vai pro arquivo, ele não vai isolado. Ele vai estar com o documento feminista que existia aqui na década de 1950 quando também tinha rodas de mulheres. Então eu tenho uma série documental de 50 anos.

“A função é uma linha que une, mas não significa que ela une numa igualdade. Ela une, com as suas diferenças, e as diferenças se encontram nas funções para se tornarem semelhantes.”

BS De uma certa maneira é como se, questionando a linearidade do tempo, a gente entendesse que a Casa do Povo, ou qualquer movimento social, mas pode ser uma reflexão expandida para a vida em geral, é refundada a cada momento. Quando você trata da origem, eu vejo menos uma origem distante e mais uma espécie de refundação cotidiana da instituição. Todo dia a gente reinventa ela a partir do que ela é e isso é que vem questionar, portanto, a linearidade do tempo, porque uma ação hoje reinventa o que ela foi em 1945, e o que ela foi em 1945 reinventa o que ela está sendo hoje. Tem um vaivém constante e desse mar de ações surgem essas funções.

É curioso ouvir isso das funções. Não consigo deixar de pensar no que a gente chama de estruturalismo e funcionalismo em antropologia. Dá até uma certa vertigem, porque a gente é muito mais movido pela estrutura do que a gente imagina. O que é curioso porque o movimento social é por excelência o lugar onde o ser humano clama pela sua liberdade de ação, e você, a partir de um olhar sobre os acervos, mostra como essa liberdade de ação acontece num diálogo constante, não numa submissão, mas num diálogo constante, com essas funções que existem. Por exemplo, na pandemia, a gente estava achando que estava extrapolando, usando e abusando dessa história: a gente puxou uma foto de 1946, justamente de distribuição de mantimentos para o pós-fronte na União Soviética. Mas essa foto pra mim foi um pretexto pra falar: ok, estou fazendo alguma coisa que faz sentido, está vendo? E você me traz isso ao revés. Você fala, então, você acha isso, mas na verdade você fez isso porque essa foto já existia. Tem algo circular, ou em espiral pelo menos, mas não linear, e a gente está preso nessa espiral, mas essa espiral também nos permite agir e ampliar o horizonte.

A gente fala muitas vezes que a casa é um “monumento vivo”. Quando a gente afirma isso, a gente afirma ao mesmo tempo que a memória é alguma coisa dinâmica, e que a forma de preservá-la – o monumento – também é algo que tem que ser vivo, e, além disso, que nunca sabemos como iremos lidar com essa memória amanhã. Pra mim, essa formulação sempre me traz uma sensação de que andamos numa corda bamba. Somos herdeiros de uma memória, mas não temos como garantir que cuidamos dela como os que a produziram gostariam. Sempre lembro deste verso de René Char, que a Hannah Arendt coloca na epígrafe de alguns textos: “nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento”. Pode soar como uma provocação, mas me parece que o seu trabalho é inventar esse testamento ausente, com uma liberdade poética já que todo dia cabe a nós reescrever este testamento a partir da nossa herança e do presente.

Isso me leva a perguntar, de maneira muito concreta, como se dá a sua prática de escrita, porque, desde que você entrou, você está escrevendo guias e manuais de uso. Isso que identifico talvez como a escrita de testamentos, no sentido mais poético, já que é menos um testamento para distribuir uma herança e mais uma maneira de entender como manter essa herança viva. Queria que você descrevesse seu trabalho de escrita.

JC Interessante (risos). A função não é uma repetição do ato anterior. Não é porque nós tivemos a foto e tirou uma foto igual, que é a mesma coisa. Não. Ao contrário. São coisas diferentes. As pessoas são diferentes, o tempo é diferente, o motivo é diferente. A maneira de pensar é diferente. Tudo é diferente. A função é uma linha que une, mas não significa que ela une numa igualdade. Ela une, com as suas diferenças, e as diferenças se encontram nas funções para se tornarem semelhantes. É claro que o que foi feito naquela foto e o que foi feito na pandemia são coisas diferentes. Não precisa colocar os dois como iguais, ou forçar uma barra, porque a própria função já cuida disso. É mais um fetiche de mostrar pra fora do que compreender isso internamente como parte do nosso ser social. Como estamos falando de um processo da nossa identidade, é claro que quando você vai comunicar isso externamente, tem outro papel, outra relevância e outra forma de escrita. Aí vocês colocam as fotos e fazem essa narrativa.

BS Mas a gente não tinha essa função clara. A função era submersa.

JC Sim, a função é sempre submersa. O meu papel na Casa do Povo é de levantar as funções. Sempre antes de dormir eu penso “eu acho que o pessoal da Casa do Povo me contratou pra outra coisa” (risos).

BS Mais uma função submersa! (risos) A gente tinha o desejo de olhar de outra maneira para a Casa do Povo, entendida como um “lugar de memória” (para citar o historiador francês Pierre Nora). Mas queríamos pensar como um “lugar de memória” lida com a *memória* do *lugar*. Nunca resolvemos isso e a sua entrada veio tensionar isso. Você aponta para as funções que existem entre este lugar e a sua memória.

JC Sim, e o Pierre Nora fala que a memória nada mais é do que uma maneira do presente olhar pro passado, enquanto a história é uma reflexão crítica sobre este passado. Mas voltando à questão do testemunho…

BS “Testamento”, mas eu gostei do ato falho – “testemunho”.

Já se prenunciava na elegia de Lévi-Strauss – posteriormente cantada por Caetano – a força incansável da entropia agindo sob as cidades dos tristes trópicos, as quais vão “do frescor à decrepitude, sem parar na madureza”. Condenada por um interminável fluxo entrópico, na megalópole paulistana, é fácil de se confundir ruínas e canteiros. Na lógica do espaço urbano sempre em expansão, condenado a recriar-se sobre si mesmo, esta própria lógica ocasiona o aparecimento de fissuras, erodindo qualquer coesão ou entendimento comum de sua dimensão histórica.

Obviamente, essa força joga e jogará contra nosso favor, estando sempre contra o exercício do comum a partir da partilha e preservação das histórias que os lugares contam. A entropia caminha contra as camadas da história. Sem o devido valor dado para as contradições, o novo vem para aterrar e ocultar os vestígios do que era, sempre em preferência pelo que virá a ser.

Cada passo que damos sobre o chão da cidade também tem a potência – e certa responsabilidade – para desvelar e contar as histórias dos lugares. Cada trajetória é material de escrita e também leitura da memória da topografia urbana. Uma luta de décadas pela reivindicação da criação do Parque Augusta – um dos últimos espaços verdes do centro da cidade onde ainda residem espécies da mata nativa e vestígios de um antigo colégio de freiras – demonstra que, para além da compreensão das nossas vontades para ocupar os “vazios”, é preciso nos situar enquanto construtores dos sentidos, não apenas espectadores. Para isso é preciso também o desejo pela manutenção e articulação das nossas vontades. Trocar o lamento por atuação. Contrabalançar o peso das infraestruturas e governanças.

Quero contar que nas ruas de trás correm um par de córregos, conhecidos por Saracura e Bexiga, mas que já não se veem faz um bom tempo. Atravessam toda a colina que resolveram nomear de “bela vista” e desembocam num tal de Anhangabaú. Nasceram pra ser parques e corriam frente às soleiras das casas, mas ainda esse ano quase tiveram a nascente enterrada por mais uma dessas torres de concreto. Até quando essa entropia andará desenfreada para que se possa fazer aflorar outra vez esses rios que correm invisíveis? Qual o esforço do comum coletivo necessário para que se rasgue o asfalto no meio, e cada passo dado sobre esse solo sejam passos sobre as cidades dos nossos desejos, construídas pelo nosso tempo?

Sérgio Costa para Ool Cas-Escola

JC Existe uma linha canadense que fala de “arquivo inativo” e “ativo”. Eles separam os documentos que estão sendo usados agora (a ata, o panfleto do *Leste*, o *Nossa Voz*) e que formam um arquivo ativo. Está aqui. Aí quando ele vai pro acervo, ele se torna um arquivo inativo. Mas, mesmo que não esteja sendo usado no cotidiano, ele é ativo. Toda vez que uma pessoa entra e olha para um documento, ele é ativo. Então, esse documento, ele foi ativo quando alguém o produziu, fica inativo quando está guardado, mas quando alguém o toca, volta a ser ativo, não talvez com a mesma intenção do começo… e é o que me leva ao testamento. Pode parecer uma coisa de louco, mas é a conversa que eu tenho com os arquivos. É algo de que eu gosto muito: conversar com os arquivos. A gente tem isso muito separado: quem higieniza, quem conserva, quem faz o arranjo…, mas eu gosto de passar por todas as etapas, de acompanhar todas e, se possível, de fazer todas elas coletivamente. Porque isso me fala algo, me leva a pensar algo, me possibilita entender os documentos em uma cadeia de organicidade, ou seja, como eles mantêm a continuidade. Esse é o diálogo que eu tenho com o arquivo: levo perguntas para ele e as respostas são dadas pela Casa. Então, quando eu escrevo, eu escrevo pela poética da Casa. Por exemplo, todo arquivo tem um “manual do consulente” – você não pode comer no arquivo, você não pode tirar foto com flash, tem que usar luva… Eu vim para Casa com esse pensamento tradicional, e vocês me falarem “nossa, ficou muito pesado” e a gente passou a usar “cuidados com o arquivo”. Acho que ficou mais humano e o que é o arquivo senão um conjunto de documentos que representam atividades humanas. Quando eu olho para essas atividades humanas que foram localizadas no tempo e espaço, eu as registro a partir do que a Casa do Povo é hoje. É como se o futuro estivesse sendo feito agora. Essa é a ideia deste registro. Escrevo pensando nisso.

Penso também num estudo que a gente está desenvolvendo na Casa do Povo. Dentro da teoria arquivística, existe uma ideia assim: um arquivo pessoal existe do momento em que a pessoa nasce até ela morrer; e um arquivo institucional é de quando a instituição é fundada até ela fechar. Na Casa do Povo, ao estudar os documentos, é possível ver que, antes da instituição ser fundada, houve uma produção de documentos e nesses documentos eles já falam da Casa do Povo. Só depois da fundação é que eles vão chamá-la de Instituto Cultural Israelita Brasileiro (ICIB). E aí eu estou pensando neste recorte temporal: o documento antes da instituição e a Casa do Povo antes do ICIB. O que isso significa? Num pensamento preliminar, significa que as atividades humanas são muito mais do que um prédio, do que um papel, do que qualquer relação física, mas uma subjetividade da vida comunitária que foi o que proporcionou todo o resto.

BS A Casa do Povo já existe como ideia antes de construir um prédio e o prédio construído é apenas uma iteração dessa ideia. Mas a fisicalidade do prédio é tão forte, que ele pode acabar apagando as outras iterações possíveis desta mesma ideia, que são inclusive todas Casas do Povo imaginadas e imaginárias que coexistem com o próprio prédio. É isso que você está dizendo? Como se tivesse outras Casas do Povo coexistindo e que precisamos também vê-las para além da construção de um prédio?

JC É. Tem duas coisas do Walter Benjamin que podem explicar isso. A primeira é quando ele fala que o que é eterno, ou infinito, se consolida no processo da memória, e o que é finito se consolida no ato de hoje. Então, o prédio é finito. Ele não é eterno. Mas a memória da Casa do Povo é eterna. A ideia é infinita, o prédio, não. Não estamos falando que amanhã o prédio vai cair. Estamos falando numa relação de possibilidades.

BS Inclusive com o próprio prédio de pé. Isso acontece ao mesmo tempo.

JC Ao mesmo tempo. E tem uma outra coisa que é a mais clássica do Walter Benjamin, que são as ruínas que o anjo vê com a chegada do progresso. Essas ruínas são registros que permanecem. Os prédios não permanecem, mas as ruínas permanecem. A ideia da Casa é mais forte do que o prédio, e ela é mais forte do que as ações pontuais.

BS Tem uma coisa que muitas pessoas estranham: o estado da Casa do Povo. Porque ela é, ao mesmo tempo em que ela é a sua própria ruína. Ela carrega isso. Tem as suas marcas. É um espaço frágil, pra não dizer precário. Mas essa “decadência” é menos uma consequência de descuido e mais o reflexo de que a Casa é um antimonumento. O que quero dizer com antimonumento? Um monumento não resolvido. Um monumento que abraça e acolhe narrativas contraditórias entre elas. A Casa sempre foi um lugar de conflito de narrativas. Um monumento que acolhe as memórias dos vencidos ou, pelo menos, memórias não dominantes, do judaísmo progressista, da luta contra a ditadura, entre outras. Então, a Casa é um lugar não resolvido e isso está presente nas suas marcas. Ela está sempre à beira do precipício. Eu gosto muito dessa abertura para o incerto. E já que você trouxe essa questão das ruínas, eu queria entender se essa ideia de antimonumento, ou de monumento não resolvido, ecoa com as suas práticas.

JC Faz todo sentido. Eu gosto de uma fala sua na qual você diz que “a Casa do Povo é uma ruína do futuro”. Eu amo essa fala. Ela é contraditória como a vida. Acho que ela ser uma ruína do futuro é ela estar sempre em construção e isso é muito interessante. A Casa é um espaço de construção em todos os sentidos. Então isso gera uma metalinguística do prédio para com as práticas cotidianas da Casa. Assim, quando eu acolho um coletivo na Casa pra experimentar e construir um projeto, ou quando se acolhem o Ginásio Scholem Aleichem para uma pedagogia de vanguarda, é algo que vai se construir, assim como a Casa está se construindo. Essa ruína do futuro, ela só é uma ruína porque ela está em construção e ela está numa construção de uma reinvenção. Ela não pode ficar pronta, porque se ficar pronta, ela pode parar no tempo e nós não queremos parar no tempo. Queremos seguir essa linha progressista. Isso faz sentido com o que você falou agora dos vencidos. O Walter Benjamin fala que a memória dos nossos mortos não está em paz se o inimigo vencer, e o inimigo continua vencendo. Se a gente parar pra pensar no Brasil de 2018 a hoje, a memória dos nossos mortos sofre todo dia uma afronta, um desprezo, uma injustiça, mas nós estamos aqui resistindo a isso. Nós estamos aqui como essa ruína que persiste em ficar em pé. A Casa, como um arquivo, há de ser um local de resistência pelo que foi muitas vezes silenciado ou apagado. Ela é uma confluência. Eu poderia ter um prédio lindo, terminado, e um arquivo onde eu apagasse, por exemplo a participação das mulheres na construção da Casa, um arquivo onde eu apagasse a produção de movimentos LGBTQIA+. Eu teria algo formalmente belo, mas falso. A eterna construção de um acervo plural é um ato de resistência.

BS Falando nessas memórias ameaçadas, nos mortos sendo desrespeitados, queria falar da experiência de lembrar. Eu nasci na França e lá a memória é uma questão nacional – pelo bem ou pelo mal, trazendo também um certo engessamento. O desafio é lembrar de forma diferente, ou até de esquecer. No Brasil, a memória está em risco constante. O dever de memória é uma ética cotidiana. Lembrar para não ficar louco. Muitas vezes eu falo que a Casa é um lugar de cuidado, porque ela traz sanidade mental, pelo fato de que as pessoas têm um lugar onde pendurar suas relações com a cidade ao longo do tempo. É uma luta contra a loucura que nos habita, o *vertigo* do esquecimento. O eixo norteador desta edição da *Nossa Voz* é a noção de proliferação. Eu queria entender como podemos pensar em redes de solidariedade, de resistência, para proteger memórias ameaçadas. Os acervos da Casa do Povo vão receber doações de novos acervos. Você tem conversado com a Casa1. Queria te ouvir sobre as estratégias de preservação das memórias estruturalmente ameaçadas. Já falamos de experiências no mundo afora, como o MayDay Room em Londres, que aposta na cópia dos documentos. Entre espalhar acervos em muitos lugares, juntar todos, e trabalhar em rede, que tipo de resposta você traz ao desafio de lutar contra as estratégias de apagamento?

JC Precisamos pensar que as práticas de apagamento são práticas fascistas: apagar a luta do negro durante a escravidão e atribuir o fim da escravidão a uma princesa e uma carta de alforria é uma prática fascista. Votar homenageando, em plena câmara, um torturador é uma prática fascista. Apaga a memória. É interessante pensar que a memória não é só lembrança. São várias coisas: esquecimento, silenciamento, disputa, enganação. Eu gosto muito de usar este exemplo: você comia um doce quando criança, aí passa um tempo, você acha aquele doce, você compra, come e fala “antigamente era mais gostoso”, mas é o mesmo doce. Por que você acha que é diferente? Porque existe uma memória afetiva, e a memória é modular. O fascismo tende a modular essa memória: “a ditadura não foi tão ruim”. Por quê? “Ah, porque o meu avô, que vivia lá no agreste, nem percebeu.” Claro, não foi lá que chegou a tortura. Lá chegou o índice de inflação da década de 1980 causado pela ditadura com o pincel do milagre econômico, e ele sofreu também com a ditadura.

Então é isso. É pensar antifascista. Os contrapontos são os movimentos sociais, e quando nós pensamos em trabalhar em rede, é uma maneira de combater essa imposição de uma história errada mesmo, não baseada em fatos – pois não se trata aqui apenas de memória. Há uma necessidade urgente no Brasil. A gente precisa criar uma rede de arquivos de movimentos sociais que não seja pautada nem pelo Estado, nem pela academia. Eu não estou falando que não podem participar, mas que seja pautada pela necessidade dos movimentos sociais. De onde surge o movimento social? O movimento social surge de um grupo que se sente injustiçado perante um fato social. Os movimentos que se sentiram injustiçados hão de guardar suas construções no tempo. Para quê? Para fazer uma oposição. Em 2022, a Casa do Povo vai puxar essa rede. Todo mundo com quem a gente conversa – MST, Casa1, Uniafro, Centro de Memória dos Queixadas, Mitchossó, Levante Popular –, todos esses movimentos aguardam isso, e a Casa tem esse espaço e possibilidade. É algo realmente muito importante para a história do Brasil, principalmente nesse âmbito da memória e dos movimentos sociais.

BS É uma ampliação deste campo em disputa. Não basta agir perante uma injustiça se não se tem como levar essas lutas para a construção de outras narrativas. Caso contrário, a energia se esgota no gesto e não consegue construir narrativas anti-hegemônicas. Esse trabalho de memória é uma continuação da luta.

JC No Brasil é como se o apagamento fosse natural, mas a gente sabe que é proposital. Então hoje ter uma rede de arquivos de movimentos sociais é um ato progressista. É estranho falar isso em 2022, sendo que em 1979 já existia, na América Latina, um grupo de estudos de movimentos sociais focado em produzir documentos de movimentos sociais, mas eles não pensavam em como guardá-los. Eles pensavam em produzi-los numa metodologia que fosse contra a mídia, falasse uma linguagem popular que as pessoas entendessem e que fossem construídos por essas pessoas. Em 1983, a UNESCO faz o famoso relatório da mídia na América Latina[1] e ela comprova que a desigualdade econômica e social existente na América Latina passa pelo sistema de comunicação e de documentação, e a gente vem discutir a guarda disso em 2018. Passou muito tempo. Os movimentos sociais pedem essa rede, e as universidades começaram a se interessar por isso sem olhar pro movimento social como um projeto, mas como algo que pensa isso. Há um mês fui a varias insituições (Universidade do Rio Grande do Sul, UNICAMP, UNB, UNESP e Universidade Federal do Pará) discutir isso. A gente está nesse momento, e a Casa do Povo está se tornando um centro de referência pra isso porque ela consegue aglutinar.

1 UNESCO. *Um mundo, muitas vozes. Relatório MacBride*. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

OS ESCOMBROS SÃO A PERMANÊNCIA DO QUE DEIXOU DE EXISTIR[1]

2 – Ruínas da casa de Zezinho e Inês; **3 –** Pisos (ruína) da casa de Wilson e Iolanda; **4 –** Poste da casa de Jaqueline; **10 –** Ruínas da casa de dona Denise; Lutou e permaneceu; **11 –** Local da antiga padaria; **14 –** Ruínas da casa do senhor Adão; **17 -** Últimas barricadas: (Herança da Luta).
Compartilhar, ou ainda disputar versões dos acontecimentos violentos, é o que possibilita a organização da experiência violenta.

A poeira, as pedras, as ruínas, as barricadas, as agressões, as barricadas e o cenário de pós-guerra são imagens constantemente acionadas para descrever a remoção dos 97% das/os moradoras/es que habitavam e compunham a comunidade da Vila Autódromo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.
Uma sobreposição de escombros e novas casas, uma imagem de convivência e confronto entre o passado e o presente. A luta que ali foi travada e a atualidade da luta. Animais, árvores, pichações de protestos, restos de barricada, uma igreja – que é a única representação intacta do que a comunidade já foi. As/os moradoras/es com suas memórias, experiências e vivências, sendo transmitidas de diferentes formas para quem se predispõe a se (re)encontrar com aquele lugar.
Museu das Remoções. Uma enumeração dos escombros/arquivo conservados.
Ruínas convertidas em percurso expositivo, organizam narrativas e histórias dessa e de outras violências. Cada número, uma placa, cada placa, uma casa, um comércio, um espaço de sociabilidade que sabemos que existiram apenas pelos seus vestígios. Andar pelos escombros, percorrer os rastros.
Habitar esse território como objeto, objetivo e acervo.
Fazer do museu um direito de aparecer. Falar do museu e ser o museu como gestos que não se distinguem. Morar como um museu agindo. Permanecer com/como o que deixou de existir.
Gleyce Kelly Heitor para Ool Casa-Escola

1 Notas sobre minha convivência com o Museu das Remoções.Para saber mais, visite: www.museudasremocoes.com

BS … é mais uma função que já existia. Porque a Casa do Povo é um acervo de acervos. Ela foi criada para juntar associações, né?

JC É, sem dúvida. A função aparece.

BS Eu queria concluir com uma reflexão sobre a especificidade judaica da Casa do Povo, pois toda essa conversa é muito judaica. Na cultura judaica, lembrar é um dever cotidiano. Não passa um dia sem ter uma reza na qual lembramos que fomos escravos no Egito, e não lembramos apenas, lembramos coletivamente. A mesma coisa com os mortos. Quando alguém morre, as pessoas se reúnem para lembrar e essa memória coletiva demanda sempre ações concretas no presente. Tem uma reza no Yom Kipur, por exemplo, que se chama Yizkor, que você faz se você perdeu os seus pais, e a reza consiste basicamente em falar que você vai doar dinheiro, em nome dos mortos, para ajudar pessoas que estão vivas e precisam de sua ajuda. É uma ação concreta de cuidar dos outros. No caso da saída do Egito, nos perguntamos como defender a liberdade hoje? Quem está preso hoje? Nós também estamos presos? Como? A Casa do Povo, apesar de anticlerical na sua raiz, é totalmente judaica. Ela traz de forma secular essa missão de lembrar, que, em hebraico, é chamada de "zakhor". Uma das palavras-chave da Casa do Povo é "gedenk", "lembre-se" em ídiche, tradução literal de "zahor". Eu trago essa reflexão porque acho que o judaísmo é uma máquina para fazer isso sem Estado (já que o judaísmo extrapola o Estado de Israel). Sem um Estado para guardar a memória, lembrar é um dever individual e uma responsabilidade coletiva que passa por gestos, textos, leituras e reencenações. As festas judaicas são grandes reencenações.

Queria aproveitar esta reflexão para entender como você articula a memória do ato de lembrar e da construção do acervo. São três palavras-chave – memória, lembrar e acervo – que a gente usou na conversa e queria concluir ouvindo sobre isso.

JC Eu tinha pensado em concluir mesmo com o processo da memória judaica que passa pela compreensão que a comunidade judaica tem da educação. É uma educação que traz consigo uma identidade social, uma memória coletiva, um sentimento de pertencimento. Não importa se você é um francês que habita no Brasil ou se você é um nova-iorquino, vocês são da comunidade judaica e têm esse pertencimento. O que leva a esse pertencimento? É a relação do processo da memória coletiva que carrega consigo, onde cada judeu se torna um arquivo da história judaica. Eu acho isso bonito porque, no Brasil, temos essa ausência. Muitos não se reconhecem como negros, indígenas, brasileiros e vivem apenas a invenção do Brasil, e não o Brasil como identidade. A comunidade judaica é um contraponto a isso. Isso me encanta, e me leva a refletir sobre minhas práticas cotidianas no trabalho e como indivíduo também.

Voltando para a tríade – lembrar, memória e acervo. São três coisas distintas. Acervo não é memória; memória não é lembrar; e lembrar não é nem memória, nem acervo. Mas eles se cruzam em uma reflexão crítica. Se eu simplesmente organizar o acervo da Casa do Povo como um arranjo bonito sem refletir sobre ele e o papel da instituição, de nada ele vale. Se a memória for apenas utilizada como uma ferramenta de apagamento, sem discutir os fatos, sem trazer uma história crítica, também não vale de nada. Por fim, o ato de lembrar é sempre uma caixa de Pandora: eu posso lembrar e ficar saudosista, ou eu posso lembrar e pensar que eu tenho que agir. Então os três pontos se encontram no ato de resistência e de reflexão que os seres humanos são capazes de fazer. É o que tento fazer e é o que a Casa do Povo faz.■

Jean Camoleze é historiador, mestre e doutor em Ciência da Informação pela UNESP/Marília-SP. Atualmente é coordenador de Acervos da Casa do Povo e Casa Sueli Carneiro e colaborador dos arquivos do MST, UNEAFRO e Instituto Vladimir Herzog. Foi diretor do Centro de Memória de Jundiaí/SP. É pesquisador-colaborador da Rede Internacional "Agromig", ligada ao Departamento de Estudos Políticos e Sociais da Universidade de Salerno (Itália), e do Grupo de Pesquisa Educação e Arquivos – Memórias sensíveis (UNICAMP/UFMG).

FAZER--CINZAS: COMBUSTÃO E TIRANIA

por Fábio Zuker

1

Um incêndio florestal consumiu cerca de 1.175 hectares da Área de Proteção Ambiental (APA) de Alter do Chão, distrito de Santarém, no oeste do Pará, em setembro de 2019. Quando o fogo tomou essa parte da floresta, já se sabia que o Dia do Fogo, ocorrido um mês antes, havia sido uma ação coordenada por fazendeiros de Novo Progresso, também no Pará. Dia do Fogo é o nome pelo qual ficou conhecido 10 de agosto de 2019, quando produtores rurais do entorno da BR-163 mobilizaram uma ação criminosa de incêndios florestais que aumentou em 300% o número de queimadas de um dia para o outro. O impacto da fuligem chegou a São Paulo, fazendo do dia noite.

Eu não acompanhei de perto nem o Dia do Fogo nem o incêndio em Alter do Chão. Mas fui tragado para o olho do furacão de um terceiro episódio, que relacionava de modo semelhante fogo e autoritarismo.

Estava finalizando uma apuração longa, de como o veneno usado no plantio de soja que se expande pela região do Planalto Santareno tem asfixiado comunidades ribeirinhas e termina por expulsar seus moradores. No último dia dedicado à pauta, logo pela manhã, começou a circular a notícia de que uma grande operação havia detido quatro brigadistas voluntários da vila de Alter do Chão e feito buscas e apreensões na sede do Projeto Saúde e Alegria. A ONG atua na região na promoção da saúde de comunidades indígenas e ribeirinhas. O cerne da acusação era o de que os brigadistas teriam ateado fogo na floresta, objetivando receber fundos de doações internacionais.

O argumento da investigação era pouco crível. Muitos dos brigadistas tinham álibi: nem sequer estavam em Alter do Chão no dia dos incêndios. Após meses de processo, não foi provada a relação dos brigadistas com os incêndios, e a acusação foi arquivada em fevereiro de 2021.

Não quero me estender nos detalhes do caso. Foi pesado acompanhar tudo. Mas tem um ponto específico nesse episódio que quero aqui esmiuçar: tinha a impressão de que as instituições de Estado estavam dando concretude a um devaneio veiculado com frequência por Bolsonaro, de que as ONGs estavam por trás dos incêndios para arrecadar fundos. É como se o episódio tivesse um poder performativo de converter uma teoria disparatada em realidade; engrenagem que neste caso operou tendo como tema, mote e método o fogo.

Entre os elementos naturais, talvez o fogo seja o mais apropriado como imagem para se pensar projetos políticos ancorados na destruição. E não sem razão: a política comumente fez uso do fogo para atingir seus objetivos. O Tribunal do Santo Ofício queimou mulheres, hereges e livros. Os nazistas, depois de sufocar judeus e ciganos em câmaras de gás, queimavam seus corpos, para espalhar as cinzas e adubar o solo.

Minha proposta aqui é refletir sobre este novo capítulo da relação entre fogo e política, produzido pela interação entre os novos autoritarismos e o piroceno.

2

Piroceno é um termo cunhado pelo historiador ambiental norte-americano Stephen Pyne para se referir a uma nova era geológica, que os humanos teriam criado pelo uso descontrolado do fogo (*piro*, em grego antigo, quer dizer “fogo”). É uma tentativa de apresentar outra faceta do antropoceno – termo muito debatido na última década para designar os mecanismos pelos quais a ação humana teria transformado tão radicalmente a paisagem da terra a ponto de criar uma nova era geológica.

A data de início desta era e o seu nome não são consenso entre autores e autoras que se dedicam ao tema. Assim, foram cunhados termos como capitaloceno, plantationceno, carbonoceno, industrialoceno e o próprio piroceno.

Nunca me pareceu frutífero debater qual termo é o mais adequado, e sim entender o que cada um deles salienta, os pontos e dinâmicas que ajudam a observar. Para Pyne, piroceno diz respeito a uma nova era criada pelos humanos, em que tudo queima, de combustíveis fósseis para locomoção de carros aos grandes incêndios florestais. “Piroceno propõe uma perspectiva piro-centrada em como humanos continuam a moldar a terra”, escreve Pyne. Mas também diz respeito a uma perda de controle, de um fogo indomesticado. Do mesmo modo que a era do gelo implicava que mais gelo gera mais gelo, uma era do fogo significa que mais fogo gera mais fogo.

O autor faz uma distinção[1] entre três tipos de fogo. O primeiro, é o fogo que possui origens naturais e que apareceu tão logo as plantas colonizaram os continentes. Esse tipo de fogo é geralmente causado por raios, que caem em áreas secas. O segundo é um fogo utilizado por humanos. Pelo ato de cozinhar, fogo e humanos coevoluíram ao longo de milênios, defende Pyne. Este fogo foi um ato de domesticação – talvez

1 Para elaborar estes comentários, me baseio no livro de Stephen Pyne, *How We Created an Age of Fire, and What Happens Next*. Oakland: University of California Press, 2021. Para um artigo menor, sugiro “The Planet is Burning” (*Aeon*, 2019). Disponível em <https://aeon.co/essays/the-planet-is-burning-around-us-is-it-time-to-declare-the-pyrocene>. Acesso em janeiro de 2022.

Foto Bruno Kelly/Amazônia Real. Imagens aéreas de queimadas próximas aos limites da Floresta Nacional do Jacundá, em Rondônia; fotos de balsas de garimpo nos limites da Resex do Lago do Cuniã, em Rondônia, e de queimadas no entorno da rodovia Transamazônica no caminho de Humaitá até Apuí no sul do Amazonas, em agosto de 2020.

Foto Bruno Kelly/Amazônia Real

Foto Bruno Kelly/Amazônia Real

2 Vale visitar o projeto multimídia de Anna Tsing: <https://feralatlas.org/>.
3 Ver os ensaios de Roberto Andrés na revista *Piauí*: "O progresso avança pelo asfalto" (2009) ou "Jeitinho sobre rodas" (2019), entre outros.
4 Timothy Mitchell, *Carbon Democracy*. Londres/Nova Iorque: Verso, 2011.
5 Wendy Brown, *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente*. São Paulo: Politeia, 2019.
6 "Cercado pelo agronegócio, território Xavante tem alta taxa de letalidade pela Covid" (*InfoAmazônia/O Joio e o Trigo/El País*, 2021).

3

Proponho aqui uma imagem para aproximar piroceno e autoritarismo. Não uma imagem precisa, específica, mas um ato ordinário, cotidiano para uma parte significativa do globo: dar a partida num automóvel. Ao girar a chave, o motorista causa a ignição – que nada mais é do que gerar fogo no formato de faísca, do mesmo modo que dois gravetos em atrito. Mas aqui a faísca depende de uma bateria, que produz uma grande descarga elétrica. Uma vez acesa a faísca, ela queima a mistura de ar e combustível, que por sua vez gera o calor que faz mover os pistões e coloca o veículo em movimento.

Há algo aqui de uma reencenação diária do mito prometeico de roubo e domesticação do fogo: uma chama controlada no formato de faísca. Essa combustão é um símbolo de poder e comando que traz em si os efeitos descontrolados desta queima irrefreável.

Esta relação homem-máquina, este mecanismo banal de ignição, parece ter forjado a nossa própria ideia de democracia. Não apenas as cidades foram moldadas para o trânsito de carros,[3] mas todo o modelo de organização social e política das democracias ocidentais está ancorado no consumo de fontes energéticas fósseis, que despejam na atmosfera o carbono do aquecimento global.

Na Inglaterra do século XIX, a queima do carvão possibilitou uma enorme geração de energia comparada à área necessária para obter este material. Foi essa nova dinâmica que permitiu o surgimento de conglomerados urbanos cada vez mais densos e dependentes das minas do Norte do país. A energia gerada em abundância, dependente de zonas distantes, delineou o próprio funcionamento democrático, como argumenta o cientista político Timothy Mitchell, em *Carbon Democracy*.[4]

Proponho aqui pensar livremente alguns desdobramentos da tese de Mitchell, ao redor de uma pergunta central: em que medida esse modelo político ancorado nas fontes de energia fóssil produz a sua própria ruína e o advento dos novos autoritarismos?

Vale colocar a questão em termos pirocentrados. Piroceno faz referência ao uso do fogo como instrumento de poder, o fogo industrial, esse terceiro fogo, distinto do fogo natural dos relâmpagos e do fogo antropogênico que talhou diversas paisagens ao redor do globo. É este terceiro fogo que trazia em si a ficção do controle e poder, fogo por combustão presente nas cidades modernas capazes de produzir chamas, energia e calor sem fumaça que gerou o piroceno. Cabe aqui apontar caminhos que podem permitir aproximações entre o advento do piroceno e dos novos autoritarismos, dois movimentos marcados por dinâmicas de destruição.

A filósofa política Wendy Brown vem há décadas destacando como o aprofundamento do processo de neoliberalização de todos os aspectos da vida corrói as próprias bases da democracia tal como concebida em seu modelo ocidental liberal. Em sua obra mais recente,[5] *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente* – originalmente publicada em inglês em 2019 –, Brown investiga o modo como o neoliberalismo estaria criando as condições para emergência de novos autoritarismos. A concepção de cada pessoa como gestionável a partir do modelo de performance e lucros empresariais estaria na base desse processo.

A guerra estabelecida pelo neoliberalismo contra o social, contra qualquer forma de questionamento por justiça e combate à desigualdade, abriu espaço para uma reação populista, racista, machista, supremacista, centrada em valores cristãos e tradicionais em diversas democracias ocidentais. O neoliberalismo, argumenta Brown, inspirado pelos preceitos de teóricos como Friedrich Hayek, exclui determinadas esferas da vida como sujeitas a serem legisladas, por meio de debates públicos e processos políticos. Assim, o neoliberalismo depende de uma moralidade antiquada, cultivada ao longo de séculos de imperialismo e escravização, defende Brown.

Mas também, argumento eu, o neoliberalismo toma como norma a ser expandida uma modalidade extrativista-predatória de relação com a natureza cultivada ao longo de séculos de simplificação ecológica e inserção de paisagens em cadeias produtivas. Por isso, pensadores como Jason Moore afirmam que o capitalismo não produz uma ecologia, e sim que ele é um regime ecológico, visto que cria padrões de relações socionaturais – e, acrescento, padrões de destruição de mundos.

Para aterrar a argumentação, proponho seguir traços da atual situação de devastação ambiental que vive o Brasil como fio condutor.

O objetivo de tornar o Brasil "o celeiro do mundo", como clama o Agronegócio, encontra amplo apoio do presidente Bolsonaro em sua empreitada neocolonial. Esse projeto se concretiza gerando alimentos para porcos e frangos da China e da Europa enquanto cria fome e devastação ambiental nas comunidades tradicionais, indígenas ou quilombolas que moram perto desses empreendimentos ou que são forçadamente removidas, dando lugar aos monocultivos.

Cito como exemplo a situação dos Xavante (Mato Grosso) durante a pandemia de Covid-19. Em reportagem que escrevi junto com Tatiana Merlino,[6] identificamos um dado alarmante, publicado em um estudo epidemiológico no final de 2020: os indígenas Xavante apresentaram uma

a origem de um modelo de domesticação a ser replicado com plantas e animais. Houve um pacto de assistência mútua: humanos levaram o fogo para todos os lugares aonde foram, e dele se valeram para moldar paisagens e sistemas agrícolas. "O fogo podia existir sem os humanos, enquanto os humanos não podiam existir sem o fogo", reflete o autor.

Já o terceiro fogo é qualitativamente distinto e quebra essa relação milenar. Trata-se da queima de combustíveis fósseis, já não relacionada a limites ecológicos como estações do ano ou ritmos de seca e umidade. As pessoas podiam viver sem esse tipo de fogo, mas ele não poderia florescer sem pessoas. Se o segundo fogo era uma forma de parceria, o terceiro fogo foi convertido em uma ferramenta para gerar poder.

Pyne argumenta que no último século este terceiro fogo fez com que aquele fogo-amigo, com o qual os humanos constituíram a paisagem terrestre, começasse a desaparecer. Converteu-se em flamas ferozes, selvagens, que parecem tudo contagiar. "Ecologias ferais", como diz a antropóloga Anna Tsing. Ou seja, "ecologias que foram encorajadas por infraestruturas construídas por humanos, mas que se desenvolveram e se espalharam além do controle humano".[2]

A busca pelo poder proporcionado pela utilização da queima fóssil como ferramenta para gerar quantidades desmesuradas de energia e concentração de força fez os humanos criarem uma era do fogo.

taxa de mortalidade de 341 mortes/cem mil habitantes, no intervalo entre 23 de fevereiro e 3 de outubro de 2020. Isso é cinco vezes maior que a média nacional de 69.5 mortes/cem mil habitantes no mesmo período.

Intrigados, fomos atrás de entender os motivos. Estrangulados pelo agronegócio, com rios contaminados por agrotóxicos, e incapazes de produzir alimentos como antes, os indígenas Xavante dependem amplamente de alimentos ultraprocessados – cujo alto teor de sódio e açúcar está relacionado a doenças como hipertensão e diabetes. Hoje, o Agro avança para dentro dos próprios territórios xavantes, incentivado pela Funai e pelo Ministério Público Federal.

Não por acaso a Aprosoja-MT (Associação dos Produtores de Soja e Milho do Estado de Mato Grosso) é uma das mais fervorosas e incondicionais apoiadoras de Bolsonaro e seus delírios. Como identifica a antropóloga Alana Moraes, "é o agronegócio o principal garantidor desse governo, é o DNA do fascismo neocolonial e do capitalismo de asfixia e 'pacificações'".[7] Na Amazônia, a sanha do agronegócio por expansão está criando uma nova ecologia do fogo. Assim escrevem Letícia Klein e Thiago Medaglia:[8]

> A Amazônia não deveria pegar fogo. Úmida, a floresta mais biodiversa do planeta está repleta de árvores com troncos cobertos por liquens e musgos esponjosos, todos eles habituados à névoa matinal. Cada copa no dossel amazônico, por meio da evapotranspiração, bombeia centenas de litros de água por dia para a atmosfera – as maiores, milhares de litros –, consequência de uma combinação única, envolvendo a localização geográfica, a própria cobertura vegetal e os sistemas atmosféricos em atuação. Esta parte da América do Sul é provedora de chuvas para si e para outras regiões do Brasil e do continente, o que ajuda a entender o fato de suas mais de oito mil espécies de árvores conhecidas não possuírem as adaptações evolutivas de fogo encontradas em savanas e florestas boreais. Um ecossistema tão singular precisa de intervenção humana para incendiar. É o que tem acontecido.

O piroceno emerge também de uma prática pirofóbica. As cidades moldadas para carros toleram apenas um tipo de fogo, o da combustão fóssil. Qualquer outra matéria diferente de combustíveis como gás, etanol ou gasolina, não pode queimar. A projeção indiscriminada deste modelo de intolerância ao fogo para a natureza gerou apenas descontrole de fogo, em paisagens onde o fogo possui função histórico-evolutiva, como o cerrado brasileiro. Perversamente, a pirofobia contemporânea também encontrou culpados, tornando-se elemento estruturante do autoritarismo brasileiro, ao criminalizar o fogo de manejo de indígenas, ribeirinhos e outras comunidades tradicionais, como fez Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU em 2020, enquanto incentiva o fogo utilizado por grileiros e desmatadores.

Estamos diante do desdobramento do modelo democrático-e-nergético criado na Inglaterra do século XIX, em que uma vasta área é destruída, sujeita a violência e processos de degradação e toxicidade descomedida, para produção de energia, seja ela fóssil ou grãos com alto valor proteico. Nosso modelo de democracia criou paisagens sacrificáveis, onde o fogo descontrolado as consumiu – tanto paisagens quanto democracia.

Se estamos sendo conduzidos a uma era do fogo, é certo que as novas formas de autoritarismo que florescem no deserto produzido pelo neoliberalismo não criaram o piroceno. A neoliberalização da natureza, o seu intenso processo de simplificação ecológica (pense no que significa converter uma floresta tropical em um campo de monocultivo de soja), parece ser uma relevante força motriz tanto do autoritarismo quanto do piroceno. O fogo em descontrole e as novas formas de tirania compartilham uma verdadeira repulsa pela diversidade, ambos operam pela destruição da diferença; convertem a multiplicidade da existência em cinzas.■

7 Ver a entrevista com Patrícia Fachin para a *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*: "A guerra dos mundos, a fratura colonial e a aspiração de uma convicção coletiva pela vida digna. Entrevista especial com Alana Moraes" (2021).

8 Letícia Klein e Thiago Medaglia. "Cortina de Fumaça" (*Ambiental Media*, 2020). Disponível em <https://cortinadefumaca.ambiental.media/>. Acesso em janeiro de 2022.

Fábio Zuker é antropólogo, jornalista e ensaísta. Escreveu o livro *Em Rota de Fuga: ensaios sobre escrita, medo e violência* (Hedra, 2020) e o livro de reportagens *Vida e Morte de Uma Baleia-Minke no Interior do Pará e outras histórias da Amazônia* (Publication Studio São Paulo, 2019), a ser lançado em maio de 2022 em inglês, pela Milkweed Editions.

Bruno Kelly é natural de São José dos Campos, interior de São Paulo. Formou-se em jornalismo em 2008 pela UNIVAP (Universidade do Vale do Paraíba). No início de 2009 se mudou para Manaus, onde desde então desenvolve trabalhos para a agência internacional de notícias Reuters, para a agência de jornalismo independente Amazônia Real, para jornais, revistas e ONGS do Brasil e exterior. Em suas documentações aborda a rica fauna e flora local, assim como as populações tradicionais da Amazônia.

por Marcelo Rocha

O TEMPO É AGORA

O estado de São Paulo viveu em 2014 uma crise hídrica gigantesca. Enquanto o estado vivia a privação de água, eu morava na cidade onde nasce o maior afluente do rio Tietê, o rio Tamanduateí. Sou um jovem da cidade de Mauá, região metropolitana de São Paulo, que um dia se viu em meio a problemas hídricos. Um processo de degradação humana, a poluição e a falta de conservação do município nos fizeram perder a oportunidade de soluções baseadas na natureza. Na época eu era conselheiro de juventude; entendemos o quanto a preservação era importante para o território e acompanhamos a criação da estação de tratamento que fez a cidade chegar a 100% do esgoto tratado, o que deu dignidade à vida de muitas pessoas.

Alguns anos depois participei de vários movimentos de juventude, entendendo principalmente as correlações entre educação e negritude. Em uma das oportunidades que tive, conheci o Fridays for Future[1] e fui pesquisar o que eram essas tais mudanças climáticas das quais fala o movimento. Logo percebi o quanto aquele tema estava distante de mim e do meu povo. Não muito tempo depois conheci um termo chamado "racismo climático" e pensei: MEU DEUS, TODA HORA DESCUBRO QUE ESTÃO TENTANDO MATAR MEU POVO DE UMA FORMA DIFERENTE.

Mas, muito mais que isso, era a descoberta de mais um espaço de decisão sobre nossas vidas. Enquanto descobria mais sobre o tema aqui no Brasil, percebi que a maioria das pessoas que escreviam, falavam e se posicionavam sobre mudanças climáticas nesses espaços de discussão tinham muito acesso ao conhecimento e eram parte da elite. Eu era a única pessoa preta que circulava nesses lugares.

Assim surgiu a oportunidade de ir a Madri participar de um espaço de construção e articulação política de maior instância sobre o tema, a COY 16 e a COP 25, a Conferência das Partes das Nações Unidas, onde líderes do mundo inteiro se encontram para discutir o futuro da humanidade, com acordos, tratados e políticas que serão estabelecidas em comum acordo entre as nações. Massa, peguei o voo e fui pra lá. Ao chegar em Madri, me deparo com a mesma coisa: a juventude mais uma vez silenciada nas tomadas de decisão, as pessoas pretas em total minoria e, principalmente, éramos pouquíssimos falando sobre Brasil. Logo nós nos reconhecemos e nos aquilombamos. Nesse momento, algo flui no meu coração: como trazer mais pessoas pretas para as questões ambientais e impactar diretamente a política pública que temos em nosso território? Pois se as mudanças climáticas são mais uma forma de nos matar, precisamos criar estratégias para não morrer, criar estratégias para adiar o fim do mundo, para aqueles que já vivem todo dia um novo fim e têm que escrever uma nova história todas as manhãs.

A principal estratégia é a educação. Quem sofre sabe que sofre e por que sofre, mas quem tem o poder da solução não chama as coisas

1 Fridays for Future é um movimento global liderado por jovens que demandam responsabilidade dos governos pelas mudanças climáticas. Entre as reinvindicações está o cumprimento de acordos internacionais, como o Acordo de Paris, que estipulam um compromisso dos países em reduzir as emissões de carbono. Começou com protestos às sextas-feiras impulsionados pela ação da jovem sueca Greta Thunberg, e se expandiu para outros países, levando mais de 7 milhões de pessoas às ruas em 2019. [N. E.]

“meu deus, toda hora descubro que estão tentando matar meu povo de uma forma diferente”

Foto Marcelo Rocha

da mesma forma que nós. Nós temos nossa própria língua e poucas vezes há quem queira traduzi-la, até porque a troca de conhecimento é uma arma poderosa. Formar as juventudes pretas, periféricas, LGBTQIA+ para conseguir ser essa organização torna possível que nossas demandas alcancem o poder público. Precisamos entender e traduzir as coisas que já sabemos que acontecem conosco, mas que ainda não sabemos nomear porque não somos os criadores dessa linguagem. Ouso dizer que essa forma de atuar funciona quase como um curso de idiomas ou tradução e intérprete, pois somos a real ponte que pode conectar, ao ouvir nossas comunidades e territórios e criar políticas públicas junto aos governos locais, subnacionais, nacionais e até os organismos internacionais. Além disso, temos a capacidade e a missão de levar esses aprendizados para nossos territórios, para que possam identificar os efeitos das mudanças climáticas e denunciá-los, propor soluções que cabem às pessoas.

Mudanças climáticas não são um urso polar em um bloco de gelo no Polo Norte, como tentam colocar no nosso imaginário. São nossas comunidades desabando e gente ficando sem casa, são o processo de migração climática que tanto atinge os nossos desde que fomos invadidos pelos europeus em busca de exploração do nosso território, de nossos corpos, das nossas mulheres, crianças, dos povos originários desta terra e de tantas outras formas de vida transformadas apenas em mercadoria desumanizada. Não há possibilidade de pensar o futuro sem entender que tudo o que o passado construiu nos trouxe até aqui.

A Terra tem um ciclo e ela passa por isso de tempos em tempos, mas estamos acelerando o processo, assim como aceleramos um tempo que não é nosso, no qual perdemos a sazonalidade e a capacidade de olhar ao redor. Penso que a solução está em África, no berço da humanidade, através de sabedorias que nos fazem humanos, como a sabedoria Adinkra do povo de Gana, que entre seus símbolos tem o pássaro mítico voando para a frente com a cabeça voltada para trás chamado “Sankofa”, que significa “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

Assim, quando falamos sobre a emergência climática que estamos vivendo neste momento, nos fazer ouvir é completamente necessário, pois ainda há uma supressão histórica das vozes jovens, indígenas, negras, de pessoas com deficiência e tantas outras, o que mantém estruturas de opressão e morte. Afinal, se o clima está mudando, quem será mais atingido?

Pense comigo: se eu perguntar a relação entre favelas e mudanças climáticas, a primeira coisa que vão me dizer é que são áreas ocupadas nos mananciais, ou que aqueles moradores das encostas estão expandindo a evolução dos problemas ambientais. Isso é verdade, mas como o povo preto foi parar nas favelas?

O Brasil foi um dos países que mais recebeu negros e negras sequestrados em África, mais de 5 milhões de africanos escravizados, sendo um dos últimos países do mundo a abolir a escravização, há pouco, no final do século XIX. Os negros que lutaram na Guerra de Canudos foram para o Rio de Janeiro com a promessa de terras como recompensa, o que se mostrou uma mentira; assim, ocuparam o primeiro morro, dando o nome de morro da favela, em referência a uma vegetação nativa da caatinga, a faveleira.

De lá pra cá, as coisas não mudaram: a falsa abolição ainda mantém negros e negras muito mais susceptíveis a eventos críticos como epidemias, enchentes, deslizamentos de terra, estiagens, que são manifestações dessa emergência climática. Grande parte disso é resultado do racismo e do colonialismo e da visão de mundo que vê a Terra apenas como um lugar de exploração e extração de riquezas. Quinhentos anos depois ainda veem nossos corpos e territórios assim.

Precisamos pensar em uma transformação que tenha a justiça climática e ambiental como um dos principais guias, em que as vozes das favelas, periferias e cortiços sejam mais que importantes, se tornem essenciais na preservação e na mudança de hábitos, pois pensar um mundo sustentável exige que seja pensado por completo. É uma missão coletiva nossa dedicação na busca por essa mudança no meu território, e também junto a pessoas como Marina Marçal, Raull Santiago, Aíla Marinho, Yane Mendes e tantas outras que decidiram lutar pelo futuro, até porque não há um outro planeta: nosso povo, nossa terra é agora.

Não há justiça climática sem justiça racial, de gênero e territorial. O tempo é agora: olhar o passado para pensar possibilidades de futuro.■

Marcelo Rocha, nascido em Mauá, região metropolitana de São Paulo, é diretor executivo do Instituto AYIKA, conselheiro do Greenpeace Brasil e colunista no *Um só planeta* e na *Mídia NINJA*. É fotógrafo, ativista em educação, negritude e mudanças climáticas no Fridays For Future Brasil e FFF MAPA (Most Affected Peoples and Areas). Foi uma das vozes brasileiras na COP 25, indicado junto à ONU como um dos 100 negros mais influentes da década.

ROTTEN TV

Nascer, morrer, reproduzir

DL

Estamos aqui com Marilia Loureiro, curadora da Casa do Povo, e com a Giuliana Furci, diretora da Fundación Fungi. Nós nos conhecemos em 2016, quando estive no Chile e tivemos uma aula que foi minha primeira aproximação com o universo da micologia. Giuliana, uma coisa que ficou muito forte para mim foi que você falava com muito afeto e amor, de uma maneira didática, e que, ao mesmo tempo, não era simples. E o que ficou foi esse afeto que você tem por esse universo… um afeto como o que temos pelas pessoas que amamos.

GF

Queria dizer, Daniel, que sinto um afeto muito profundo por você e que o seu olhar para a podridão, a meu ver, sempre foi vanguardista. De modo que há muito amor vindo da decomposição e da degeneração, que acredito serem termos muito importantes para o que vamos tratar hoje. § Quando se fala do início da vida, tudo tem a ver com pontos de vista: alguém pode se deter em partes distintas de um ciclo energético e dizer que é ali onde ela começa – e essa indistinção também vem romper com esquemas de ordem e linearidade… § Estou muito agradecida pelo espaço para falar sobre essas coisas, que são espaços que muitas vezes existem no interior de alguém, ou em uma conversa com uma árvore, ou com um animal em um bosque, mas raramente em uma conversa com humanos e humanas…

DL

Para começarmos, gostaria de dizer que fico encantade com as múltiplas simbologias do “podre” porque nos permitem falar da passagem do tempo, da quebra da binariedade entre vida e morte, da marginalização de processos que são condições intrínsecas aos corpos, aos organismos orgânicos… Neste ano venho desenvolvendo a “Rotten Research” – a pesquisa podre –, um projeto mais amplo que assume expressões diversas como textos, a Rotten TV, falas, exposições, criação de imagens, e me interessa escutar e aprender com as diferentes visões que aparecem, não tanto acerca do processo que leva do “fresco” ao “podre”, e sim do “podre” ao “pós-podre”: o que vem depois do podre e como manter-se podre. Então, para começar, minha pergunta seria qual a diferença entre algo que se fermenta e algo que apodrece, e também gostaria que você traçasse considerações acerca da podridão do ponto de vista da micologia.

GF

Acho que aqui é necessário estabelecermos um marco mais amplo. Primeiramente, quando falamos de fungos, estamos falando de um reino, e **dentro desse reino existem organismos que decompõem e outros que não decompõem.** Os fungos micorrízicos, por exemplo, que se associam a árvores vivas, não estão em um processo de decomposição, mas sim de simbiose; ambos os processos não podem ser pensados em separado – e poderíamos inclusive falar da decomposição *como* uma simbiose. § Em relação à fermentação, normalmente não falamos dela como um processo de decomposição, mas ela é efetivamente o primeiro passo desse processo. Os fungos engatilham uma cadeia química, decompondo os açúcares e hidratos de carbono que fazem parte das diferentes composições de vida, e é aí que se inicia o processo da decomposição. § Dentro do reino dos fungos, existem mofos que são decompositores por excelência. Existem os liquens, que são uma simbiose, que não estão decompondo no sentido da podridão, mas num sentido elemental, para criar solo. **Então a decomposição não é exclusiva do apodrecimento**. Quando algo começa a apodrecer, para muitos fungos é o nascimento, porque é quando eles encontram um espaço para proliferar, para se reproduzir, em um processo de desenvolvimento que é o início de suas vidas. Há muitas espécies de fungos ou mofos cujo ciclo de vida completo é o que, de fora, vemos como putrefação. § De maneira subjacente, está o fato de que a energia não se perde, a energia está em processo de transformação contínua, e isso ocorre graças à putrefação e à decomposição. § Do ponto de vista da micologia, quando o corpo de um animal ou de uma planta deixa de metabolizar, não é possível afirmar que esse organismo esteja morto. Por isso, não só é questionável, como também equivocado afirmar que o fim de um corpo físico seja o fim da vida. Proponho inclusive que o momento mais importante de uma

Daniel Lie DL + Giuliana Furci GF

árvore seja quando ela cai e começa a retornar ao solo; cada organismo é uma composição de energia transformada, que se fixa temporariamente. Cada corpo fixa energia e, a partir da decomposição, ele a devolve. Nesse sentido, **acredito que a decomposição seja um ato heroico**.

DL

O que você disse é muito bonito, isso de devolver a energia, porque, quando olhamos para algo que está podre, sob um ponto de vista do pensamento hegemônico, consideramos que aquilo está morto – o que cria um sentimento de distância e afastamento, que é o mesmo que temos em relação à morte humana. Mas quando observo atentamente frutas ou vegetais apodrecendo, começo a ver muitas coisas acontecendo – reconheço que tem muita vida ali: vejo mofo, insetos, inúmeros elementos e cores. E é por isso que o podre para mim é não binário: por não estar nem vivo, nem morto, esses limites são quebrados… E talvez a questão mais forte seja reconhecer que isso um dia vai acontecer comigo, com você, com todas as pessoas – nós todes vamos apodrecer.

GF

Claro, mas essa é a única maneira de devolver a energia. A vida é um processo de fixação de elementos na criação de um corpo físico – somos simplesmente parte de um ciclo de energias que vamos fixando; no momento de morrer, voltamos para a terra, que vai ser o substrato para outra fruta ou planta que vai alimentar outro animal. Então não há um começo ou um fim, é um contínuo do qual fazemos parte.

DL

Mas quando começa o processo de apodrecimento? Por que as coisas apodrecem?

GF

O processo de apodrecimento começa depois do pico máximo de reprodução. A única função de um fruto, por exemplo, é de produzir sementes para propagar a espécie – que é a forma de manutenção da espécie em um sistema. Existe um momento em que a semente está no ponto de cair para se espalhar; passado esse ponto, passada a oportunidade de se propagar como espécie, inicia-se a decomposição. E o mesmo acontece em relação aos seres humanos: a decomposição em geral começa passado o pico da reprodução: nas pessoas de mais idade, começam a aparecer fungos na pele, nas unhas; o cabelo e os dentes começam a cair… § A putrefação é a possibilidade de que outro ser venha a se compor: você volta a ser substrato, volta a ser um bloco de construção.

DL

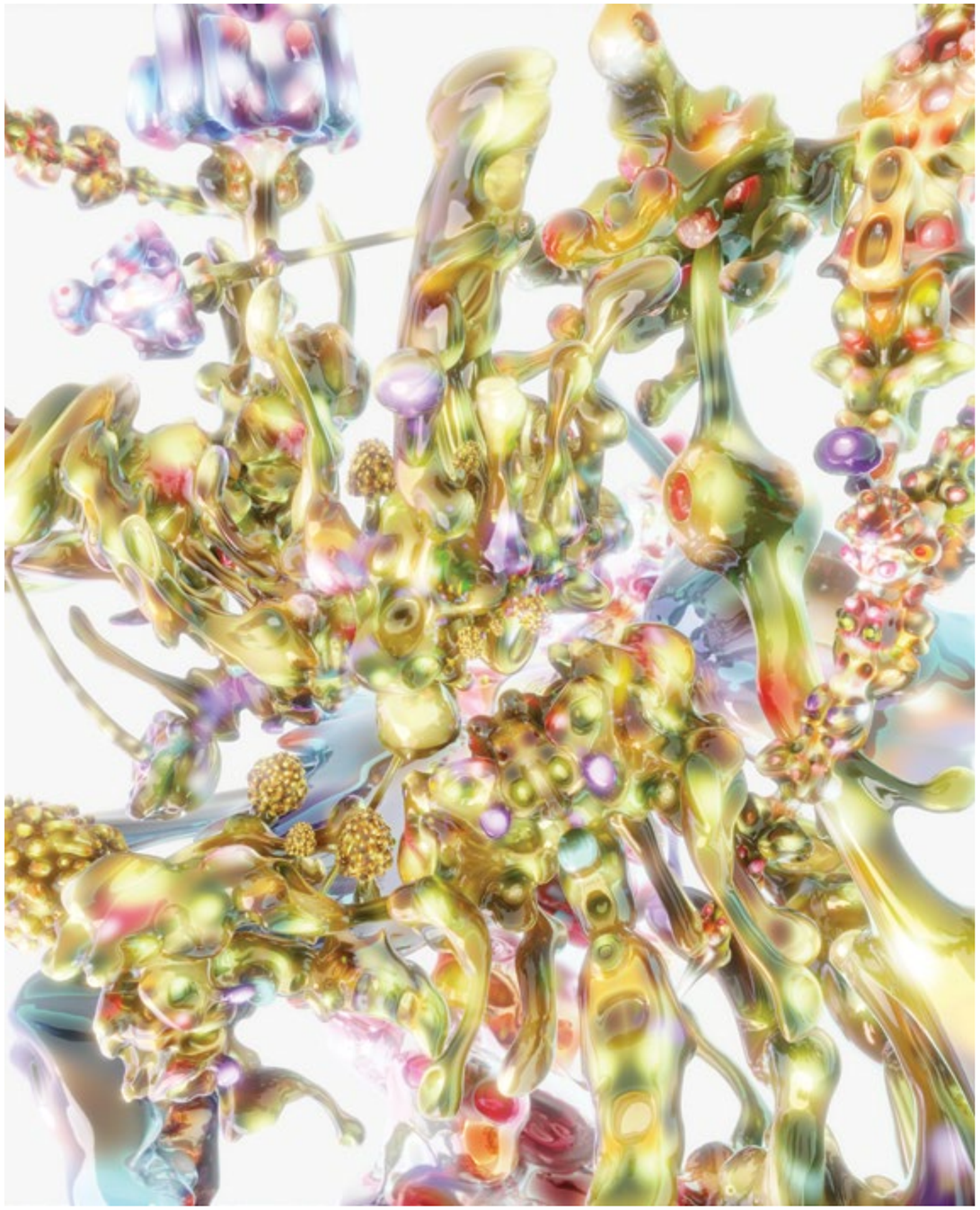
O tempo todo estou fazendo um paralelo com a decomposição para além de humanes, como os vegetais. Mas às vezes penso no corpo humano. Me parece muito interessante que, quando comemos, ocorra um processo de putrefação dentro de nós. Comemos, os nutrientes são absorvidos e depois fazemos cocô, que é uma matéria que já está em processo de apodrecimento. Por outro lado, quando morremos, o organismo passa a realizar esse processo de putrefação e de digestão dentro de nós – só que comendo a nós mesmes.

GF

Neste ponto você toca no limite do indivíduo; porque no fundo o que você está descrevendo é que nós não somos uma espécie sozinha. Um corpo não é uma espécie, um corpo é uma simbiose. Cerca de um quilo do corpo humano é composto por bactérias, fungos e outros microrganismos imprescindíveis. Uma vaca, por exemplo não consegue decompor a parede celular do capim que ela come, isso só é possível porque o seu organismo foi evoluindo em simbiose com os fungos presentes em seu estômago, que decompõem as plantas para que elas possam ter seus nutrientes absorvidos. Nós também convivemos com organismos que decompõem os alimentos para que possamos nos nutrir deles. Há estudos que demonstram que cada pé humano carrega cerca de 200 espécies de fungos, que não estão ali decompondo o pé, mas possibilitando que possamos ser como somos; não somos uma espécie, somos uma simbiose, somos organismos simbiontes. Não estamos separados do que comemos, do que está em nossas entranhas, dos organismos que vivem na nossa pele, não estamos separados dos organismos com os quais convivemos. Nesse sentido, é preciso questionar, e é importante questionar: o que é um indivíduo? Um indivíduo é um ecossistema. Então quando se fala em decomposição e podridão, e desses organismos que, em algum momento, podem vir a ser favoráveis, precisamos reconhecer que eles são organismos mutualistas – isto é, eles nos ajudam a ser como somos. E quando deixamos de ser da maneira que somos, também os ajudamos a se proliferar. Também somos um sistema de colaboração, somos simbiose. A decomposição e a putrefação fazem parte dessa simbiose virtuosa.

DL

Para além desse sistema de colaborações, também penso no processo de apodrecimento em termos de energia. Porque nós, que estamos agora nos comunicando pela voz, pelo olhar, ouvindo… como nos comunicamos com outras espécies? Parte de meus interesses recentes passa por essas formas de comunicação distintas, que ocorrem através do odor, da estética, mas também através da energia. Me parece muito revolucionário que algo que a maior parte da sociedade pensa que é lixo, que está morto, que não existe mais, que é considerado como um fim, esteja produzindo energia – e não apenas energia simbólica, mas energia para aquecer um espaço, por exemplo – então gostaria que você pudesse falar um pouco mais sobre essa conexão do podre com a energia.



Gabriel Massan. *Memórias de nossos funerais: de Olinda ao Jardim da Saudade*, 2021. Still. Escultura digital e pintura digital.

Gabriel Massan. *Memórias de nossos funerais: de Olinda ao Jardim da Saudade*, 2021. Still. Escultura digital e pintura digital.

GF

Os processos metabólicos requerem energia e liberam energia. Provavelmente uma das formas mais drásticas de se estar viva é o fato de gerar calor. É um processo bioquímico, no qual fungos e bactérias rompem ligações. Temos uma série de elementos na tabela periódica que se associam de diversas maneiras para formar compostos: de um elemento estático em combinação até chegar a um composto, é aí onde se inicia a vida orgânica. Quando essas ligações se rompem, a energia que os uniu é liberada. E isso volta ao meio, volta a ser intocável. Quando um corpo se compõe, ele se torna tangível. Quando ele decompõe, volta a ser intangível. À medida que você vai se alimentando, se criando, inicia-se uma composição, um sistema, no qual os elementos vão se compondo em um corpo, em algo orgânico, em algo vivo – uma planta, um animal. E quando essa capacidade de se compor desaparece, inicia-se um processo que vai rompendo o organismo, que vai separando-o e tornando-o intangível – de volta à terra, à atmosfera, para um sistema. E isso não é o fim da vida, é o fim da composição como a conhecemos. Quando a energia de cada corpo composto se decompõe, ela existe de maneira invisível e é decomposta de volta ao sistema. A decomposição é o processo de liberação de energia vital. § Quando a decomposição se inicia, é o começo da vida dos fungos. Do ponto de vista micológico, a vida se inicia quando o outro se decompõe. Por exemplo, você produz energia ao longo da sua vida enquanto animal. Você come, faz cocô... Você interage. Já os fungos não ingerem nem defecam, mas absorvem: eles têm uma digestão fora do corpo. Os fungos são os grandes bioquímicos da natureza, são organismos que digerem fora de seu corpo e se alimentam por absorção: os esporos viajam pelo ar, chegam na comida, encontram um ponto de apoio e, para viver e se reproduzir, secretam enzimas que decompõem o que está fora deles para absorver os nutrientes. As enzimas secretadas rompem as ligações, e isso produz calor – e esse é o primeiro passo da fermentação. § Isso é o que nós chamamos de decomposição, o que chamamos de putrefação, a matéria vai sendo reduzida, vai diminuindo, mas ela não desaparece, ela se transforma, e isso ocorre por meio desses organismos que são capazes de transformar o que está ao redor deles.

DL

Para mim, na minha experiência de trabalho, tento fazer o contrário; porque me parece que esta humanidade onde estamos até hoje é muito hierárquica, sempre olhando para tudo do ponto de vista humanocêntrico. Mas quando estou trabalhando com esses seres além de humanes, para mim é o oposto. Buscar esse conhecimento com e por esses seres além de humanes, como elxs também podem ser professorxs para mim. Porque esse conceito da digestão do lado de fora faz do fungo um ser profundamente ambiental, não? § Quando você fala desses processos, penso em coisas muito simbólicas, e quando você fala em romper ligações químicas, penso na morte, no luto, no rompimento de ligações simbólicas ou afetivas, ou na reconstrução delas. Porque a morte não é apenas física, mas também simbólica. De certa forma o processo de luto é um processo no qual eu também estou morrendo, o que me leva a pensar na complexidade desse ecossistema afetivo e em uma cegueira da sociedade, de não entender que este mundo também é o mundo de todos os seres que estão aqui, que eles têm os mesmos direitos e a mesma importância.

GF

Sim, sim, mas é que no fundo nós nunca fomos separadas umas das outras. Nós não somos – quer dizer, o que é um indivíduo? Até que ponto somos alguém? § Outro dia me perguntaram: “Olha, parece que tem um fungo agora que parece que é pior que a Covid-19”, comentaram comigo referindo-se ao *black fungus*, o fungo negro. E eu expliquei, dizendo: “Olhe, a vida é um contínuo à medida que há condições para algum organismo”. Quando um corpo está imunodeprimido, é uma oportunidade para outro organismo se proliferar e iniciar sua vida. Julgar isso como bom ou ruim é uma concepção humana. Quando um corpo está imunodeprimido pós-Covid, como vimos sobretudo na Índia, passa a existir um ambiente propício para que um fungo em particular se prolifere, viva e se reproduza. O fungo não é um ser mau que vem matar as pessoas que sobreviveram à Covid-19 – esse processo de pensamento é completamente humano. E isso nos leva também ao conceito dos equilíbrios: a Covid-19 veio romper muitos equilíbrios, falsos equilíbrios, e, questionar o equilíbrio nos leva a perceber que nada é estático, e os processos de decomposição e putrefação demonstram que nada é estático. Demonstram graficamente o quanto a vida é pouco estática. Toda nossa geração foi doutrinada a acreditar que existe um estado estático de êxito na vida, e isso é algo que não existe – a vida não é estática.■

A Podridão como ato erótico

Daniel Lie (DL) + Brigitte Baptiste (BB)

+ Marilia Loureiro (ML)

BB

Muito obrigada por este convite tão maravilhoso e sedutor, porque, além de tudo, um programa chamado TV Podre me parece o máximo. § Bom, eu sou Brigitte Baptiste. Como Brigitte tenho 22 anos, e sem esse nome, já estou com quase cinquenta e oito. Estudei biologia na Colômbia – o que me trouxe uma perspectiva bastante amazônica – e vivi em várias partes do mundo, estudando e viajando. Sempre estive muito ligada à universidade, investigando temas relacionados à ecologia, e especialmente à ecologia da paisagem – que interpreta os fatos ecológicos sob uma perspectiva cultural. § Quando me tornei Brigitte publicamente, entendi e pude colocar em prática muito do que agora acredito ser o vivo, a mudança do vivo e a relação do vivo com o mundo – e também do morto, obviamente.

ML

Você poderia nos contar um pouco sobre seus pensamentos e ideias em relação à ecologia queer?

BB

Penso que a melhor aproximação seja através da arte, especialmente da literatura, de onde se origina o conceito do queer: quando alguém encara um romance, uma obra literária, um ensaio, um poema, uma peça teatral, acaba adentrando um universo no qual as relações estabelecidas entre os atores e protagonistas da trama são quase sempre equivocadas, repletas de ambiguidades e mensagens entrecruzadas – utilizadas, por sua vez, para criar o efeito de integridade e do devir dramático da obra; você não chega a saber qual é a identidade dos envolvidos na trama e na história; sua imagem ou percepção dos personagens é sempre instável, incompleta, e também muito inscrita nos seus próprios afetos – que dependem de como você se entrelaça com a obra, de quem toma partido –, sobretudo quando grande parte da tensão provém da identidade sexual e de gênero, e de como é expressado o desejo que inevitavelmente atravessa qualquer narrativa. § No ecossistema acontece a mesma coisa: enfrentamos uma complexidade de relações entre seres vivos, entre atores inertes e imaginários aos quais damos agência, e entre nós mesmas, até um ponto em que é muito difícil capturar a essência ou uma identidade permanente e estável – se é que existe alguma – daqueles que participam das relações ecossistêmicas. § No romance, você pode tentar retomar algum ponto da narrativa, reler e voltar um pouco atrás; já no ecossistema, não tanto assim, pois tudo acontece em tempo real, e a força que conecta todos os atores é uma força profundamente erótica**,** baseada em paixões – que podem ser destrutivas, de depredação, de simbiose: há todo um acúmulo de formas de nos aproximarmos uns dos outros. Por trás disso está a potência inicial da sexualidade, que nos diz o tempo todo: "troque, troque os seus genes com os de quem você puder!", porque esse é o negócio da evolução: eu mantenho minha mesma carga genética, não vou ter possibilidade de inovar e de me adaptar frente ao universo cambiante do ecossistema; então o que ocorre é uma relação linguística, porque estamos falando de uma mudança de DNA; como no romance, é uma relação genética, de crescimento, de novas linguagens, e que está, obviamente, repleta de incertezas.

Assim, a ecologia queer é, em resumo, uma forma de leitura da ecologia que reconhece, em grande medida, a irreprodutibilidade das relações produzidas todos os dias nisso que chamamos de natureza; aquilo que tem de único e de potência, o erótico por trás disso, já que tudo é construído em cima da sexualidade. Daí surgem as identidades de gênero, os comportamentos heteronormativos, e todas as possibilidades de ser e de combinar o ser, porque sabemos que é aí que se encontra a continuidade da vida.

ML

Essa me parece uma maneira muito poética e clara de trazer esse tema, como uma forma de ler, construir conceitos e criar histórias, sob outros pontos de vista, com outras lentes para as relações. Pensando não apenas no corpo humano – mas também em vegetais, bactérias e em todos os seres vivos –, como podemos falar das noções de homogeneidade e semelhança, por um lado, e também do que é fresco, por outro, considerando que esses são conceitos bastante normativos, que constroem e orientam uma visão da natureza a partir da perspectiva humana, e como a ecologia queer fricciona isso rumo a outros conceitos e narrativas?

BB

Nas histórias de origem e nas ecologias dos povos indígenas da Amazônia, assim como nas mitologias nórdicas, gregas, africanas, asiáticas, ou hinduístas, existe uma interação tremendamente apaixonada dos seres humanos com o mundo animal e vegetal, que representa um universo muito mais amplo de relações de vida do que as que estamos acostumadas, sobretudo sob uma visão reducionista da natureza, que provém, penso eu, de uma angústia quanto ao movimento e à mudança, de uma necessidade de acumulação e de segurança que temos, ou que nos foi inculcada, de não assumirmos riscos e de garantir ao máximo as condições de operação – do corpo, da família, do governo ou da empresa – porque a incerteza é extremamente assustadora; há diversos níveis nos quais nos sentimos ou queremos nos sentir mais seguros e com mais certeza sobre as coisas. Daí inventamos uma relação de confiança a partir da classificação das coisas, nas quais, obviamente, aquilo que se parece mais comigo acaba sendo aparentemente benéfico para mim porque me tranquiliza. Então, tudo o que é semelhante me tranquiliza, e tudo o que é diferente me gera angústia e produz temor – o que não estava presente nas culturas antigas, onde a noção de segurança era extremamente leve. § Vivemos um pouco presas ao paradoxo de não querer mudar, de proteger o presente e aquilo que temos, mas, ao mesmo tempo, saber que dentro de nós **tudo está se movendo** – que as bactérias das nossas tripas estão nos devorando um pouco a cada dia, e que temos de alimentá-las senão vão nos devorar todinhas. Por isso penso que se trata de aceitar um pouco mais a noção de fazermos parte de um grande metabolismo; a única coisa da qual podemos estar seguras é a morte e, mesmo assim, tratamos de viver na morte. Por isso, a noção de fresco também é tão persistente na nossa visão contemporânea das coisas. Sempre quisemos que as coisas operassem na nossa escala de tempo e espaço, e nós, seres humanos, temos limitações sensoriais muito particulares: habitamos algumas centenas de metros, às vezes poucos quilômetros quadrados; vivemos algumas dezenas de anos – cinquenta ou sessenta com consciência; ao combinar esses dois fatores, somos pouco conscientes da maioria das coisas que acontecem ao nosso redor, e isso faz com que nos enganemos a ponto de achar que está tudo bem, que o mundo não muda. Mas essa construção aparentemente consoladora é, no entanto, extremamente negacionista, principalmente em relação à capacidade inerente a todas as coisas de permanecer em movimento e ir se transformando umas às outras – além da compreensão de que é graças a esse movimento que tudo o que é fresco, inovador ou adaptativo surge. § Considero ainda que a forma como praticamos a mudança é algo que continua sendo um desafio, e que somente através das artes seremos capazes de voltar a instaurar o regime do humano, já que às vezes até a ciência nos dá falsas tranquilidades.

DL

Brigitte, me interessa perceber como você entende a podridão, o processo de apodrecimento, do ponto de vista da ecologia queer. Quais são os agentes que atuam nesse processo?

BB

A podridão é sempre o espaço onde o inútil se transforma em outra coisa: é a possibilidade de deixarmos a pele na qual nos sentimos cômodas, permitir que sejamos **carcomidas** por algo para nos debilitar e deixar que outras coisas emerjam ou apareçam para instaurarmos uma metamorfose; é sempre necessário romper determinados vínculos: as cobras quando trocam de pele deixam-na pelo caminho, mas para que isso aconteça, algumas células devem receber o sinal de "é hora de morrer". § Deixar apodrecer ou conduzir a podridão é um ato criativo fundamental, que funciona também com as ideias, com a linguagem, com a arquitetura, com os sistemas em geral. E se **a podridão está vinculada a um ato de amor ou a um ato erótico**, então não é algo que nos leva à morte, mas sim ao renascimento: cada momento de mudança lança simultaneamente a possibilidade de renascer ou de desaparecer, o que é muito genuíno e definitivo, porque a podridão, a troca de pele, o sair do ovo, a semente voando pelos ares é o momento mais vulnerável de todos, mas também é o que concentra mais potência em termos de renascimento e expansão; nesse sentido a podridão faz parte de um processo de ressignificação constante da mudança. § Na Amazônia, o processo de mudança orgânica é tão rápido que obriga você a constantemente ressignificar inclusive a sua própria condição como ser vivo. Algo que, por exemplo, nas montanhas de Bogotá, a 2.600 metros de altitude, é um pouco mais lento, menos assustador. Por isso custou tanto e ainda custa ao Ocidente habitar as selvas tropicais úmidas, porque sempre a veem com olhos ameaçadores, porque tudo é excessivamente pululante, é vivo demais – e tanta vida assim nos assusta.

DL

É muito forte isso que você está falando. Venho observando a podridão como algo não binário, que está entre a vida e a morte, o que se relaciona com o que você fala da transmutação da matéria, que é tantas vezes vista como repugnante, mas que também é o que regenera, prolifera e permite outras vidas. Enquanto isso, aquilo que não apodrece, que não possui essa capacidade própria de transmutação, se torna lixo, como é o caso do plástico, por exemplo. Como você vê isso? A repugnância com a podridão é também uma repugnância com a morte: venho tentando refletir junto às pessoas na Rotten TV como seria possível mudar essa relação. Como podemos mudar a relação com a morte? É difícil reconhecer quando termina a vida e começa a morte, mas isso é algo que é também muito marcado numa vida humana.

BB

Fico encantada com todas essas imagens que você traz, sobretudo com as que rompem com dicotomias e condições binárias. Quando você sai para caminhar pelo mundo, se você não tem um mínimo de disposição para ser afetado – ou inclusive infectado – pelo mundo, você acaba se fechando e perdendo o mundo. Talvez seja aí que resida a falácia da construção de natureza que temos erguido nesses últimos anos, sobretudo quanto à conservação. "Manejo ambiental" é um conceito terrível porque consiste em deter o mundo: conservar os parques nacionais como redomas de cristal cheias de paraíso. Não quer dizer que não se tenha que cuidar da vida, mas cuidar da vida fechando-a numa redoma de cristal, independentemente do tamanho que seja, é contraditório. Na biologia, sempre tive um problema em sacrificar plantas ou animais para depois estudá-los no laboratório: se quero estudar a vida, qual o sentido de sacrificar uma ave ou um inseto, e logo em seguida, no microscópio, dizer: "Ah, a vida é isso!"? Há um problema importante aí. As ciências biológicas são ciências de interpretação das relações. É muito difícil não ficar envolvida. Por isso os agricultores normalmente são os melhores ecólogos, porque sempre estão na encruzilhada de ter que comer suas crias, aquilo que criaram, aquilo que cuidaram e que reproduziram. § Todos os processos ecológicos e os processos culturais foram construídos em grande medida na pré-digestão daquilo que depois incorporamos em nosso corpo ou em nossa cultura. Fazemos um exercício de construção ou de destruição das coisas que vamos integrar em nossos discursos, nossas ideias, nossos artefatos, ou em nosso corpo. Para poder comer trigo, é necessário fazer o pão e colocar um fungo que o amoleça, que o prepare para ser comido. É uma relação muito bonita e muito sensual. A levedura se expande imensamente e transforma a farinha, um meio inerte, em algo que, num determinado momento, matamos e comemos. É quase como a aranha que lança seus sucos gástricos para fora para amaciar a comida e depois volta para comê-la, o que pode parecer asqueroso, mas é o que nós fazemos com tudo. É muito difícil comer algo cru, sem um processo prévio de interpretação ou de transformação. Nesse processo, a identidade de tudo muda constantemente. A levedura existe nessa explosão de espuma e, junto

com o açúcar e a água, a farinha deixa de ser farinha porque se torna amido e tudo deixa de ser o que era para se tornar outra coisa. Culturalmente falando, me parece ser um efeito sempre embriagante, porque eu também me projeto sobre todas as coisas com as quais me relaciono no mundo. **Deixo um pouco da minha pele encravada no mundo** e depois reincorporo isso nos afetos. Nos dissolvemos um pouco todos os dias. § Quando entregamos nosso sangue aos mosquitos na selva, dizemos: "Mas por que eles têm que me picar? Qual é o propósito de haver mosquitos no mundo?". Ao passo que eu estou danificando o mundo em uma escala imperceptível para mim – pisoteando folhas secas, comprimindo o solo e mudando as condições do micromundo – os mosquitos simplesmente estão recebendo uma pequena compensação na forma de uma gota de sangue, e assim meu metabolismo alimenta a selva outra vez. Não há necessidade de morrer completamente para estar envolvida nessa relação de troca, não é uma troca simbólica ou hipotética, é algo vivo que acontece constantemente.

DL

Para mim é muito interessante que você tenha trazido a palavra "embriagante". Estou agora num processo de luto. Faz quase três meses que meu pai morreu de Covid-19. Ao mesmo tempo, faz muitos anos que me interesso pela morte, pelos ritos da morte, para sair dessa binariedade de vida e morte e agora também estou passando por um processo de morte própria. Mas quando você fala "embriagante", eu fico com essas perguntas difusas: por que existe morte? Onde começa? Onde termina? Por que as coisas apodrecem?

BB

Porque elas precisam se reorganizar constantemente; até na química e na física a noção de estabilidade nunca pode ser completa, porque se fosse assim o mundo seria imóvel. Então **é preciso um desequilíbrio** – que pode ser quântico, atômico, molecular – que precipite a queda, que precipite o encontro; **na biologia esse processo acaba sendo a putrefação; na ecologia, o distúrbio** – o fogo que arrasa um bosque ou uma inundação que renova. Não tem jeito de ter um equilíbrio planetário e ambiental. Isso abre um espaço complexo na conversa sobre a mudança climática, por exemplo, e a transformação do mundo. Quais são os limites da podridão para não fazer tudo colapsar e então acabarmos como o planeta Vênus, sem conseguirmos realizar processos biológicos? O que é certo é que a podridão é o motor das transformações, mas opera dentro de limites de possibilidade concretos e tênues, que fazem com que as coisas sejam ou uma ou outra. § No gênero, nos sentimos sempre muito instáveis, afortunadamente instáveis, porque o gênero é uma soma de atributos quase infinita, cheia de possibilidades e gestos e momentos de prazer e de dor; no decorrer da história, por uma garantia reprodutiva, nossas feminilidades e masculinidades tentaram ver a si mesmas simplificadas ao máximo, o que no entanto já não funciona mais, pois chegamos a um ponto em que estamos colapsando na simplicidade. § Então, eu digo que todos nós temos que nos tornar um pouco outros ou outras em termos de gênero; caso contrário, a afirmação machista, a afirmação autoritária do estável se torna algo imensamente perigoso e até letal, porque inibe a mudança, a criatividade, as possibilidades de ser. Não queremos um mundo congelado, queremos um mundo que se move, um mundo instável, mas não tão instável a ponto de fazê-lo colapsar, evidentemente.

ML

Na primeira conversa que tivemos com a Giuliana Furci, do Chile, ela nos disse que o apodrecimento começa depois do pico de reprodução, e que a partir daí, um ser começa a se degenerar e a apodrecer, e que o momento mais importante de uma árvore é quando ela cai, porque dali vão proliferar outros seres e outras vidas. Daniel e eu ficamos refletindo um pouco sobre essa diferença entre reprodução e proliferação, e como esses conceitos são distintos, mas também dialogam de alguma maneira com os ciclos de vida e morte.

BB

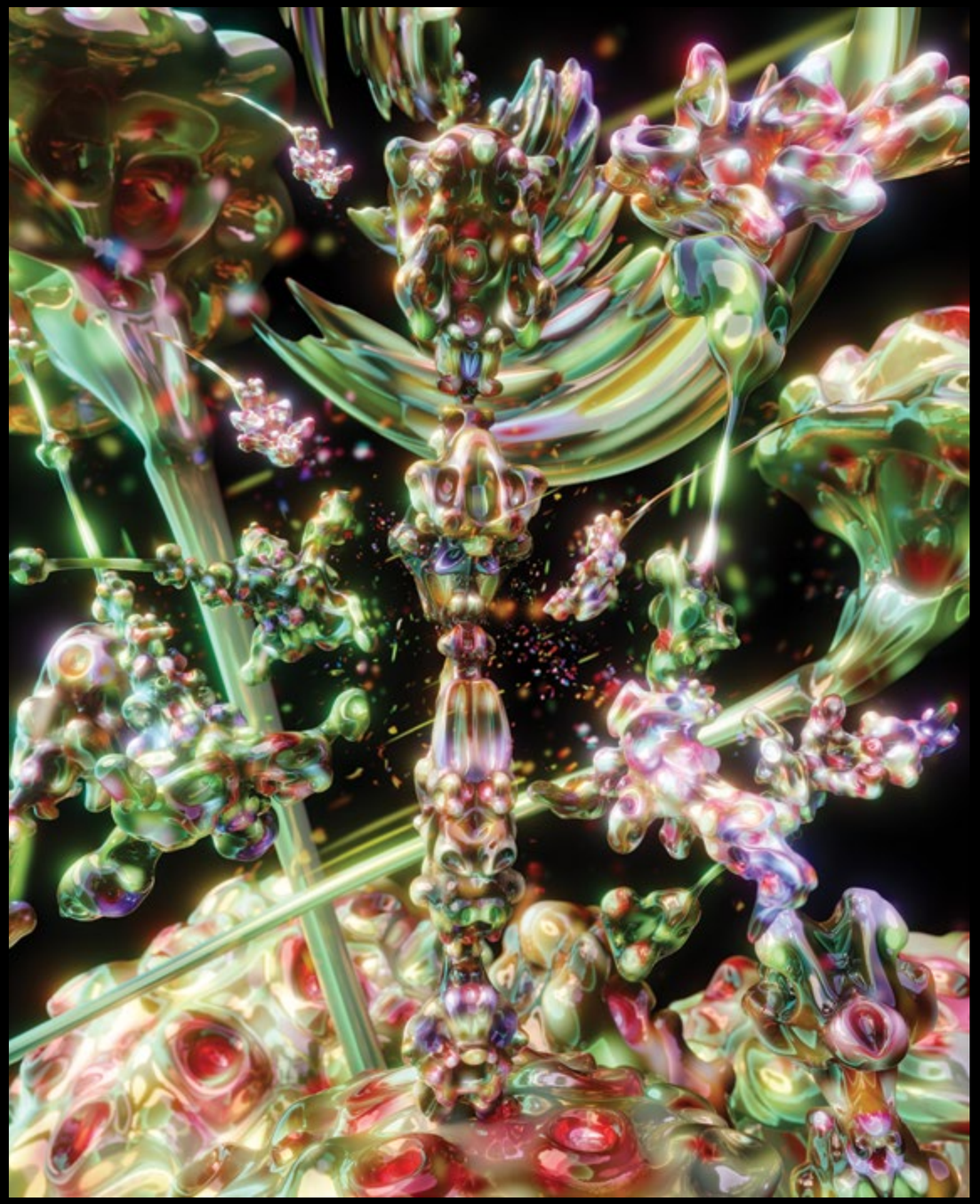
Gosto muito dessa analogia de que a árvore vai se entregando, deixando que os fungos, bactérias ou plantas se apropriem do seu corpo para, enfim, se transformar em solo e se reincorporar ao restante de um bosque. § Porque na cultura, em grande medida, isso significaria que nossa tarefa é conseguir nos entregar em termos de promover a vida, não apenas a biológica, mas a vida em todo seu esplendor de significados e interpretações: a vida simbólica. E por isso, nem todo mundo precisa se reproduzir biologicamente para fazer sentido – nem todas as mulheres têm que ter útero para serem consideradas mulheres, e vice-versa quanto ao masculino. § Penso que o que falta na educação contemporânea é voltar ao ponto em que as novas gerações entendam que essa relação tão maravilhosa com o biológico não é algo limitante ou que nos define, mas que nos nutre completamente; o fato de sermos seres vivos nos preenche de sentido e, portanto, sempre temos a possibilidade e a responsabilidade de cuidar da vida em todas as suas expressões, nos sentirmos vivas e então projetar vida no mundo simbólico e criativo. § Temos que experimentar [ser] um recife de coral, experimentar a vida no alto da copa de uma árvore com dezenas de epífitas e insetos. Isso é irredutível a algoritmos, e isso me deixa encantada. Poderemos representar ecossistemas, mas estarão igualmente repletos de acaso, igualmente repletos de incertezas, igualmente sujeitos ao colapso ou à explosão de novos seres vivos. Essas surpresas constantes são o que dá sentido à existência. § Eu não tenho crença [religiosa], então, para mim, encontrar uma árvore caída cheia de fungos representa uma descoberta única e maravilhosa, que faz com que a vida tenha todo seu esplendor naquele instante em que a árvore morre e o fungo aparece. Eu certamente gostaria que minha morte, tanto biológica quanto intelectual, fosse assim, igual a essa explosão.

DL

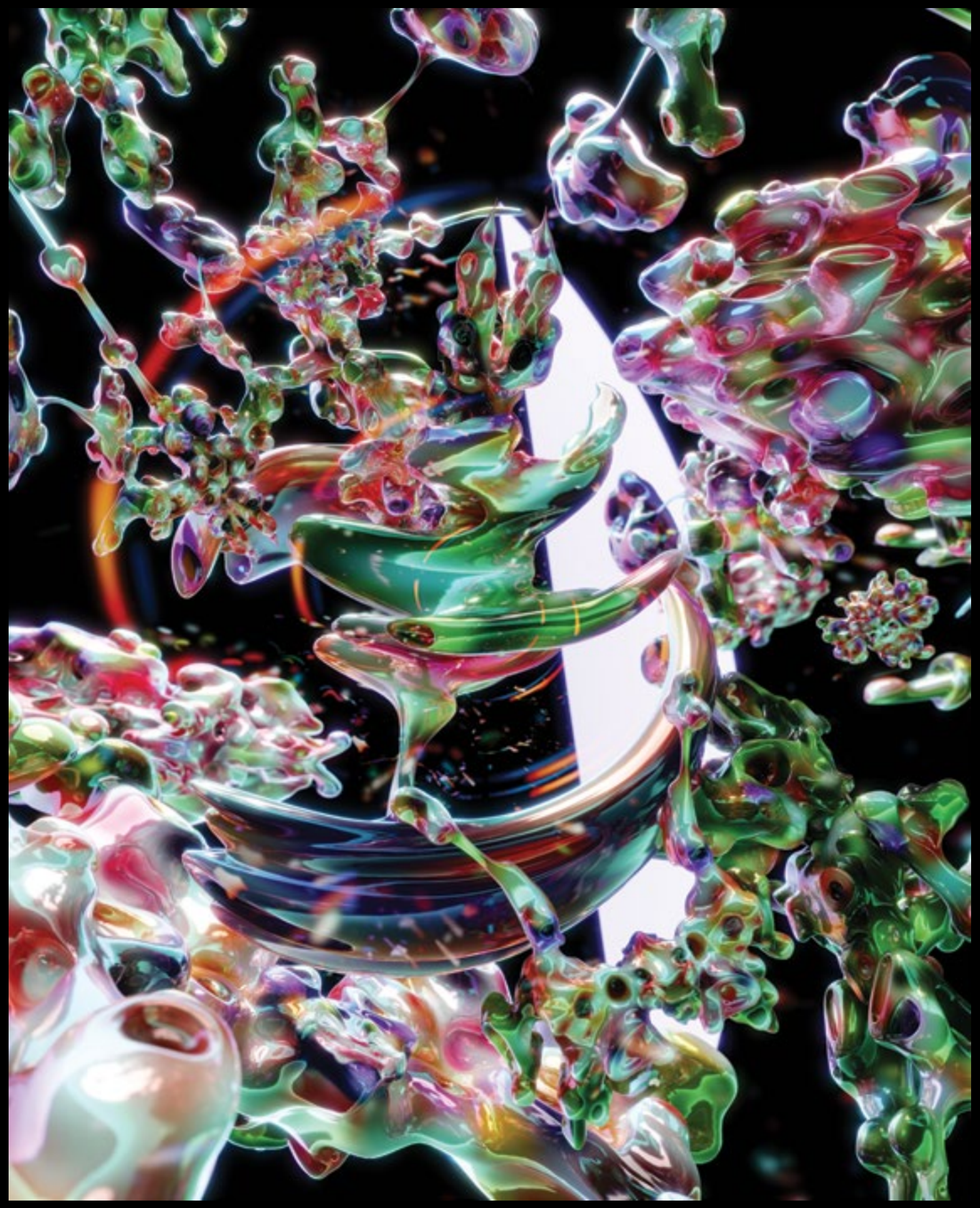
Tudo o que estamos falando tem, para mim, uma palavra em comum: energia – em todos os seus sentidos e acepções, no sentido da ciência, espiritual, científico e nos muitos termos que são sinônimos da palavra "energia" – como algo que sempre necessita de uma reorganização constante.

BB

Sempre nos disseram, pelo menos no Ocidente, que a energia é a luz, e a luz é a energia, e que a luz se transforma em matéria de uma maneira milagrosa; isso é óbvio e consegue explicar bem a fotossíntese, por exemplo. Como a luz é capturada numa folha e se transforma em açúcar, como uma banana é luz transformada em matéria, são processos atômicos ou quânticos absolutamente esplêndidos, nos quais aquilo que é uma onda se transforma em matéria física – já não mais em ondas, mas empacotadinha de outra maneira. E assim, com a podridão, a banana volta a iluminar, porque a banana volta a liberar sua energia; então somos simplesmente uma manifestação de luz que durante um tempo se converte em matéria para depois voltar a seguir seu caminho; e é muito bonito pensar que a luz se torce assim, que **a luz volta a ser queer**. ■



Gabriel Massan. *Memórias de nossos funerais: de Olinda ao Jardim da Saudade*, 2021. Still. Escultura digital e pintura digital.



Gabriel Massan. *Memórias de nossos funerais: de Olinda ao Jardim da Saudade*, 2021. Still. Escultura digital e pintura digital.

As conversas com Brigitte Baptiste e Giuliana Furci aconteceram respectivamente nos dias 16 e 19 de julho de 2021, por meio da plataforma ZOOM. Camila Marambio, curadora de pesquisa artística na Fundación Fungi, também participou da conversa com Giuliana Furci. O roteiro das duas entrevistas foi desenvolvido por Marilia Loureiro com Daniel Lie. As transcrições das discussões foram traduzidas do espanhol para o português por Daniel Lühmann e, em seguida, editadas por Ruli Moretti. O título do primeiro episódio é baseado numa observação que Marilia fez durante a conversa com Daniel, Camila e Giuliana. O título do segundo episódio é inspirado numa colocação feita pela própria Brigitte durante a conversa. § Dois artistas foram convidados para tecer diálogos visuais com essas duas conversas. Gabriel Massan reagiu a partir da sua leitura da conversa com Giuliana Furci e desenvolveu o vídeo *A dança de baixo* (Rio de Janeiro, 2022, escultura digital, pintura digital e animação) e a série de cinco imagens intitulada *Lembranças dos nossos enterros: de Olinda a Jardim da Saudade* (Rio de Janeiro, 2021, still, escultura digital e pintura digital) – imagens que acompanham a versão impressa da Rotten TV para *Nossa Voz*. **Os trechos específicos aos quais Gabriel respondeu aparecem destacados ao longo do texto**. O vídeo na íntegra pode ser acessado no site da Rotten TV. Paralelamente, Lino Arruda foi quem reagiu à conversa com Brigitte Baptiste e realizou duas ilustrações e um quadrinho – obras que podem ser acessadas no site da Rotten TV. **Mantivemos também os trechos aos quais Lino respondeu destacados ao longo do texto**. § A terceira conversa que integra a perna da América do Sul da Rotten TV é uma entrevista que o cineasta Takumã Kuikuro fez com os seus pais, Sagigua e Tapualo Kuikuro, a respeito das suas relações com a "terra preta", nome dado ao solo escuro e extraordinariamente fértil formado pela decomposição de detritos orgânicos que resultam da presença indígena por milhares de anos na região amazônica.

Sobre Rotten TV

Liderada por Daniel Lie, a Rotten TV é uma plataforma de pesquisa de transmissão on-line que estuda a ideia da podridão. O projeto reúne artistas e pensadores da Indonésia, América do Sul e Reino Unido. Este projeto é viabilizado por meio de uma parceria entre Jupiter Artland (Escócia), o Cemeti Institute for Arts and Society (Indonésia) e a Casa do Povo (Brasil) e é apoiado pelo fundo The British Council Digital Collaboration. Esta edição de *Nossa Voz* publica as contribuições desenvolvidas pela Casa do Povo: são duas conversas e uma intervenção visual. Para acessar a Rotten TV, aponte a câmera do seu celular para o código QR abaixo. ↪ rotten.tv

Brigitte Baptiste é cientista colombiana, mulher transgênero e ativista LGBTQI. Diretora do Instituto de Investigação de Recursos Biológicos Alexander von Humboldt e professora de ecologia na Universidade Javeriana, ambas na Colômbia. Sua contribuição para o estudo dos socioecossistemas aborda uma visão integrada entre natureza e sociedade, trazendo a consciência de que a diversidade cultural faz parte da diversidade da natureza.

Daniel Lie é artista indonésiane-brasileire transgênere. Nasceu em São Paulo e vive em Berlim. Em sua pesquisa, o olhar é voltado para tensões e tentativas de quebrar binariedades entre ciência e religião, ancestralidade e presente, morte e vida. Por meio de instalações, objetos e hibridização de linguagens de arte, utiliza as coisas como elas são e baseia o trabalho em conceitos relacionados à arte da performance – uma arte baseada no tempo, efemeridade e presença. É idealizador de Rotten TV, plataforma que reúne artistas e pesquisadores ao redor do tema do Podre.

Marilia Loureiro atua como curadora, programadora cultural e pesquisadora, interessada em processos coletivos e práticas transdisciplinares que desestabilizam os procedimentos habituais de relacionar-se com a arte e seu entorno. Dedica-se a iniciativas auto-organizadas tendo experiência como curadora em espaços como Lugar a Dudas, Casa Tomada, Capacete, Ateliê397, Pivô e a Casa do Povo, onde coordenou a programação entre 2017 e 2021. É cocuradora do projeto pedagógico SecueLA, organizado pelos espaços de arte Teor/éTica (Costa Rica), Lugar a Dudas (Colômbia) e Capacete (Brasil).

Gabriel Massan é artista digital. Nasceu no Brasil e vive na Alemanha. Pesquisa e desenvolve narrativas que trabalham a relação de dependência entre existências ficcionais e ambientes digitais, significando as representações de cor, identidade e tempo.

Giuliana Furci é fundadora e CEO da Fundación Fungi. Começou sua carreira em 1999 como micologista autodidata e hoje é uma das principais vozes na promoção e estudo do Reino Fungi no Chile, país que se tornou, sob sua liderança, o primeiro do mundo a incluir os fungos na legislação ambiental.

A pandemia sinalizou uma mudança de rota para a Casa do Povo. Enquanto muitos centros culturais tiveram que fechar suas portas, a Casa do Povo manteve-se aberta apenas para o Bom Retiro e passou a ativar práticas de articulação comunitária para reduzir os efeitos da Covid-19 na vizinhança. Conforme a Casa do Povo conhecia melhor o seu bairro, as infâncias passaram a se multiplicar no cotidiano.

Nas próximas páginas compartilhamos 5 propostas de atividades organizadas por Geovanna Santana, pedagoga e integrante da rede de voluntariado da Casa do Povo, a partir da sua experiência com esse pequeno público. As atividades podem ser feitas por crianças ou crianças com adultos usando as páginas do jornal como uma brincadeira que amplia as maneiras de ler *Nossa Voz*. As atividades aqui apresentadas são baseadas nas ações da Cestinha Aberta, uma proposta de educação alimentar para crianças do Bom Retiro feita por uma rede de pessoas que se aproximaram da Casa do Povo nos últimos dois anos.

Nossa Voz

ONDE ESTÃO AS CRIANÇAS?

por Geovanna Santana

Novos públicos

ou públicos novos. As crianças chegam até a Casa do Povo com os adultos. Escolhendo seus alimentos na Cesta Aberta,[1] brincando pelo prédio durante os encontros da Roda de Mulheres, treinando com os professores do Boxe Autônomo ou acompanhando suas *mamás* nos trabalhos da Cooperativa Emprendedoras Sin Fronteras (CESF), a presença das crianças e as relações que se estabelecem entre crianças-crianças, crianças-adultos, crianças-espaços, crianças-brincadeiras nem sempre se apresentam de forma dual, mas são atravessadas por hierarquias, produções, processos, desejos, ensinamentos e aprendizagens. Observar a altura e disposição dos objetos, atentar-se aos cuidados com a alimentação, garantir espaços seguros, divertidos e educativos para *les niñes*, cortar frutas para o lanche, regar plantas, contar histórias, brincar junto… Essas são práticas que passam a ser semeadas no cotidiano a partir da chegada desses novos habitantes. Perceber as infâncias implica reorganizar diariamente as formas de construir esse lugar.

1 As Cestas Abertas são ações de distribuição de alimentos e itens essenciais na Casa do Povo para famílias do Bom Retiro. Organizadas por uma rede de voluntários, as doações são dispostas na forma de uma feira livre, onde as próprias famílias escolhem os itens de que precisam no momento. Em outubro de 2021, ocorreu também a Cestinha Aberta, em que as crianças participaram de todo o processo de distribuição de alimentos, acompanhados de brincadeiras, oficinas sobre educação alimentar e visita ao prédio.

2 Em poucas palavras, as culturas infantis são formas de experienciar, conhecer, interagir, viver e criar no mundo de forma dialética. Para saber mais: Maria Carmen Silveira Barbosa, "Culturas infantis: contribuições e reflexões". *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 14, n. 43, pp. 645-667, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/1870>. Ver também *A invenção da infância*. Liliana Sulzbach. Brasil, 2000, 26 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h1WiZoQ6Sj8>.

3 Amanda Gracia e Bel Campos, "Unicef: 72% das famílias mais vulneráveis têm crianças que pularam refeições". *CNN Brasil*. 16/12/2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/unicef-72-das-familias-mais-vulneraveis-tem-criancas-que-pularam-refeicoes/>.

4 Insegurança alimentar acontece quando alguém ou um grupo não possui acesso à alimentação regular ou permanente, seja por questões econômicas, sociais, políticas etc. Para saber mais sobre a questão no Brasil e no cenário da Covid-19 acesse o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19, no Brasil. Disponível em: <http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Insegurança_alimentar.pdf>.

Educação alimentar

A brincadeira é mais uma das ferramentas que as crianças carregam em suas subjetividades e que utilizamos ao longo de toda a vida, nos auxiliando na percepção e interação com o mundo e também produzindo leituras de um mundo próprio – é o que chamamos de **culturas infantis**.[2] É no *faz de conta*, por exemplo, que as crianças encenam as situações da vida-vivida ou prestes a se viver. Dessa forma, conhecer, explorar, criar e brincar com alimentação significa considerar as relações das crianças, seus desejos, interesses e saberes de forma educativa, a respeito de algo que nos permeia todos os dias – ou, ao menos, deveria.

Mas o que a alimentação tem a ver com brincadeira? Cabe lembrar que cerca de 72% das crianças mais pobres[3] não possuem acesso a refeições no Brasil. Para além das porcentagens, sabemos que a insegurança alimentar[4] e suas problemáticas estão localizadas em questões sociais, raciais e políticas, limitando a vida e o desenvolvimento de milhares de crianças.

Na educação formal e não formal, costumamos falar que *ninguém aprende com fome.* Antes de qualquer ação educativa, seja na escola, seja em outros espaços, alimentamos nossas crianças e, com isso, aprendemos também que com a fome não se brinca.

A educação alimentar pode ser entendida enquanto uma série de ações contínuas e interseccionais, que atravessam desde as políticas públicas na garantia do acesso à alimentação de qualidade até as práticas brincantes, que descobrem e criam saberes *sobre* e *com* as infâncias e seus alimentos.

Vai começar... a brincadeira... DA COMIDA!

- Comer é bom demais! Melhor que comer só comer de novo!
- Dizem por aí que a fome é o melhor tempero que existe.
- Falam também que feitiço de barriga dura muitoOoOoO e cria l o m b r i g a.
- Frutas, legumes, suco e também um pouquinho de doce!
- Mas você, aí do outro lado, sabe como os alimentos chegam até a gente?
- Essa comida aí que você come, vem de quê? Vai pra onde?
- Carro? Caminhão? Metrô?
- E como para na feira? No mercado? Na barriga?

Nestas páginas
você encontra algumas pistas sobre *como os alimentos chegam até nosso prato* e *o que podemos criar a partir deles.*

Foto Giuli Romano

5 Para saber sobre formas não capitalistas de agricultura: Série Agricultura Tradicional Guarani. FUNAI, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KOUMwyAyJz4&list=PL_wMCxYPtlNN6QI14GOvPdokGDXkJMG5_>.

Para chegar ao nosso prato (e depois sair!) os alimentos que comemos geralmente[5] passam por pelo menos seis etapas circulares:

Etapas Circulares

1 Cultivo

Legumes, verduras e grãos precisam ser plantados e cultivados antes de vir para o prato. Leva muita água e sol, tempo e trabalho para que os alimentos possam ser colhidos!

2 Processamento

Os alimentos colhidos (como, por exemplo, uma banana!) podem ser vendidos de forma natural (in natura) ou transformados em outros (doce de banana, biomassa de banana etc).

3 Transporte

Para chegar até o mercado ou feira, os alimentos precisam ser transportados. Carro, caminhão, avião, navio e até bicicleta são alguns dos transportes que podem ser usados no caminho até o…

4 Comércio

É nessa etapa que temos contato com os alimentos nos mercados, sacolões, banquinhas e feiras. Na maioria dos casos dentro da cidade, trocamos comida por dinheiro e dinheiro por comida. Mas você já pensou se essa etapa fosse diferente? Como seria?!

5 Consumo

Aqui é a parte onde nossa barriga fica feliz! Para consumir o alimento (seja uma banana, seja uma batata) é preciso higienizar, preparar e, finalmente, comer!

6 Descarte

Existem muitas formas possíveis de descartar seu alimento: composteira, lixo comum ou até mesmo aproveitando partes que seriam jogadas fora!

Desenhos por
Erico Amorim de Souza Nunes, de 10 anos, e Angelina Donadel Maciel, de 6 anos, para esta edição de *Nossa Voz*.

BRINCANDO COM COMIDA

Brincadeira é coisa séria! Você sabia que dá pra brincar com comida? Aqui você encontra algumas ideias de brincadeiras com qualquer alimento que tiver na sua casa.

Carimbo de alimentos

Com folhas, partes de frutas e legumes também dá pra fazer um carimbo.

Como brincar
Peça auxílio de uma pessoa adulta para criar formas, desenhos e recortes nos alimentos com uma faca ou estilete. Depois você pode carimbar com as tintas de comida!

Vai começar a brincadeira da comida

Essa é uma brincadeira de mão que podemos fazer em dupla ou com um grupão! Aqui vai a letra:

Vai começar…(palmas!)
a brincadeira… (palmas!)
da comida… (palmas!)
brasileira (palmas!)
Só bate palma…(palmas!)
se for comida…(palmas!)
Se não for…(palmas!)
fica quietinho! (shiuuuu!)

Como brincar
Uma pessoa vai ser responsável por falar palavras de forma aleatória e o restante só pode bater palma se for comida, ok? Quem errar, sai da brincadeira ou paga um mico!

Fui à feira e comprei

Em roda, cada pessoa falará um alimento, continuando e completando a frase! Quando acabar a roda, ela volta ao contrário!

Como brincar
Pessoa 1: —fui à feira e comprei banana. Pessoa 2: —fui à feira e comprei banana e feijão. Pessoa 3: —fui à feira e comprei banana, feijão e tomate. E assim vai, até alguém errar ou acabar a roda.

Tinta de alimentos

Sabe aquele restinho de beterraba ou cenoura ralada que iria para o lixo? Ou aquele pozinho de açafrão ou a borra do café? Os alimentos também podem virar tintas! E o melhor de tudo é que dá pra pintar&comer. Olha só a receita:

- 1 colher de polvilho doce ou azedo, farinha de trigo ou amido de milho para dar consistência
- 1 copo de restos de legume/fruta de uma mesma cor (você pode misturar, por exemplo, vários restos de folhas verdes)
- ½ copo de água

Como brincar
Bata tudo no liquidificador e faça testes. Para uma tinta mais líquida, adicione + água! Para tons mais intensos, peça uma ajuda para ferver o alimento com a água antes de bater no liquidificador.

DE VOLTA AO TERRAÇO:

1 Criada em 1949, a Escola Scholem Aleichem se mudou para a Casa do Povo em 1953. Aqui, ela cresceu e se tornou o GIBSA, um conhecido colégio em São Paulo marcado pela cultura judaica e as vanguardas pedagógicas.

Quando o Boxe Autônomo chegou à Casa do Povo, em 2018, eu não imaginava que estaria frequentando o mesmo espaço em que meu pai havia trabalhado há mais de quarenta anos. Nosso projeto social havia nascido três anos antes e, naquele momento, estávamos fazendo treinos com as crianças e adolescentes na Favela do Moinho, que fica a apenas um quilômetro e meio da Casa do Povo. O espaço dos treinos estava precário e jovens talentos precisavam de melhor estrutura para praticar boxe, por isso levar o Boxe Autônomo para a Casa do Povo foi tão importante.

Fizemos treinos no segundo e no terceiro andar, mas foi no terraço que o Boxe melhor se instalou e a molecada do Moinho passou a treinar com praticantes de boxe de diferentes realidades. Saber que aquele espaço era usado nas práticas esportivas do Scholem Aleichem era algo que nos deixava fortalecido, como se estivéssemos reativando uma função daquele espaço que estava latente há décadas. Para mim, saber que meu pai havia frequentado aquele lugar era algo mágico, o que trouxe uma identificação automática com o espaço.

Meu pai voltou ao prédio do antigo Ginásio Israelita Scholem Aleichem (conhecido como Scholem ou GIBSA)[1] em 2019, no mês de agosto, quando se costuma celebrar o aniversário da Casa do Povo. Para a ocasião, nós do Boxe Autônomo montamos nosso ringue no segundo andar e organizamos *sparrings*. Ele ficou emocionado ao rever seu antigo aluno, Breno Altman, que se tornou um importante jornalista e intelectual. O texto que segue é um relato em primeira pessoa escrito por mim, com base em informações trazidas por meu pai, o professor Marcos Macedo, que trabalhou no Scholem em data incerta, entre 1972 e 1978.

Fotos Arquivo pessoal de Marcos Macedo. Anos 1970.

Quando entrei na Educação Física da Universidade de São Paulo, eu já estava envolvido com várias modalidades esportivas. Fazia corrida de rua, ciclismo, lutava boxe, além de ser professor de fanfarra e salva-vidas da prefeitura de São Paulo. Eu estava no segundo ou terceiro ano quando o Zé Carlos, um veterano que participou algumas vezes da São Silvestre comigo, me chamou para trabalhar num colégio judaico no qual ele trabalhava no Bom Retiro, o Scholem.

O Zé Carlos me deu o toque que, mesmo sem estar formado, eles se interessariam por mim porque minha atuação era bem ampla: eu mexia com esporte de bola, música, ciclismo, lutas, xadrez, natação... Apesar de ser uma escola de judeus, eles eram diferenciados, era uma escola laica, não ensinavam religião na escola. A estrutura do Scholem era incrível, tinham pedagogos, psicólogos, professores fantásticos. Pra mim, que vinha da escola pública, foi um grande aprendizado. Eles tinham uma proposta de ensino totalmente diferente da maioria das escolas de São Paulo naquela época, no meio dos anos 1970.

Passei três anos por lá e aprendi demais, tive contato com muita gente boa naquele ambiente. Eles tinham uma linha pedagógica muito avançada, progressista mesmo. O aluno tinha muita autonomia, pois eles queriam que as crianças, os adolescentes criassem consciência, sabe? Se o aluno quisesse sair de uma aula, não era proibido. Me lembro que a gente discutia com o aluno sobre a nota antes de passar as médias, tinha toda uma argumentação entre professor e aluno. Eles eram contra o autoritarismo, estimulavam o senso crítico dos estudantes. A molecada era realmente muito inteligente.

Como professor de esportes, fui muito bem recepcionado no Scholem. Eles tinham uma cultura esportiva muito forte, as famílias

“A gente participava da Macabíadas, que era uma competição esportiva com as nove escolas judaicas de São Paulo na época. Cara, aquilo era uma loucura!”

por Breno Macedo a partir de um relato de Marcos Macedo

OS MACEDO E A CASA DO POVO

incentivavam a prática, era alto o número de alunos e alunas que treinavam e até participavam de competições. As aulas e os treinos eram no terraço, lá no último andar, onde vocês fazem o Boxe Autônomo. Inclusive acho muito interessante isso, voltar a ter esporte lá naquele espaço. Havia aulas de atletismo, futebol, basquete, xadrez, ginástica, tênis de mesa. A gente também fazia algumas aulas de modalidades não convencionais, como a brasileiríssima peteca, ou quando um grupo começou a praticar boxe comigo. Isso foi muito legal, consegui passar um pouco da cultura do boxe para alguns alunos, que até seguiram praticando posteriormente.

Um dos melhores alunos de boxe que eu tive lá foi o Breno Altman, que é neto do Waldemar Zumbano. O Breno já tinha destaque no arremesso de peso e no xadrez, já era um atleta, um garoto muito forte. Pelo sobrenome eu percebi que ele era neto do Waldemar Zumbano, uma lenda do boxe brasileiro. O Waldemar tinha sido boxeador na juventude, foi perseguido pela ditadura do Vargas porque era comunista, depois virou um baita treinador. Eu já conhecia o Seu Waldemar da época que ele dava aula no Mackenzie, eu ia lá de vez em quando conversar com ele sobre boxe. O Waldemar era pai da Raquel, que era casada com o Max Altman e mãe do Breno e de mais dois filhos.

Esse casal era muito gente boa, foi uma experiência incrível conviver com eles, que tinham uma liderança ali naquele meio. O Max Altman era um cara que gostava muito de esportes, por isso eu e o Zé Carlos, o outro professor de educação física, nos aproximamos muito dele. Ele era comunista também, um cara muito legal, muito correto. Acho que a maioria dos pais de alunos do Scholem eram comunistas, socialistas, pessoal de esquerda. Eles trabalhavam com publicidade, com jornalismo, professores de faculdade, havia um movimento intelectual muito grande.

Mas então eu comecei a fazer uns treinos de boxe com o Breno Altman e foi aparecendo uma molecada interessada. Lá, os alunos podiam praticar muitas modalidades diferentes, o que era muito legal pra formação deles. Me lembro de uma história: o Breno jogava xadrez e, entre uma jogada e outra, ia arremessar peso no Hebraica. Ele era muito bom! Tinham várias modalidades, as competições eram acirradas. Aquilo deixava os alunos muito unidos, sabe? Com um sentimento de identidade, de orgulho da escola. Nosso principal adversário sempre era o Renascença, que além de ser forte nos esportes tinha uma pedagogia completamente diferente da do Scholem. Era um pessoal mais capitalista, com outra mentalidade, então era uma rivalidade natural. O Scholem ganhou a Macabíadas várias vezes quando eu estava por lá, era o ápice pra gente!

Outra experiência muito bacana que tive no Scholem foi a questão da pluralidade, da diversidade dos saberes dentro de uma escola. Eles faziam aula de teatro, de música, havia um estímulo para as artes, para a literatura. Foi nesse contexto que comecei a dar aulas de fanfarra lá, o que foi muito legal. Uma turma se identificou e formamos um grupo que tocava bem redondinho. Eu levava meus alunos da escola pública para ensaiar no Scholem, era um intercâmbio muito legal, uma troca de realidades. Isso tudo deixava os alunos com uma formação mais humana, entende? Chegamos até a fazer um desfile no Parque da Luz, uma vez, que fica ali do lado da rua Três Rios, foi muito interessante.

No final dos ensaios da fanfarra, o pessoal sempre fazia uma batucada, então eu tive a ideia de criar uma escolinha de samba com os alunos. Foi uma experiência muito legal, algo um tanto improvável, uma escola de samba de estudantes judeus... Me lembro que um certo dia, mais de dez anos depois de ter saído do Scholem, encontrei um ex-aluno que me contou que organizou uma bateria de samba no kibutz em Israel. Disse que nunca esqueceu as aulas de samba no Scholem, que levou aquilo com ele pra Israel. Achei fantástico.

Ali eu conheci muita gente legal, pessoas que vinham de uma cultura totalmente diferente da minha. Me lembro do avô de um aluno que tinha os números do campo de concentração tatuados no braço. Ele tinha escapado da morte, mas tinha perdido pai, mãe, todo mundo. Era um povo que escapou dos horrores do holocausto e que tinha conseguido prosperar no Brasil. Porém, entre a própria comunidade judaica, o Scholem era uma dissidência, eles eram os do contra. Essa coisa de não ter ensino de religião, de não obrigar as crianças a ir na sinagoga, fazia com que eles fossem malvistos pela comunidade mais tradicional. Mas eles eram muito bons no que faziam, foram muitos anos de funcionamento do GIBSA.

Foram anos ótimos pra mim, de muita aprendizagem, um intercâmbio cultural riquíssimo. Eu adorava frequentar o Bom Retiro, até hoje tenho saudade da bureka da Casa Búlgara. Tenho ótimas lembranças daquela época, das experiências no Scholem, das pessoas com quem convivi. Fico feliz de saber que de alguma maneira o esporte permanece vivo naquele prédio, pois foi isso que me levou até lá e me trouxe tudo isso.■

Breno Macedo, 33 anos, treinador do Boxe Autônomo, mestre em História Social do Boxe pela Universidade de São Paulo. O professor Marcos Macedo tem hoje 75 anos e vive em Rio Claro-SP, onde fundou uma academia de boxe e um projeto social. Seu filho mais velho, Leonardo Macedo, é treinador da seleção brasileira de boxe e dirigiu o time brasileiro nas Olimpíadas de Tóquio 2020. Uma das boxeadoras brasileiras em Tóquio foi descoberta pelo professor Marcos Macedo em seu projeto social na periferia de Rio Claro, a peso-pena Jucielen Cerqueira Romeu.

O Boxe Autônomo, projeto que busca utilizar o boxe como uma ferramenta política e de transformação social, começou em 2015 com a proposta de transmitir valores e reforçar vínculos através do esporte. Desde 2018 os treinos acontecem na Casa do Povo, onde crianças e adolescentes da Favela do Moinho são atendidas pelo projeto e treinam com pessoas de diferentes realidades, proporcionando uma “ruptura nas bolhas” em que cada nicho social vive. Por mais que pareça insignificante, um moleque de favela treinar boxe junto a uma mulher trans é algo pouco provável fora de uma academia popular. Afinal, se o esporte é um direito social, que haja esporte para todos, todas e todes! As ações e os princípios do Boxe Autônomo são semelhantes às academias populares – as *palestre popolari*, em italiano –, surgidas na Itália como oposição ao pensamento fascista.

PALESTRA POPOLARE:

Uma ampla e comprida rampa para automóveis leva até o subsolo de um prédio antigo, onde outrora fora o estacionamento do edifício. Ao caminhar pela curva da rampa, logo surge um grafite na parede surrada. É um desenho tosco, simples, que mostra dois boxeadores trocando socos e os escritos “Quadraro Boxe”. Um dos boxeadores retratados usa um pano no rosto, algo impensável para uma luta de boxe, mas muito usado em manifestações populares. A rampa continua; à medida que ela vai descendo, um som de pancadas e gritos começa a se fazer ouvir cada vez mais forte. É o som típico de um ginásio de boxe, onde diversos barulhos independentes se unem para formar uma sonoridade única: golpes no saco de pancada, gemidos dos boxeadores quando desferem seus socos, o ranger das ferragens que suportam a aparelhagem, os gritos dados pelo treinador para incentivar e orientar aquele grupo de cerca de trinta pessoas que treina exaustivamente. De repente, o sonido de um apito surge e toda a sinfonia barulhenta se esvai. Fim de *round*. Intervalo. Apenas o ranger das ferragens continua, causado pelos sacos que ainda balançam devido a inércia que age sobre eles. Um minuto depois, o apito se faz ouvir novamente e a orquestra recomeça, aos gritos de “*Dai, dai dai*! *Andiamo*! *Andiamo*” do jovem treinador, um rapaz moreno de cabeça raspada e bigode fino sobre a boca.

À primeira vista trata-se apenas de uma rústica academia de boxe, algo tão comum em Nova Iorque, Buenos Aires, Londres ou São Paulo. Mas alguns detalhes demonstram não se tratar de uma academia comum. Numa parede, um grafite de Che Guevara olhando o horizonte com sua famosa frase “Hasta la victoria siempre”. Em outra, quem está pintado é Emiliano Zapata, lendário revolucionário mexicano. Uma pixação na parede imunda perto do ringue diz “Antifa Boxe”, referência ao Antifascismo. Outro escrito no muro diz “NO TAV”, uma negação ao Treno de Alta Velocità, o trem bala, advento da alta tecnologia do primeiro mundo que é questionado e combatido por destruir o meio ambiente

AMOR AO BOXE, ÓDIO AO FASCISMO

por Breno Macedo e Raphael Piva
Fotos por Camila Svenson

por onde ele passa. Uma foto de Muhammad Ali ilustra um pôster com os dizeres “FIGHT AGAINST RACISM” [Lute contra o racismo]. Aquela não é uma academia de boxe comum. Aquela é uma Palestra Popolare, um ginásio de boxe carregado de ideologia, luta política e movimento social. Não é Nova Iorque, Londres nem São Paulo. É Roma, e o bairro é Quadraro, periferia da histórica capital italiana.

Quarto país a conquistar mais medalhas de boxe na história das Olimpíadas, a Itália possui uma forte tradição no pugilismo, como boa parte dos países europeus. Como comparação, a Itália possui 48 medalhas olímpicas de boxe, enquanto o Brasil, apenas oito. O primeiro boxeador italiano de sucesso global foi Primo Carnera, que conquistou o título mundial dos pesos pesados em 1931. O gigante de 1,97 metro de altura, algo raríssimo para a década de 1930, fez muito sucesso também nos Estados Unidos, onde travou batalhas épicas com Joe Louis e Max Baer, ídolos norte-americanos.

Apesar da grande popularidade do boxe em toda a península itálica, durante muito tempo esse esporte esteve atrelado a ideais fascistas, afastando os simpatizantes de orientação política de esquerda dos ginásios. “Nós que somos de esquerda evitávamos ir às academias de boxe porque eram infestadas de gente nacionalista, racista, xenófoba, homofóbica”, diz Lorenzo Catalano, mentor de uma das principais palestras popolares de Roma, em seu depoimento sobre o envolvimento entre política e boxe na Itália. Valores como virilidade, honra, supremacia racial, machismo e xenofobia, alimentados pelos fascistas, eram cultivados entre alguns praticantes de boxe, reforçando assim a imagem de um “esporte de fáscio”. Porém, mesmo sendo taxado pelos anarquistas, socialistas e comunistas como uma prática aliada ao fascismo, o boxe atraía pessoas que não se identificavam com as ideias propagadas pelo regime de Benito Mussolini. Buscando praticar pugilismo sem frequentar ambientes dominados por nazifascistas, os esquerdistas italianos fundaram suas próprias academias: as Palestre Popolari (no plural) ou Pal Pop.

Um fator que colaborou para o nascimento das academias populares foi a existência de diversos centros sociais autogeridos espalhados pela Itália. O surgimento desses primeiros centros sociais, durante a década de 1970, relacionava-se diretamente às transformações e à busca por novas estratégias políticas entre a militância de esquerda e a classe operária italiana. A vida comunitária, através dos conselhos de bairros, passava a ser compreendida cada vez mais em seu papel político. Dessa maneira, muitos imóveis e terrenos em desuso foram ocupados e transformados em espaços comuns de convivência que comportavam uma série de atividades, como escolas e bibliotecas, que visavam suprir serviços sociais inexistentes.

As *palestre popolari* começaram a surgir nos anos 1990 e deixavam bem claras suas posições políticas, entoando temas antifascista, antirracista e anticapitalista. Inicialmente, a proposta era oferecer a prática de boxe e outras modalidades esportivas para a população, seguindo a ideia de “esporte social”. A forma como o esporte foi tratado pelo regime socialista em Cuba serve de modelo para as academias populares, já que buscam utilizar o esporte e a atividade física como instrumento de melhoria da qualidade de vida da população em geral, promovendo também a sociabilidade. Dessa maneira, além da busca de um local apropriado para praticar esportes onde não houvesse relações com ideais fascistas, as academias populares também buscavam uma alternativa à mercantilização da prática esportiva. A Palestra Popolare San Lorenzo, em Roma, foi uma das primeiras do país, tendo sido fundada em 1997. A academia ocupou um espaço municipal que se encontrava abandonado no centro de Roma, próximo à estação central, para um ano depois conseguir um contrato de usufruto do local, regularizando a situação com a municipalidade.

Inicialmente, a Palestra Popolare San Lorenzo oferecia treinamentos de boxe apenas objetivando o condicionamento físico dos seus alunos, a melhoria na qualidade de vida, o “esporte social” ou “esporte de participação”. Porém, não demorou muito tempo para que alguns dos amantes da “nobre arte” quisessem se arriscar em competições oficiais, e a San Lorenzo foi a primeira Pal Pop a participar de torneios federados, trabalhando assim com o “esporte de rendimento”. Pouco a pouco o número de competidores foi crescendo, assim como nas outras academias populares que vieram posteriormente à San Lorenzo, e hoje é grande o número de competidores de boxe que treinam em academias populares. Em 2018, o treinador Emanuele Agati, da Palestra Popolare Quarticciolo, foi convocado para fazer parte da seleção nacional italiana, mostrando que as academias engajadas também fazem esporte em alto nível.

Lorenzo Catalano é o fundador da Revolution Palestra Popolare, academia que fica no famoso bairro romano Cinecittà. Lorenzo começou a praticar boxe no início dos anos 2000 na San Lorenzo por um motivo curioso. Morador de uma ocupação habitacional vizinha à *palestra*, onde não havia energia elétrica, Catalano se matriculou no curso de boxe para poder usar os vestiários. Adoecido com uma severa gripe em pleno inverno europeu, Lorenzo foi atraído para a academia pelos chuveiros quentes, luxo que não tinha em sua própria habitação. Começou a praticar boxe e foi fisgado pelo esporte, já que pouco tempo depois estava disputando campeonatos oficiais representando a Pal Pop. Trabalhando como pizzaiolo no restaurante popular do Centro Social Corto Circuito e professor de boxe na Pal Pop do mesmo centro social, Lorenzo viu a possibilidade de fundar sua própria Pal Pop em um antigo mercado do bairro que tinha pegado fogo. O amplo prédio ficara abandonado por mais de vinte anos, em meio a um bairro pobre, e Catalano visualizou a possibilidade de transformar aquele espaço obsoleto em uma academia popular. Com a ajuda de alguns amigos, Lorenzo derrubou os tijolos que lacravam as paredes e começou um demorado e trabalhoso processo de transformação e ressignificação daquele espaço, sem autorização legal de nenhum órgão público ou privado. Uma ocupação, como é tão comum nas academias populares e nos centros sociais italianos. Depois de dois anos de reformas, trabalho e investimento, aquele espaço abandonado e degradado se transformou em uma ampla academia chamada Revolution, onde pessoas praticam boxe, jiu-jitsu, balé clássico, dança contemporânea, yoga, pilates, entre outras atividades. A estrutura física da Revolution impressiona, destoando do aspecto simplista de outras academias populares. O lugar se assemelha a uma luxuosa academia particular, com aparelhagem nova, vestiários limpos e treinamento de alto nível. “Meu objetivo é fazer da Revolution Palestra Popolare também um espaço de esporte de alto rendimento, de excelência esportiva, e não apenas de esporte social. Mas ainda somos uma Palestra Popolare. Não há discriminação econômica e todos são bem-vindos: imigrantes, refugiados, negros, mulheres, ciganos, judeus, árabes, gays, crianças, velhos. Só não aceitamos os fascistas.”

Somente em Roma existem mais de vinte academias populares, tais como Quarticciolo, Revolution, Valerio Verbano, Forte Prenestino, Acrobax. Existem academias populares espalhadas por todo o país, em cidades como Milão, Gênova, Perugia, Bolonha, Turim, Palermo, Nápoles... É realmente algo que não se limita à capital italiana, mas está presente em muitas cidades em todas as regiões do país, da Sicília à Lombardia. Nas academias populares são cobradas mensalidades a preços módicos, como 20 ou 30 euros, enquanto em academias particulares a faixa de preço é o dobro disso. É comum que quem não pode pagar treine gratuitamente, reforçando a marca de um espaço para todos. As modalidades oferecidas são em sua maioria esportes de combate: boxe, muay thai, brazilian jiu-jitsu, kick boxing, capoeira. Mas tantas outras atividades são praticadas nas palestras, tais como danças, yoga, pilates, treinamento funcional e atividades para crianças.

Pela forma como as academias populares trabalham, o esporte torna-se um importante aliado na luta contra o fascismo, a intolerância, o racismo, a xenofobia e a favor da diversidade. ■

*Este texto, escrito em 2015 e publicado na página do Ludens (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas), foi atualizado e corrigido em janeiro de 2022.

Breno Macedo é mestre em História Social do Boxe pela Universidade de São Paulo. Ex-pugilista, é treinador do Boxe Autônomo e da MM Boxe Rio Claro. Raphael Piva, mestre em Antropologia do Esporte pela Universidade de São Paulo, é educador físico, treinador do Boxe Autônomo.

Nossa Voz

Editorial

Esta edição brota de uma ideia relativamente simples: e se fosse possível substituir o ritmo que determina nossas vidas – nascer, crescer, reproduzir-se e morrer – por outras dinâmicas, menos lineares e capazes de nos levar a outros estados – compor, metabolizar, absorver, proliferar, apodrecer, decompor, recompor? Precisaríamos então aprender com outras formas de existência, como os fungos, por exemplo: leveduras, bolores, mofos, musgos, líquens, dos micro-organismos aos cogumelos. Para esses seres, a vida e a morte tornam-se borradas; a decomposição não é um fim, mas antes uma regeneração. É nesse sentido que, ao adotar novas palavras e aprender com o outro, pensamos ser possível o surgimento de novas maneiras de pensar a vida e de agir.

Foi assim que a noção de proliferação passou a atravessar esta edição. Surgiu em simbiose com o trabalho que Daniel Lie tem realizado junto à Casa do Povo. Das “Pedagogias do Podre”, publicadas no último número do jornal, em colaboração com Jonas Van, às entrevistas para Rotten TV [TV Podre]. Nelas, ouvimos Brigitte Baptiste celebrar a transformação descontrolada da vida e o transbordamento da diversidade das espécies; e Giuliana Furci decompor a binariedade entre vida e morte, dentro e fora, individual e coletivo.

Nas páginas desta edição, notamos que o movimento de recomposição que caracteriza a vida dos fungos é também aquele que insufla a energia do Carnaval – o ritual de todas as inversões – logo após a pandemia de 1919, tal como Ana Raylander Mártis dos Anjos descreve em “Sete e um palmos”. Naquele ano estranhamente próximo, segundo a autora, os mortos pela Gripe Espanhola retornaram à vida para um último desfile ao lado daqueles que sobreviveram. Os vivos, soterrados pelas serpentinas e pelos confetes, observam então a estranha beleza do movimento dos corpos em decomposição avançada que vão se dispersando pelas ruas do Rio de Janeiro e anunciando outros tempos. É na medida desse tempo não linear que outras matérias da edição ecoam: o conto afrofuturista de Lu Ain-Zaila, com as suas senhas e segredos que protegem uma revolução que atravessará gerações; a nova prática arquivística proposta por Jean Camoleze para documentar a produção coletiva dos movimentos sociais; e, ainda, a arqueologia do futuro que Maíra Dietrich desenha em uma língua a ser inventada, o XSperantIU – língua esta que veio contaminar a capa de *Nossa Voz,* que agora também passa a se chamar *Nossia Vo*प्र्र̂co. Essas relações entre os textos surgem independentemente de nós, editores; são correspondências subterrâneas, tal como se comunicam os fungos, que nos escapam e tecem sentidos próprios. São sentidos que reunimos *a posteriori* neste editorial, propositalmente deixado para as páginas finais.

Quando se fala em tempo, história e memória, a imagem icônica que muitas vezes surge é a famosa pintura de Paul Klee, “Angelus Novus” (1920), que Walter Benjamin chama de “anjo da história”. Benjamin a descreve como um pássaro assustado que olha para as ruínas do passado, enquanto, levado pelo vento do progresso, voa em direção ao futuro virado de costas. Nas páginas de *Nossa Voz*, surge em marca d’água outro pássaro, que lembra aquele primeiro: *Sankofa*, a que Marcelo Rocha se refere em “O tempo é agora”. Assim como na pintura de Klee, Sankofa voa para frente olhando o passado; agora, porém, as ruínas e o progresso dão lugar à ancestralidade. Esta outra postura vem do provérbio de língua Akan, dos povos da África Ocidental: “se wo were fi na wosan kofa a yenki” [“não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”]. É desse tempo que fala Marcelo quando olha para a relação entre movimentos negros e justiça climática.

Seguindo o mesmo fio condutor, entrelaçando a luta antirracista e as novas tecnologias, Silvana Bahia recompõe o seu próprio percurso de vida – seu e das ainda poucas mulheres negras que atuam no mercado da inovação. Silvana deixa claro que o futuro é ancestral, mostrando uma linha contínua que vai da virtuosidade do preparo de um banho de ervas ao talento que a criação de um aplicativo requer. Talvez seja o mesmo entendimento da ancestralidade que Isaac Bashevis Singer traz no seu discurso em ídiche, pronunciado às vésperas do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, em 1978. Traduzido para o português e interpretado por Gustavo Emos, Singer nos mostra a riqueza de uma língua considerada morta e a sua extraordinária capacidade de se amalgamar com outras línguas a fim de permanecer viva.

Aliás, para se manter vivo é necessário transformar-se constantemente. É o que revelam os Amigos do Cachorro Louco ao registrarem algumas das táticas inventadas por motoristas que lutam por condições dignas de trabalho no capitalismo tardio dos aplicativos de entrega. Eles, sobretudo, indagam: como organizar a luta quando a instabilidade no trabalho impede qualquer construção coletiva? É justamente ao mimetizar os apps e criar um repertório múltiplo de ações possíveis de viralizar que, em *Nossa Voz*, essas táticas aparecem como adesivos que podem ser espalhados para além das suas páginas.

De modo semelhante, a Casa do Povo vem pensando a respeito das formas de proliferar para evitar as armadilhas do crescimento institucional, algo que levaria ao inevitável engessamento de suas práticas. Em vez de expandir seus espaços, a Casa do Povo experimenta outras formas de viver: assim, do nosso ponto de vista, é melhor ver outras iniciativas irmãs brotarem do que promover um crescimento descontrolado da Casa do Povo. A iniciativa pedagógica Casa-Escola é exemplo disso. Trata-se de uma tentativa de espalhar, abrindo o código da Casa do Povo para que mais pessoas possam replicá-lo, adaptá-lo e transformá-lo. Algumas das intervenções realizadas pelos participantes da primeira edição-piloto deste projeto estão espalhadas pelas páginas da presente edição.

Ao voltarmos nossa atenção para as práticas que acontecem na Casa do Povo, percebemos que é também por meio da tática de proliferação que o Boxe Autônomo, academia de boxe antifascista, segue mantendo suas atividades. O projeto surgiu da adaptação do modelo das academias populares que Breno Macedo e Raphael Piva conheceram na Itália, como eles contam em “*Palestra Popolare*: amor ao boxe, ódio ao fascismo”. Isso dito, não pode ser mero acaso o Boxe Autônomo ter-se desenvolvido na Casa do Povo: em “Vozes de Nossa Voz”, é possível conhecer a história do pai de Breno, que há quarenta anos treinou gerações de alunos no mesmo terraço onde hoje acontecem os treinos de boxe. É como se a presença do pai tivesse preparado um solo fértil para o filho.

As táticas de proliferação presentes nesta edição são ao mesmo tempo desesperadas, necessárias e urgentes, pois o planeta em que vivemos continua sendo devorado pelo ritmo de crescimento infinito. Fábio Zuker segue o rastro de um fogo criminoso e o conecta ao Piroceno, uma nova era geológica marcada pelo uso descontrolado do fogo, o que, por trás de ficções de controle e progresso, gera acúmulos excessivos e formas nocivas de poder. A política da terra arrasada, da monocultura e dos agrotóxicos afeta o planeta de modo geral e nossa saúde em particular. É seguindo esse fio que *Nossa Voz* nos leva do Piroceno ao prato de comida da nossa casa. Já que falar da comida é um gesto político, na matéria “Onde estão as crianças?”, Geovanna Santana organizou brincadeiras que abordam a educação alimentar. São jogos que ela desenvolveu com crianças do Bom Retiro durante a pandemia, e que aqui reunimos para multiplicar o público de *Nossa Voz* e expandir nossa comunidade também para novas gerações.

Voltando para o fogo, é preciso ainda lembrar que outro calor existe para além do da destruição. Trata-se do calor gerado pela energia da decomposição, recomposição e proliferação da matéria. Em outras palavras, o calor que está na vida e no encontro. Transformar-se para ser. O calor gerado pelo ímpeto de viver causa febre e devora o corpo cis que habita Linga Acácio em “Sonho febril”, uma carta escrita para si mesma, na qual ela trava conversas íntimas sobre sua própria composição. Do corpo coletivo ao corpo individual, encontramos nas páginas de *Nossa Voz* multiplicidades nas suas mais variadas recomposições, pois a vida é assim, pululante; e, como observa Brigitte Baptiste, tanta vida assim assusta.

Ana Druwe e Benjamin Seroussi

우리 목소리

Nuestra Voz

שטימע אונדזער

Leia e difunda

2022

↱ www.casadopovo.org.br
↱ facebook.com/casadopovoxxi
↱ medium.com/nossa-voz
↱ instagram @_casadopovo

Nossa Voz é uma publicação da Casa do Povo. O jornal existiu próximo da instituição de 1947 a 1964, quando foi fechado pela ditadura civil militar devido ao seu posicionamento político. Em 2014, foi relançado pela Casa do Povo tendo seus eixos editoriais repensados a partir do contexto contemporâneo, em diálogo com as suas premissas históricas. Desde então, vem discutindo a cidade, a memória e as práticas artísticas em consonância com o momento político atual. ↱ #jornalnossavoz

Ficha Técnica
Editores Ana Druwe, Benjamin Seroussi
Coordenação editorial Débora Donadel
Comitê editorial Ana Druwe, Benjamin Seroussi, Isabella Rjeille, Marilia Loureiro
Projeto gráfico Margem (Alexandre Lindenberg, João Pedro Nogueira e Leticia Souza)
Revisão Rafaela Biff Cera e Dimitri Arantes
Tradução Daniel Lühmann
Gráfica Cinelândia
Tiragem 3.500 exemplares
Colaboradores Alice Noujaim, Amigos do Cachorro Louco, Ana Raylander Mártis dos Anjos, Angelina Donadel Maciel, Beatriz Ferreira, Breno Macedo, Brigitte Baptiste, Bruno Kelly, Daniel Lie, Daniela Avellar, Erico Amorim de Souza Nunes, Fábio Zuker, Gabriel Massan, Geovanna Santana, Giuliana Furci, Gleyce Kelly Heitor, Guilherme Marcondes, Gustavo Emos, Jean Camoleze, Laura Fraiz, Leonardo Araújo, Linga Acácio, Lu Ain-Zaila, Luiza Crosman, Maíra Dietrich, Marcelo Rocha, Marilia Loureiro, Sérgio Costa, Silvana Bahia, Raphael Piva, Vitória Garbada
Agradecimentos Alita Mariah, Amara Moira, Camila Marambio, Camila Svenson, Carlos Fausto, Eleanor Edmondson, Giuli Romano, Jupiter Art Land, Laura Viana, Marília Oliveira, Ragil Huda, Ruli Moretti, Tiago Salgado
ISBN 978-65-997864-0-2

Além da versão impressa, os textos estão disponíveis on-line, como nas versões anteriores: as edições de 2014-2021 no site da Casa do Povo e para as edições de 1947-1964 no site da Biblioteca Nacional. ↱ **www.memoria.bn.br**
Se você tiver interesse em distribuir o *Nossa Voz*, ou se você quiser deixar sua opinião, comentário ou sugestão para o *Nossa Voz*, escreva para: ↱ **info@casadopovo.org.br**

Apoie a Casa do Povo e contribua com a continuidade de projetos como o *Nossa Voz*.

Aponte a câmera do celular para o código QR e faça parte do programa de apoio recorrente. ↱ **casadopovo.org.br/como-apoiar**

Copatrocínio:
Lei de Incentivo à Cultura · PROAC Direto · CSN Companhia Siderúrgica Nacional · Verde Asset Management · Itaú

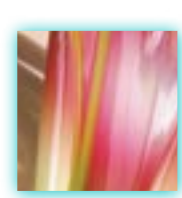
Realização:
Casa do Povo · Secretaria de Cultura e Economia Criativa · São Paulo Governo do Estado · Secretaria Especial da Cultura · Ministério do Turismo · Pátria Amada Brasil Governo Federal

Não queremos um mundo congelado,

queremos um mundo que se move, um mundo instável, mas

não tão instável a ponto de fazê-lo colapsar

p.60



Proliferações

Capa: imagem da série *Memórias de nossos funerais: de Olinda ao Jardim da Saudade*, de Gabriel Massan, realizada para Rotten TV e revisitada pelo Estúdio Margem.